

CAMINHOS CERTOS

Educação não consiste apenas em boas maneiras; é algo mais amplo, mais profundo, porque envolve o desenvolvimento da vontade, os problemas da saúde física, da higiene mental, da formação moral.

Olga B. C. de Almeida

RC
10ª edição

Olga B. C. de Almeida

CAMINHOS CERTOS

Educação não consiste apenas em boas maneiras, é algo mais amplo, mais profundo, porque envolve o desenvolvimento da vontade, os problemas da saúde física, da higiene mental, da formação moral.

Sumário

A educação - I.....	6
A educação - II	7
Palavras aos pais.....	8
Duas gerações	10
A influência dos pais na vida dos filhos	11
Formação da família.....	13
A união conjugal	14
Função paterna	15
Relações familiares	16
Estudando a criança	17
O problema é educação	19
Na aurora da vida	21
O adolescente.....	22
Caminhar por si mesmo	23
Palavras a uma jovem.....	24
Carta a uma noiva	26
Conceito de casamento	27
Harmonia conjugal	28
Sentimento de culpa.....	29
O pior dos roubos.....	30
Falsos valores	31
Direitos e deveres	33
Aprendendo a viver	33
Aproveitemos nossas energias.....	34
Enxerguemos nossos erros	35
Alcance uma vida inteligente	36
O sentido do dever	37

A importância do pensamento	38
Cuide da mente	39
Sombrios obstáculos	40
Conquiste personalidade	41
Da necessidade de refletir.....	42
O corpo e o espírito.....	43
Atitudes que definem	43
Separação e angústia	45
Vida consciente.....	46
A conquista de uma vida	47
Liberdade e autoridade	48
Mãe.....	49
Um problema fundamental.....	50
A maior conquista.....	52
À procura de um clima.....	53
Reflexões de um condenado	54
A importância da leitura	55
O dever de realizar	56
O homem e a multidão.....	57
Nascimento não é estaca zero.....	59
Estudando as multidões.....	60
A importância dos valores.....	62
Um grito de angústia	63
Honra ao trabalho.....	65
Ilusória liberdade.....	66
Visando ao plano psíquico.....	68
Nos caminhos da delinquência.....	69
Vontade e pensamento.....	71
Carta íntima	72
A estabilidade conjugal	73

O destino é seu.....	75
Um poder pouco conhecido.....	76
Educar é educar-se	77
Os sentimentos não mudaram	79
Mensagem à mulher	80
O homem partícula universal	82
Bagagem do Ano Velho	83
Sexo e espírito.....	84
Numa civilização mecânica	85
O “Eu” – Essa incapacidade moral	87
Palavras às mães	88
Mudança de civilização	89
Educação – Atividade contínua	91
Lição de alto valor	92
Uma integração benéfica	93
Aprendendo a pensar	94
Mensagem de amor	96
Delicadeza mantém o amor.....	97
Abasteça-se para escolher	98
A você, estudante	99

A educação - I

Educar-se é aprender a comandar os instintos e as tendências. Quem não tem horas para dormir e trabalhar, quem gasta e diverte-se exageradamente e não consegue dominar os acessos de cólera ou os momentos de medo, também não poderá dominar-se em qualquer circunstância, até mesmo na sexualidade.

Educação não consiste apenas em boas maneiras, é algo mais amplo, mais profundo, porque envolve o desenvolvimento da vontade, os problemas da saúde física, da higiene mental, da formação moral.

Os vícios são verdadeiras doenças morais de que se contagiam os mal-educados.

Educar-se é também preparar-se para a sexualidade normal cuja finalidade é a procriação como consequência da união conjugal. O instinto não controlado é próprio dos irracionais.

Educar é compreender, é reforçar a vida do grupo, compartilhando não só das responsabilidades e alegrias como do trabalho.

Educação não é somente o maior bem legado aos filhos, mas também o mais alto dever paterno.

Não se furem os pais a esse dever, nunca vacilando em colocá-lo acima das experiências e da tranquilidade pessoal.

O perigo de não educar os menores é o de legar-lhes um triste futuro: criaturas fracassadas ou carrascos dos que lhes ensinaram a ser tiranos.

Mas não são poucos os lares onde os filhos implantam anarquia, mandam, olham a mãe como serviçal.

A delicada tarefa de educar depende de harmonia interior, de equilíbrio, por isso nem todos os pais estão aptos a ministrá-la, embora sejam sinceramente desejosos da felicidade dos filhos. São criaturas-problema, mais erradas que culpadas, cujo comportamento é consequência da própria história pessoal: reações afetivas de parentes ou conjugais, agressividade com que foram tratadas na infância e adolescência. Mas, se a recuperação é uma lei natural, qualquer indivíduo, desde que se esclareça, que se conheça, é capaz de solucionar os próprios problemas e evitar outros (os dos filhos).

A maneira de educar não deve ser uma panacéia universal, porque as crianças não são iguais, mas há princípios gerais que evitam constantes equívocos.

Relações de afetividade indispensáveis ao binômio pais-filhos são envenenadas pelo autoritarismo que humilha, solapa a confiança, destrói o amor. São comuns em algumas famílias as ofensas que decorrem dos atritos diários reveladores de falta de confiança, de medo de futuros fracassos.

É bom que o educador não esqueça que sensibilidade ferida tem ótima memória.

Em educação, é importante a crítica objetiva que se baseia no bem-estar do outro, na análise que visa ao autocontrole, a qual será realizada com moderação e ponderação. Somente tal atitude do educador poderá ajudar a refletir.

Educar e aceitar o outro tal qual é, o que não impede de ajudá-lo a tornar-se aquilo que devia ser. Educar é dar prova de amor, mas existem pais que não dando importância às condições afetivas, agem de acordo com o modo de pensar. Imaginam que, aplicando apenas bons hábitos automaticamente, educam muito bem: a criança executa as ordens e, de tanto executá-las, torna-se um ser forte dotado de personalidade.

Evidentemente, a autoridade é indispensável, mas não impede que se afirme que tanto pode formar como deformar. Uma criança normal, mal compreendida pelos pais, será educada às avessas.

Atitudes pedagógicas rígidas e humilhantes provocam revolta surda ou declarada. O método pode ser enérgico, mas desde que apele para uma aceitação espontânea, não terá a inconveniência de desencadear reações de animosidade ou hostilidade.

O papel dos pais (principalmente da mãe) é aprender a aceitar as piores histórias dos filhos, podendo até provocá-las nos momentos de tensão para evitar cóleras surdas que conduzem, muitas vezes, à hipocrisia ou à mentira. Compreender, não para perdoar, mas para aplicar o castigo merecido.

“Seja bonzinho para agradar a seus pais” é frase que não atinge as necessidades profundas do adolescente. O erro não está no apelo ao amor filial, mas na maneira inexpressiva de dizê-lo. Mas explicar que somente o cumprimento do dever abre caminho a uma vida produtiva é reforçar, é guiar.

Agir sem durezas e fraquezas, aceitando a criança ou o adolescente como alguém que necessita de uma presença para compreender as contradições e ajudar a compensá-las é o que vale em educação — o problema mais importante do Brasil, segundo a opinião do eminente mestre Miguel Couto.

A educação - II

A educação surte efeito quando se atende às necessidades do desenvolvimento da criança, o qual se baseia não só no campo material como no espiritual. É trabalho árduo que exige um ambiente de segurança e afeição capaz de proporcionar ao educando não só bem-estar como confiança nos ensinamentos que recebe.

Com tal objetivo, todas as experiências significativas devem ser aproveitadas, porque darão oportunidades de atitudes construtivas e possibilidades de superior ajustamento à vida. Com tal propósito, conseguir-se-á que a criança desenvolva, aos poucos, adaptação ao meio e crie coragem que lhe forneça confiança em si.

Coisa muito importante na vida é a adaptação ao grupo não só familiar como social. Urge que a criança não adquira o mau hábito de mentir, caluniar e pôr à frente os sofrimentos recebidos.

Maledicência é um vício tão prejudicial como o fumo, o jogo e o álcool. Desgasta a calma e tira a alegria de viver.

O assunto principal nas reuniões familiares deve visar atividades significativas, comentários de leituras interessantes, de filmes ou peças teatrais a que tenham assistido, mas nunca intriga e maledicência cujos efeitos são sempre desastrosos.

A vida não deve consistir apenas na luta contra os outros, nem na situação de ver em cada pessoa um inimigo, mas na paz interior, independente de tudo e de todos.

Só possui domínio sobre si quem consegue serenidade, tão necessária ao meio ambiente.

Através da distribuição das tarefas diárias e da participação nas horas de folga, estabelece-se entre pais e filhos, entre professores e alunos, uma camaradagem muito eficiente em educação.

A atitude dos pais tem forte repercussão no comportamento dos filhos. Substituir o ódio e a vingança pelo amor à vida e a tudo de bom e belo que ela oferece; auxiliar os mais fracos; aproveitar o máximo do valor de cada um; colocar os interesses do grupo acima das ambições pessoais, tudo isso é exemplo que deve partir dos adultos.

Cada criatura é um conjunto de força e matéria. A força é o espírito que dirige sentimentos, pensamentos assim como ações. É o chefe invisível, mas que se revela pelas múltiplas forças ativas. Quando se perturba, a vida perde o equilíbrio.

O indivíduo age quando obedece aos impulsos do espírito e reage quando cede às solicitações do mundo exterior.

Normal é a vida se o espírito suplanta a matéria.

A educação espiritual se revela por uma disciplina espontânea que aceita as imposições da vida.

O sistema de ouvir as aulas e decorar as lições é trabalho puramente material, mas o hábito de refletir, tirar conclusões e criar é tarefa espiritual.

A vida hodierna vem atingindo grande progresso material que exerce poderosa influência especialmente na mocidade.

O jovem de hoje tem muita coisa a sugestioná-lo. Rádio, cinema, televisão, competições desportivas lhe despertam desejos nem sempre realizáveis e ele se torna um insatisfeito. Transforma-se num ser dispersivo com a vida tumultuosa que tem de enfrentar. Perturba-se de tal modo, que não sabe bem o que quer. É incapaz de renunciar a tudo que impede possibilidades de êxito. Não suporta mais o silêncio, o recolhimento e vive em busca de prazeres, conforto e luxo. A propaganda fascina-o!

Mas o espírito se alimenta de silêncio e meditação e, por isso, a educação espiritual deve começar no berço.

O bebê será conservado num ambiente calmo e silencioso. Quanto mais tenra a idade, maior a necessidade de ouvir falar em surdina para não despertar o espírito antes do tempo.

Se a coragem é a base dos elementos que formam a personalidade, educar pela coragem é obra de tão grande alcance, que merece admiração.

Repetir por toda a vida as tarefas diárias sem tédio nem fadiga é exemplo de coragem que, embora material, impressiona favoravelmente os filhos. Lutar contra o egoísmo, não exigir recompensas, resistir às injustiças com bom humor e compreensão; possuir vontade firme que vise o bem comum, tudo isso é coragem moral de cujo exemplo tanto carece a juventude.

Que desânimo não envolverá a vida dos que vão envelhecendo sem conseguir renovar as forças de trabalho e sofrimento por não terem sido bem orientados! Que sombras de tristeza não cobrirão os rostos dos que, nos últimos anos de existência, agüentam o peso do espírito cheio de vícios! Que vazia não deve ser a vida dos velhos que, por não terem aprendido a adaptar-se ao grupo, não possuem amigos!

Palavras aos pais

A mocidade paga bem caro o preço de uma liberdade desmedida, que a impede de discernir os seus valores

Estas palavras se dirigem principalmente aos pais que imaginam o filho difícil (criança ou adolescente) sem prestar atenção à influência do meio familiar, escolar e mesmo dos companheiros, a qual é decisiva.

Esquecem-se os pais de que a criança não é um ser nômade, mas uma pessoa que deve adaptar-se a uma ordem familiar e escolar pré-estabelecidas. Se essa ordem não for favorável, não haverá adaptação e a criança adquire um comportamento irregular.

Observando bem, existe uma perturbação afetiva que provoca tal comportamento, cuja responsabilidade recai sempre sobre a criança, mas foi criada pelos próprios pais. Enfrentam-se, então, duas responsabilidades: a da criança e a do adulto. Parece ao bom senso que a maior cabe ao adulto.

É um grave erro punir sem remediar a causa. Tal erro resulta, quase sempre, da inconsciente perturbação afetiva dos pais. Essa perturbação, porém, tem origem no conflito conjugal, mesmo que não chegue ao drama da separação.

Educar é conciliar princípios de autoridade e aquisição de autonomia. Mas a autonomia, que não significa anarquia, somente será conseguida com delimitação de liberdade.

Pensando assim e compreendendo que os delinquentes juvenis são vítimas da fraqueza paterna, é que os pais abandonarão este atual relaxamento de exigência, uma espécie de atitude demissionária da função familiar. E por uma atitude voluntária ou de incúria limitam seus próprios direitos.

Errados são os pais que esbordoam os filhos, mas não lhes vigiam as saídas; que permitem camaradagens perniciosas e autorizam revistas, romances, filmes ou peças teatrais voluptuosos, que não protestam contra certas voltas tardias para casa.

A mocidade paga bem caro o preço de uma liberdade desmedida, que a impede de discernir sobre os verdadeiros valores.

Se estivesse educada para a liberdade, os casamentos seriam mais estáveis e felizes. A liberdade de encontros entre moças e rapazes com naturalidade concorreria até para uma exigência mais lúcida na escolha para o matrimônio.

Acontece, porém, que os conceitos antigos sobre o amor e o casamento eram tão rígidos e defeituosos que suscitaram transformações muito acentuadas, não servindo realmente para compensar o erro. Tiveram efeito contrário: os encontros pessoais ao invés de proporcionarem aproximação de afinidades, criaram formas humanas muito esquisitas, de caráter deformado e atitudes reprováveis.

Refletir sobre as verdadeiras responsabilidades pessoais é um dever escondido que muita gente não descobre.

Principalmente na vida agitada de hoje as mães devem obrigar-se a um repouso, a um recolhimento indispensável ao seu equilíbrio mental. São instantes preciosos em que recuperam forças e serenidade capazes de realizar uma tarefa mais importante do que a realizariam com uma atividade contínua.

Infelizmente, são poucos os pais que, ao invés de condenarem com calma e ponderação atitudes e atos defeituosos (o que é muito importante), deixam-se dominar por estados emocionais de impaciência, raiva e pessimismo.

A consequência mais certa é o rompimento de relações afetivas que têm início geralmente na adolescência, época em que o filho se opõe conscientemente às imposições. E à mãe é que pesa principalmente essa situação tão desagradável por estar maior tempo em contato com a prole. Nervosa, impaciente, inábil, dá origem a um divórcio afetivo que pode prolongar-se além da mocidade.

Uma atitude exatamente oposta de ternura excessiva, de mimos exagerados é também prejudicial por não permitir ao filho a possibilidade de emancipação, podendo mesmo levá-lo às piores deformações morais.

Se a criança ou adolescente difícil forem compreendidos pelo meio, podem, graças a um reajustamento afetivo, atingir o nível normal das crianças ou adolescentes normais da mesma idade.

Obedecer é amar, desobedecer é despir-se de afeto.

Quem educa tem necessidade de conhecer-se a si e a criança.

Na própria infância dos pais está, quase sempre, a chave do enigma da criança de comportamento irregular.

A falta de equilíbrio mental dos pais, a qual eles mesmos ignoram, é em muitos casos a origem da criança ou adolescente desajustado.

O desenvolvimento da criança se fará normalmente, desde que sejam satisfeitas suas necessidades básicas: segurança, ternura e livre atividade.

A criança quer ser amada, mas repudia não só o amor que oprime como a ternura excessiva que lhe mata a iniciativa.

A atividade que lhe é peculiar provém das exigências profundas do espírito, não poderá, portanto, ser subjugada por uma coação externa.

Substituí-la por uma atividade que lhe agrade, se não for o único, será talvez o meio mais eficaz para educá-la.

A segurança se refere mais ao aspecto moral que ao material. Decorre da coerência dos regulamentos impostos, da sensação de sentir-se amada, da satisfação de sua natural atividade.

— O —

Somente esclarecidos e com uma visão mais ampla é que os pais poderão oferecer um ambiente normal, harmonioso e sadio, ou porque já o possuam inicialmente ou procurem conquistá-lo (o que é mais difícil) por um esforço consciente, visando o bem dos filhos.

Duas gerações

É muito difícil duas gerações se entenderem quando a falta de esclarecimento as separa. Entre elas, forma-se um vazio e, quanto maior for o progresso do mundo como no decorrer deste século, maior será o vazio que poderá tomar as proporções de uma brecha. É o que está acontecendo atualmente, é o que está exigindo uma iniciativa dos adultos.

Enquanto os olhos estiverem fixados somente nas dificuldades e falhas, não haverá solução para um problema que oriente a juventude tão necessitada de amparo.

Melhor será que os mais velhos não se perturbem com as situações inquietantes e coloquem o pensamento acima das aparências que cegam.

— o —

Os adolescentes experimentam nas amizades um bem-estar que não se esgota. Encontram, nas relações que escolhem fora do círculo familiar, um encanto irresistível. E formam um mundo à parte que estabelece afinidades marcantes. As reações igualam-se: conversam, têm os mesmos gostos, lêem os mesmos livros, riem, dançam e cantam juntos. Usam de um vocabulário próprio; chegam a entender-se por meias palavras, verdadeiro código de gíria que revela a confusão da própria personalidade.

Quem se dispuser a olhá-los com serenidade, pondo de lado o estado emocional, verá que a alegria que os envolve quando encontram novas relações é tão grande que chega a assemelhar-se à de um cientista que consegue uma descoberta.

Muito cuidado devem ter, portanto, os responsáveis com as companhias dos adolescentes. As amizades de hoje criam neles raízes profundas, que vão influenciá-los futuramente, redundando

num bem ou num mal. Muito discernimento com as amigadas que só desejam receber, mas não sabem dar o mínimo sequer; com as gozadoras, cuja única preocupação é a exaltação do prazer; com as frívolas, verdadeiras falenas a esvoaçar doidamente, atraídas pela chama dos prazeres que as destruirá e sem pressentir o desencanto e sofrimento que provocam.

Tais relações têm um traço comum: o desejo de gozar, a coragem para a indisciplina e todas as audácias, revoltas surdas ou declaradas contra os deveres familiares, desvios de consciência: “Se todos acham bom, eu também vou achar”.

Há, em tudo isso, um verdadeiro relaxamento da vida moral, capaz de cortar as asas do entusiasmo para uma tomada de atitude, capaz de anular qualquer esforço para sair da mediocridade.

Os defeitos psicológicos são verdadeiras doenças que devem ser evitadas como qualquer moléstia.

O mundo interior dos adolescentes ainda não está bem conhecido.

Por serem ávidos de amor, formam, com as pessoas que julgam amigas, forte corrente com elos de confiança. E, embora não o percebam, deixam entrar profundamente tudo que vem por intermédio delas.

Sendo extremamente impressionáveis, sofrem a influência da leitura mais que os adultos. Romances, contos e novelas que contenham ensinamentos da vida humana lhes serão úteis.

Nos gestos e nas atitudes, nas frases que deixam escapar, fazem transparecer a necessidade de mães que procuram orientar-se, para orientá-los, que sabem corrigir-se, para corrigi-los; mas também de pais, que sabem ser enérgicos, sem ser autoritários.

Algo de bom não poderá sair de uma comunidade de jovens em que só há trocas de vulgaridades. Não é para descuidar-se, mas para amadurecer que a juventude tem inspiração de ultrapassar.

Nada mais belo na vida do adolescente que uma pessoa amiga que lhe ofereça a mão para subir; que lhe dirija um olhar que ampara, um sorriso que encoraja, traçando ambos belos planos para o futuro.

Uma amizade assim é preciso escolher, embora seja difícil encontrar, porque depende de merecer conquistá-la.

A influência dos pais na vida dos filhos

A criança precisa, para seu desenvolvimento normal, de uma família, mas não de qualquer família. É no seu próprio lar que encontra condições favoráveis para uma vida em começo: ambiente afetivo, resguardado e homogêneo.

O meio afetivo familiar é sua maior força e, por isso mesmo, o menor desequilíbrio na coexistência dos pais causa-lhe sérios transtornos. Tão íntima é essa relação de pais e filhos que até mesmo a neutralidade afetiva entre os cônjuges se faz sentir na conduta da prole.

Mesmo que a criança, numa situação anormal, encontre alguém que lhe substitua a mãe, os fatos reais mostram, claramente, os problemas que surgem com essa condição.

Os desajustes entre o pai e a mãe são um verdadeiro suplício para os filhos, que anseiam pelo amor dos dois, unidos, a seu redor, mas repelem ser amados em separado, embora supondo que a dose de afeição seja a mesma. Falta-lhes, quando falta a estrutura familiar, alguma coisa que

constitui o elemento indispensável para o desabrochar de sua personalidade.

Cada cônjuge tem sua contribuição afetiva para a garantia de uma vida tranqüila, que se propõe dar aos filhos.

Implicâncias, brigas, ralhos, encontrados de um modo geral nas relações familiares, não quebram o elo de amor e zelo, que devem unir os membros da família. Muitas vezes até marcam um interesse comum de adaptação de idade e sexos diferentes.

Mas, se no âmbito moral o amor é o aspecto nutritivo da família, não constitui o único, porque a criança, ao lado das necessidades receptivas, tem necessidades ativas: precisa fazer alguma coisa, tentar experiências e, nesse constante arrebatamento, encontra-se muitas vezes em situações perigosas. Mais fraca que os descendentes dos animais irracionais, é incapaz de viver pelos seus próprios meios, necessita de proteção para enfrentar as exigências da vida.

A função da família é amortecer os primeiros choques, e a educação visa interpor-se entre a criança e as reações que seu comportamento pode desencadear. Os pais se excedem nesse mister, colocando um verdadeiro muro de proteção entre o filho e as conseqüências de suas próprias reações. O resultado é dissimular a realidade da vida não só no terreno material como no social e moral.

Mas, assim mesmo, com todas essas falhas, o pequeno ser encontra na família um refúgio. Tem em casa um lugar que lhe cabe por direito. Aí respira uma atmosfera sadia e não teme ser mandado embora nem abandonado. Esses triunfos lhe proporcionam novas forças para prosseguir nas experiências sem prejuízo de segurança. Seu organismo físico, enquanto se formava, precisou da vida intra-uterina, mas agora o espírito requer proteção da vida familiar, antes de adquirir energias suficientes para enfrentar a sociedade humana.

Além da experiência social, esboça-se no ambiente familiar outra mais difícil e talvez de conseqüências mais sérias. É justamente a que conduz a criança a uma atitude masculina ou feminina diante da vida. Quando descobre que há dois sexos, deve colocar-se pelo sentimento num dos dois pólos. Procura amoldar-se à conduta dos pais. O comportamento da mãe, a função protetora do pai, são vistos com agrado e entusiasma-na para as boas iniciativas.

Sendo a criança mutável pela própria fraqueza, necessita da convicção tranqüilizadora da segurança do lar para suportar o peso do mundo que a envolve. Mais tarde, com o decorrer dos anos, vai encarar o lar como um refúgio, não do cárcere onde só há desejo de evasão, mas de um porto onde se sonha regressar em breve escala.

Quando, porém, esse refúgio se desagrega, é que se compreende melhor sua necessidade: a personalidade da criança corre o risco de desconjuntar-se ao mesmo tempo.

Professores e médicos recolhem preciosos documentos de crianças vadias, nervosas, atrevidas, amorais em conseqüência de lares desfeitos.

Infelizmente, a criança é sempre a primeira a perceber a fenda do edificio prestes a ruir e muitas vezes a ameaça da destruição causa-lhe maiores males que a própria catástrofe.

A família é um meio heterogêneo porque oferece diversidade de personagens e por isso representa um pequeno mundo. É diferente, porém, dos meios artificiais criados para os filhos sem lar.

Para construir-se a si própria, a criança tem necessidade de um modelo. Procura identificar-

se com os pais que tem sempre sob seus olhos. Mas se é tonificante identificar-se alguém com outrem mais forte, torna-se, pelo contrário, debilitante essa identificação com um mais fraco ou tão fraco quanto a própria pessoa.

Através dos pais (de sexos diferentes) a criança se situa num mundo conforme o sexo a que pertence e em relação ao sexo a que não pertence.

Nem todas as famílias são perfeitas, e, se as imperfeições se refletem através dos filhos, urge que a sensibilidade infantil seja compreendida, não como uma condenação ao meio familiar, mas como prova de sua importância vital.

Formação da família

A família bem organizada estabelece entre os seus membros relações de nível elevado. Revela-se pelo altruísmo, pela simpatia, por expansões que se harmonizam e associam intimamente. Abandona o “nós sempre fomos assim”, vive do presente para o futuro, não se deixando influenciar por preceitos e dogmas dos antepassados que lhe inibem a faculdade de raciocinar.

Os esposos dão valor aos filhos, a eles se dedicam, mas deles também recebem luz mais intensa porque, educando-os, aprendem a conhecer-se e aos outros. Devem-lhes, por isso, muito.

Ao arrolar as riquezas afetivas e morais que mutuamente se oferecem, descobrem as que vêm dos filhos. Essas são mais secretas. Exercendo com dignidade a função que lhes é destinada, tanto o pai como a mãe ajudam os filhos, auxiliando-os a conquistar a consciência de si próprios. Entre pais e filhos, a qualidade educadora daqueles se relaciona à qualidade do amor que os une.

Na família bem formada, cultiva-se o amor adulto: o que tem consciência do que os outros nos dão e não apenas do que lhe devemos dar; o que ama o próximo não como o havia imaginado, mas como é. A conquista, porém, de tão elevado pensar requer esforço e paciência, desmoroamento de amor próprio, desprendimento de egoísmo.

A família bem formada, por ser esclarecida, não vive por instinto, mas, consciente e refletidamente. Enfrenta a vida com alegria e coragem; dá valor ao trabalho e não mede sacrifícios, para o bem-estar de seus componentes.

Por estarem tão desfigurados os autênticos valores educacionais recebidos no seio da família, é que a sociedade se encontra tão desorganizada. Tal situação se revela através da atitude dos adultos em relação não só à sociedade e à profissão, como à pátria e ao mundo. Sem o declararem abertamente, os indivíduos se conduzem com os que são de sua família com exigências egoístas e sectaristas.

A ambição, vaidade e egoísmo separam empregados e empregadores e ninguém se entende.

Quando há boa formação, o lar não se transforma numa arena onde se desenvolvem lutas para ver quem domina.

Os pais não confundem autoridade, despotismo nem covardia e sabem que dar uma ordem não implica em ser dócil aos acontecimentos e aos seres, mas decidir de acordo com pessoas e situações.

Compreendem também que ter autoridade não significa esmagar a personalidade daqueles por quem são responsáveis, mas, ao contrário, favorecer-lhes iniciativas e empreendimentos.

O homem esclarecido que constitui família sabe que, no lar, o outro será sempre o ponto para o qual devem convergir as atenções: ora a esposa, ora um dos filhos, mas ele será sempre o centro de todos. Compreende ainda que a estabilidade da família repousa no senso de responsabilidade do chefe. Mas, nem por isso intervém nas tarefas atribuídas à esposa.

Encarando a vida desse modo, os familiares formam um meio de companheirismo onde todos se auxiliam e se interessam mutuamente. Dissimulações, indiretas e queixumes não encontram guarida, pois cada um tem a visão intelectual do senso comum que acompanha a atitude corajosa das pessoas normais.

Abandonado o lado inútil da vida, haverá certamente progresso moral e material, saúde de corpo e espírito.

Reveses e sofrimentos não serão encarados como motivos de tristeza, mas como caminhos que conduzem à maturidade e sabedoria.

A união conjugal

A união conjugal baseia-se no amor, que resulta de uma atração em que devem predominar as qualidades espirituais.

Casamento é contrato em que se empenha a responsabilidade pessoal — pedra fundamental da fidelidade futura. Não há espetáculo mais triste que ouvir confidências de cônjuges que não se entendem mutuamente e, por isso, fazem-se sofrer. Não serão tais confidências a negação da própria responsabilidade. A comprovação dessa evidência fortalece o ânimo de certos casais de entendidos, para que suportem seus temperamentos e alcancem, através de um grande esforço, a serena unidade tão necessária à vida em comum.

Quando há erro no casamento, a culpa está quase sempre em ambos, mas cada um a coloca no outro.

Não pense, quem pronunciou o sim no ato de realizar a união, que adquiriu um objeto que pode ser trocado na loja.

A vida conjugal é um bem, pois dá uma experiência tal, que esclarece o espírito, mas só é possível organizá-la com intimidade e liberdade. São esses os alicerces para uma união duradoura, criadora de planos de valor, úteis a cada um dos cônjuges e aos seres que deles provêm. Desconfiança, ciúme, ironias, julgamentos amargos, com ou sem razão, constituem grandes obstáculos à paz do lar.

Frágeis são os laços entre marido e mulher se não houver intimidade que consiste na troca de lealdade, ternura, respeito, auxílio e confiança. Dessa intimidade nasce, naturalmente, a liberdade que não é a que muita gente julga, mas a que consiste em respeitar a do ser amado. Não se tece elogio, quando se afirma que “ele sabe dobrar a mulher” ou “quem manda e desmanda em casa é somente ela”. Foge sempre a pessoa que se sente instrumento nas mãos de outra. E quando isso acontece entre os cônjuges, acabou-se a intimidade, fugiu o amor.

Caminho certo na vida do casal é a compreensão mútua. Ao invés de julgar e condenar será mais proveitoso procurar a causa que provoca desarmonia.

A vida no lar se transforma num verdadeiro cárcere, quando um dos esposos procura dominar o outro, impedindo-o de exprimir-se à vontade aborrecendo-se com certas mudanças tão comuns com o decorrer dos anos. Ao contrário, torna-se agradável, se cada um se coloca no lugar do outro, esforçando-se para compreender-lhe a evolução interior colocando-se a seu lado como pessoa amiga, auxiliando-o, incitando-o a expandir-se livremente em relação a tudo que represente valor e bom senso.

O sentimento de fidelidade estabelece um meio ambiente de segurança que é um verdadeiro incentivo para as boas realizações na família.

Embora sejam diferentes as reações dos cônjuges pela própria natureza do sexo, o homem sempre preso à personalidade, a mulher de estrutura menos autônoma, de atitude passiva, juntos, entretanto, formam um plano superior propício à educação da prole.

Função paterna

Ao pai cabe a importante incumbência de dar a cada membro da família segurança econômica e de sentimentos.

Tal segurança permitirá à mulher desempenhar o papel de mãe sem maiores preocupações.

A vida atual, porém, com um mecanismo tão complicado, absorve o homem que anda com a existência interior vazia e o senso de responsabilidade atrofiado.

Ao regressar à casa, depois de um dia de trabalho, enfrentando filas e condução, o chefe de família se sente desejoso de calma, repouso e... isolamento. Outros, solicitados por inúmeras distrações, saem para os cafés, jogo e outras mundanidades. Os dias de folga marcam horas de afastamento da família porque filhos e pais têm seus grupos separados.

Desse modo, desaparece a intimidade no seio da família e o diálogo, tão importante no plano educativo, torna-se superficial, sem nenhum sentido. A figura paterna, cuja presença é indispensável, escasseando, vai-se apagando na mente dos filhos. Esses, têm necessidade do pai para defendê-los do mundo lá de fora que seduz, persegue, atordoa e, às vezes, acaba mesmo aniquilando.

A autoridade paterna enfraquece cada vez mais: filhos autoritários e pais sem energia numa luta em que aqueles saem vitoriosos, mas sem nenhuma glória. À proporção que os pais se tornam tão fracos na conquista do bem, os filhos se tornam tão fortes na aquisição do mal.

Absorvidos por uma vida materializada, muitos pais esquecem que o corpo tem um espírito cujas qualidades devem ser cultivadas: inteligência, raciocínio e vontade. Nesse estado, são incapazes de indicar à prole o caminho que tenha um sentido, pois eles mesmos o desconhecem porque se descuidaram de procurá-lo. Tornam-se vacilantes diante das coisas proibidas; sentindo-se cada dia mais incapazes, vão afrouxando e acabam não sabendo contrariar os caprichos dos adolescentes.

— A isto se poderá chamar amor ou maneira cômoda de poupar os nervos?

“A verdadeira autoridade é consequência de um autêntico amor”.

O pai inteligente e enérgico sabe conquistar o amor e a admiração dos filhos para não ser rejeitado nem temido.

— Que adianta proporcionar conforto material, distribuindo custosa indumentária, dinheiro e presentes à esposa e aos filhos, se não sabe despir-se de seus desejos e vaidades, se não sabe colocar-se no lugar dos outros para firmar afeição?

Autoridade, importante função paterna, depende de compreensão dos seres do que significa amor.

Quantos são os pais que, esquecendo a própria infância, não procuram compreender a criança e diante de uma falta, enfurecem-se, gritam, espancam, dominados apenas por um estado

emotivo! O filho resmunga, revolta-se, cala-se e... aprende a mentir porque passa a representar a criatura repleta de qualidades que exigem dele. E não conquista personalidade.

Os filhos só poderão desenvolver-se de um modo sadio, se tiverem apoio nestas duas forças diferentes, mas complementares: a paterna, ativa e enérgica; a materna, suave e receptiva.

Quando o casamento é exigência de amor, impõe lealdade e altruísmo.

A verdadeira paternidade exige do homem esforço de compreensão, domínio pessoal, renúncia digna em benefício do grupo.

Tanto a mãe como o pai têm que ser figuras vitais na direção do lar. Lutarão sem oposição: cada um agirá no momento oportuno, assumindo atitude exigida pelo caso.

Tudo isso é muito difícil, mas vale o esforço porque mais difícil é suportar a vida com filhos mal-educados.

Relações familiares

O problema conjugal é menos um caso de adaptação de caracteres que ajustamento de educação. Dois esposos de caracteres diametralmente opostos não chegarão a sérios conflitos afetivos, se houver educação, esclarecimento espiritual. O cônjuge que for realmente educado saberá transformar, graças a um esforço moral, tendências agressivas ou depressivas em propósitos elevados.

Assim como, ao se casarem, duas pessoas que se amam mutuamente trocam sentimentos elevados de influências construtivas, também existem as que se valem de conceitos indesejáveis, penosos a si e aos filhos.

Nessas condições, estabelece-se um acordo inconsciente, cujas humilhações e degradações são descarregadas nos filhos, verdadeiros “bodes expiatórios”, sem defesa, incapazes de um contra-ataque.

Há necessidade, para boa orientação da família, que exista consonância afetiva do pai e da mãe, que farão do lar uma pequena sociedade cuja lei seja “paz na ordem”. Na casa onde não mora o sossego, proliferam irritabilidade, violência, pessimismo.

— Como poderá o filho (sem considerarmos os casos excepcionais) adquirir consonância afetiva por si, não a encontrando nos pais? — Inventando-a por conta própria?

Mostra-nos a experiência que onde existe conflito conjugal, há, quase de um modo automático, o conflito paralelo nos filhos.

E conflitos são promessas de fracasso...

Os desvios morais do adulto têm origem na infância, cujos acontecimentos são capazes de retardar o desenvolvimento mental.

A vida dos pais é um espelho, onde os filhos se miram; o exemplo dos pais vale por uma lição. A criança se utiliza dele para tornar-se adulta. E o processo educativo é tanto mais eficiente quanto mais espontâneo e inconsciente.

O inconsciente se refere ao exemplo; o espontâneo representa a maneira por que é posto em prática. Uma palmada pode assumir as proporções de um trauma como pode ser um despertar de consciência. Tudo depende do clima de afeto existente, tudo depende do bom senso de quem o aplica.

O ambiente de afetividade é tão necessário à vida, que, na infância, a compreensão afetiva precede a intelectual.

Aos olhos não esclarecidos, a vida é cheia de surpresas. Decorrem, porém, de reações psíquicas sutilíssimas.

É o caso em que a criança perturba, em parte, a harmonia entre os pais, lançando-os um contra o outro, acrescentando a esse triste espetáculo o desastre da própria educação.

Parece, à primeira vista, impossível que um filho possa ser pomo de discórdia dos próprios pais. Mas o espírito pode encontrar um ambiente desfavorável ao próprio progresso depois do nascimento, embora o tenha escolhido antes de nascer! É que os pais, como pessoas, estão sujeitos a modificações no tempo e no espaço.

Outras situações podem ainda desvirtuar as relações afetivas que devem existir entre pais e filhos.

Nem sempre a vinda de uma criança é bem recebida por um dos cônjuges.

Sucedem ainda revelar o pai certa animosidade em relação ao menino porque desejava o nascimento de uma filha.

Pára, às vezes, um desentendimento, uma espécie de ciúme mal revelado no meio ambiente onde o marido não percebe que na mulher o comportamento materno suplanta o conjugal; onde a mãe não compreende que para o homem os comportamentos conjugais têm a primazia em relação aos paternos.

As relações psíquicas são tão profundas quanto pouco conhecidas!

Não são poucos os pais que acham que educar um filho é pô-lo na situação de curvar-se às sanções aplicadas, às ordens dadas, aos estudos escolhidos.

Em alguns casos, pode ser que esse sistema autoritário dê resultado, mas quase sempre cria a criança difícil, chamada “problema”.

Toda criança é um problema. Basta que esteja em relação a outras pessoas. Seu lugar em relação à família não pode ser de simples justaposição entre o pai e a mãe, mas de uma presença suposta com trocas de afetividade.

Se essas trocas forem realmente sinceras, se houver consonâncias normais, não haverá criança difícil. Mas se tais condições não forem preenchidas, a criança será um problema difícil para os pais e para si mesma.

Separação e solidão são as características de famílias que não vivem num plano mental elevado.

Sofrem influências cujos padrões de conceitos errados dos antepassados tornam-nas incapazes de raciocinar.

Estudando a criança

A criança é um ser em contínua evolução à procura de um caminho que não vê com nitidez.

A criança, esse enigma vivo, difere tanto do adulto, que se torna difícil desvendar-lhe a alma.

Na mesma família, a diferença entre os irmãos é evidente sob o ponto de vista de inteligência, afetividade e reação de comportamento. A par dos elementos comuns, cada criança possui temperamento próprio, base da personalidade. A diferença atinge não só o plano psíquico

como o patológico. A criança é autoritária e destruidora; algumas doenças como o escorbuto, a poliomielite, o raquitismo são próprias da infância.

Existem duas espécies de hereditariedade: a geral, relativa à espécie humana e a específica, que se relaciona à espécie individual.

Por necessidade de progresso, a unidade espiritual, provinda de gerações anteriores, procura o meio adequado ao nascimento. O filho pode, portanto, diferenciar dos pais.

Para educar, há necessidade de estudar e compreender a criança.

Com irresistível simpatia o menor imita pessoas afins: serviçal, parente, companheiros, coqueteria das artistas de cinema, rádio e televisão. Não tende apenas a imitar maneiras, mas também caráter sob a forma de sintomas nervosos.

Será, portanto, errado atribuir à hereditariedade todas as perturbações do sistema nervoso.

Pais e mestres são paradigmas da vida infantil. Imitando-os, a criança copiará o modo de trajar, maneiras corretas ou incorretas de falar, delicadeza ou arrebatamento. E a afinidade de temperamento conduzirá à igualdade — forma completa da imitação.

Criança é ser vivo em contínua evolução à procura de um caminho que não vê com nitidez.

Sendo imatura, imita o adulto inconscientemente no que é bom, mas também no que é mau. Mas à medida que se desenvolve, a imitação passa de instintiva a voluntária, influenciando mais tarde na estrutura moral.

Tal comportamento deve ser o ponto de partida para educá-la.

Apesar da hereditariedade não ter real importância por ser um fenômeno de continuidade, não deve ser abandonada e a educação se fará em função do temperamento.

A criança não é uma tábua onde os pais escrevem o que dela desejam fazer! A finalidade educativa consiste em canalizar instintos, aptidões e tendências para melhorar. Os modelos escolhidos para a cópia do menor constituem documentação preciosa para distinguir não só as crises como as remotas aspirações infantis.

O adulto é uma soma, em grande parte, das identificações da infância. Alguma coisa fica sempre em quem possui maturidade, embora nenhuma possa ter o poder de marcar-lhe a vida!

Por ser muito sensível, a criança sente grande prazer quando recebe elogio. Não se esqueçam os pais de que, acariciando os filhos quando procedem bem e olhando-os friamente quando procedem mal, estarão agindo eficientemente sob o ponto de vista educativo. Só haverá progresso onde existir estima e censura.

Essa atitude terá muito mais valor que ameaças e castigos, porque induz a compreender, em pouco tempo, o tratamento diferente. Falar constantemente à criança para repreendê-la é cometer grave erro, pois o elogio dá largueza, incentiva, ao passo que a crítica permanente fere e acaba mutilando. Pior ainda é viver num ambiente apático e neutro onde reina uma concepção meramente abstrata e impraticável sem o acompanhamento afetivo a exercer influência sobre a conduta humana. Se tal situação é prejudicial ao adulto, muito mais o será à criança!

Tão grande importância tem a sugestão na vida infantil, que meios morais e psicológicos são capazes de criar um instinto artificial. Dizer-lhe que é doente equivale a atrair sobre ela enfermidade.

Sendo crédula, a criança amolda-se a merecer a definição que lhe fazem. E grande número de anomalias se deve às desastrosas sugestões de pais ignorantes ou de educadores imprevidentes.

Quem diz à frente de um menor que ele não é inteligente, que é preguiçoso ou estouvado, estará criando defeitos que apenas existem em estado embrionário. Alguns estados neuróticos resultam de sugestões brutalizantes que provocam medo e despertam sentimentos de ódio.

Não se conserva uma criança normal, sugerindo-lhe idéias anormais ou doentias, mas lembrando que a realização de um sentimento bom é um convite ao mau a ceder-lhe o lugar.

Embora com restrições ou influências contrárias, o ser humano é naturalmente crédulo e esse sentimento se reforça quando o que afirma tem autoridade. Mas quando a criança ou o adolescente são ludibriados em sua boa fé, podem chegar ao extremo de mudar, inconscientemente, de temperamento, passando de pessimistas a cínicos.

Quantos defeitos serão evitados se a boa vontade dos adultos tocarem nos pontos fracos para transformá-los nas qualidades que devem ser apuradas!

Falar sempre na qualidade oposta ao defeito é higiene mental.

Malícia, teimosia, vício, são sugestões malignas de más companhias.

É falsa a idéia de atribuir à hereditariedade o que vem de fora.

Tudo que se disser em voz alta a uma criança sobre o próprio estado mental terá o efeito de sugestão. Por isso, diante de um ato reprovável, o papel do educador é procurar corrigi-lo, mas com o cuidado de não interpretá-lo no pior sentido. Supor um vício pode redundar em produzi-lo.

A vida humana se resume num conjunto de hábitos que a criança está sempre à procura nos próprios movimentos.

Se a imitação sucessiva se transforma em hábito, deduz-se que a uniformidade de costumes morais e sociais tem grande importância em educação.

O problema é educação

O progresso da humanidade está em crescente marcha. Exige, porém, para que haja, no mundo, um perfeito equilíbrio, o conhecimento do ser humano como força e matéria. Somente esse conhecimento será capaz de fazer compreender e dirigir a vida.

A prova disso é um constante desvirtuamento do caráter e uma alarmante delinquência juvenil.

Os adultos, anêmicos de espiritualidade, tornam-se imaturos e impossibilitados de guiar a infância e adolescência.

Mas o menor precisa de uma educação que vise além da inteligência e formação profissional a personalidade.

Tal educação se conseguirá mediante um clima favorável em que a autodisciplina aliada à autocrítica consiga uma verdadeira lapidação. Compreende-se que o clima não consiste somente no ar que se respira, mas também nos pensamentos da comunidade em relação aos componentes de cada grupo.

Tanto a criança como o adolescente não podem ser abandonados aos próprios impulsos.

A adolescência é a fase das contradições e vacilações e por isso deve ser vigiada e orientada.

Aos pais e educadores cabe a grande responsabilidade de formar um ambiente capaz de influir na personalidade total do educando.

A mãe, principalmente, é que deve tomar a si a maior parcela dessa tarefa tão delicada quanto complexa.

Por estar grande parte do tempo em contato com o filho, pode conhecer-lhe as boas e más tendências.

Permanentemente vigilante, com um comportamento sereno e esperançoso do que é útil e válido, com uma vida ordenada, contagiará não só os filhos como todos os componentes da família.

A atmosfera em que vive o adolescente é fundamental, por isso tanto pode pervertê-lo como educá-lo.

A juventude, embora rebelde, é também dotada de grande plasticidade e aceita qualquer comando, desde que seja significativo, desde que não a deforme, se a visão do passado for fracionária.

Abandonada aos próprios impulsos, entregue às pressões desvairadas do ambiente social, pode transformar-se no pior dos animais; mal dirigida, utilizará a atividade para os piores objetivos.

Atravessa-se a era da família cujo encargo será o de canalizar e conservar os sentimentos generosos, insistindo nos bons exemplos.

Sem sentimentos de dever, dignidade, trabalho e justiça jamais os pais poderão despertar nos filhos o desejo de aperfeiçoamento progressivo.

A **indisciplina** é o reflexo de carência ao estímulo de honestidade.

É salutar a influência dos pais que compreendem o valor de se fazerem amados para conseguir uma aceitação interior. A moralidade dos pais é uma grande força de segurança no equilíbrio dos filhos, pois a puberdade e a juventude são fases em que o contágio é evidente.

Urge que a família assuma uma atitude constante em face da vida, da profissão e do mundo; que seja o centro irradiador do esforço educativo no sentido abusivo da força.

Mas para atingir tão elevado nível moral, é preciso conhecer a psicologia do adolescente e criar vivências honestas capazes de elucidá-lo.

É um erro atribuir à adolescência todos os direitos e aos pais e educadores todos os deveres.

Moral é coisa que se recebe no início da vida para desenvolver mais tarde por iniciativa própria.

Não resta a menor dúvida de que a educação se firma na individualidade do educando, mas isso não significa que o educador se submeta aos caprichos da criança ou do adolescente que lhe cabe orientar.

Muitas das restrições sentimentais e humanitárias ditadas pela Biologia, Higiene e outras ciências afins em relação às crises da puberdade põem a Pedagogia em apuros, sem saber como fixar a disciplina.

Mas é evidente que o sentimentalismo conduz a graves erros.

A atitude educativa da família se tornará mais eficiente quando se diferenciar o sentido das palavras domesticação e educação. Por meio daquela, o indivíduo apenas aprende a ser governado; por meio desta, consegue governar-se.

Educar é dar provas de firmeza e coragem, ter hábitos de trabalho e esforço, resistência ao sofrimento.

Saber sofrer é dar provas de boa educação, é compreender o valor do sofrimento como lapidação do moral.

Conseguir tirar dos fracassos e fraquezas uma lição para o futuro é gravar no livro da vida a mais bela página: é saber tirar das ruínas elementos para a construção de um rico edifício que se chama Moral.

Na aurora da vida

Você, que é jovem e precisa de orientação, não se deixe levar pelas criaturas que nenhum valor dão à vida. Veja, na existência dos indivíduos cujo comportamento é só orgia, reflexo de ódio e desespero.

A vida humana é coisa preciosa, de incalculável valor, para aqueles que não lhe dão como alimento angústia ou centelhas de ódio. É coisa preciosa para os que se convencem de que somente a voz do amor é capaz de abafar as explosões de cólera e os sentimentos de maldade.

Você é estudante e espera definir-se por uma profissão.

Educar-se para a profissão é desenvolver vontade para conseguir confiança em si, primeiro passo no caminho do trabalho, e trabalho é sina a que ninguém deve furtar-se, sob pena de cair na miséria. Mas miséria é um abismo em cujo fundo se confrontam as Dores e os Vícios.

O estudo é a primeira profissão e exige todas as qualidades inerentes ao trabalho: lealdade, assiduidade, esforço, solidariedade, coragem e, principalmente, vontade. Mas se o hábito dessas qualidades forma o caráter, conclui-se que o estudo vale mais pela formação da personalidade que pela aptidão mental.

Somente estudando, você compreenderá o valor do estudo: satisfação de saber, descobrir e realizar. Realizar, no sentido de ser útil à comunidade e assumir um cargo de alcance social.

Ser o primeiro da classe é um fato espontâneo, por isso, quando exigido, pode acarretar sérias deformações morais pela diminuição de algumas qualidades como a modéstia e o companheirismo.

A família pode e deve estimulá-lo sem que o prejudique sob pressão externa de promessas ou ameaças.

Recuse-as, mas tire do castigo merecido uma lição de vida: “relacionando-se ao erro, o castigo ensina que os prejuízos devem ser pagos”.

O fracasso repetido nos estudos é capaz de provocar cinismo, máscara muito mais feia porque retrata uma decepção consigo mesmo.

Aprenda a compreender o valor do boletim escolar: ele lhe mostra as melhoras conseguidas assim como os pontos fracos a exigirem revisão e correção. Não se desvalorize tanto, a ponto de falsificar as notas!

Se você se envergonha ante os olhares e as palavras menosprezantes, não será melhor corar sozinho diante da própria consciência?

A vida dos heróis e dos grandes homens se revela desde cedo com o sucesso escolar.

Talvez, você se lembre de que há casos de estudantes indisciplinados que se tornaram homens de valor.

Existem, sim, aqueles que, procurando conhecer-se, conseguiram, em ocasião oportuna, a recuperação do tempo perdido. Mas são exceções. Todo êxito é o resultado de esforço; todo esforço é vontade posta em ação.

Muita segurança material significa um alçapão dourado à espera de uma presa que se chama mediocridade.

Compenetre-se de que o valor do homem não está na profissão que escolheu, mas na maneira por que a realiza.

Antes de optar pela carreira examine-se bem.

Vocação, meu caro, é apelo que leva o indivíduo a tirar de si mesmo riquezas para oferecê-las a outrem. E o êxito da realização estará no rumo que tomarem os que as receberam.

No exercício da profissão, procure, antes de tudo, amá-la, porque o importante é o amor com que a pessoa marca a vida.

Entre os muitos problemas sugeridos pelo amor, destaca-se o do conhecimento da verdade. Somente ele lhe dará forças para distinguir o impulso instintivo e submetê-lo ao dever; somente ele engendrará a conquista da liberdade tão difícil de ser compreendida e conquistada pela juventude.

— Alguém pode considerar-se livre, quando houver contradições na maneira de pensar e agir?

Conquistar liberdade é bastar-se por si mesmo. Procure situar sua vida neste maravilhoso triângulo: Liberdade, amor e verdade.

Viva sob o signo de um ideal e lute por ele!

Procure, por si mesmo, no cotidiano, o caminho que leva a um mundo melhor. Os atalhos aparecem através da educação e comunicação, das relações com o trabalho.

Se você, até hoje, não ouviu palavras como essas, que resultam de uma longa experiência aliada a um forte desejo de ajudar, procure refletir bem sobre tudo que acaba de ler. Reúna suas forças com tanta vontade e lealdade que sejam capazes de levá-lo a um fim digno, o único que vale a pena neste mundo.

A mocidade lhe reserva um potencial de energia. Aproveite-a enquanto é tempo.

Não se deixe dominar pelas fraquezas morais capazes de arrastá-lo... para onde?

O adolescente

O adolescente, dispondo de meios de adulto, deseja ser tratado como tal, mas é ainda uma criança: magoa-se constantemente e comete infantilidades. Atravessa uma fase complexa que o torna confuso e chega mesmo a confundir certos pais.

Mas afirmar que dispõe de meios de adulto não significa que possa utilizar-se deles. Para tanto, precisa de maturidade. Esta é a nobre e espinhosa missão do educador: ajudá-lo a atingir maturidade em tudo: no comportamento, na inteligência e sensibilidade.

Diante de si, têm os pais um indivíduo quase adulto, mas continuam a tratá-lo como criança. Esse é o grande erro! Toda contribuição que o ajude a conquistar personalidade será aceita, desde que os elementos sejam utilizados na ocasião oportuna: quando deseja ou tem necessidade deles. É o momento maravilhoso da técnica educativa: auxiliar quem procura situar-se como adulto. Uma resposta adequada vale mais que conselhos, castigos, máximas consecutivas, não por serem prejudiciais, mas por estarem inadequados à natureza do adolescente.

Quem orienta um adolescente deve usar da palavra como meio de comunicação de um espírito a outro, o que significa ser sincero para colher proveito. Sacrifícios inábeis não ajudam, mas conduzem a resultados imprevisíveis. A tirania anula o senso de responsabilidade. Coagido, o jovem reúne todas as forças interiores para fugir ao domínio, contrariando os que o cercam e que, (embora inconscientemente) o impedem de atingir autonomia para a qual o impele uma força natural — a do desenvolvimento.

Maturidade no comportamento corresponde ao sentido de autonomia que se não deve confundir com liberdade de fazer o que quiser, mas possibilidade de seguir uma lei, um regulamento por si mesmo. O que possa parecer à primeira vista desobediência é uma atitude de ensaio para a conquista de individualidade. O jovem quer ser adulto e, por isso, não suporta

imposições nem castigos aplicáveis às crianças. Renega sermões; mas precisa de ajuda. Não deve, pois, ser abandonado. Tem necessidade de alguém que o compreenda, que mantenha consigo um profundo contato de espiritualidade, sensibilidade e afeição, o que não representa abdicação de autoridade. Deixar-lhe a responsabilidade do próprio comportamento é o caminho a seguir. Nem a conversa de igual para igual será a terapêutica.

Não se acredite que o adolescente rejeite qualquer auxílio, mas creia-se que esteja de acordo com as leis espirituais. Os princípios que partem dos que o cercam não serão subentendidos, se forem vividos. Será tão difícil organizar a vida familiar de um modo tão fecundo que dirija as boas iniciativas?

Exigir do adolescente confiança incondicional é tirar-lhe o direito de raciocinar, de fazer algo por conta própria. Exige-se da criança que conte tudo, mas com o adolescente será melhor não fazer disso uma obrigação, para não sugerir mentira. Respeitando-lhe os segredos, consegue-se conhecê-los com maior facilidade, desde que se não faça disso um artifício velhaco. Uma intimidade excessiva entre um dos pais e o adolescente exclui dos dois a possibilidade de uma vida pessoal, símbolo de maturidade.

A evolução do espírito se processa gradualmente. Qualquer obstáculo a essa evolução, da infância à adolescência, é prejudicial, pois fixa uma fase difícil de ser ultrapassada. A prova disso é o sem-número de adultos que não chegam à maturidade.

Inúmeros adolescentes não conseguem atingir o senso da realidade em consequência da atitude pouco compreensiva e exageradamente severa dos pais. Então, empregam todo o esforço para tentar evadir-se, mas só conseguem colocar-se em situação desvantajosa.

Se o pensamento é uma força, será ótimo fazer um conceito do adolescente que o valorize. Proclamar-lhe os defeitos, embora com a intenção de corrigi-lo, é obter exatamente o que se não deseja. Dizer-lhe: “você é um vadio, a vergonha da turma” é gravar-lhe na mente tal comportamento. Mas imaginá-lo uma pessoa normal, tornando-se autônomo, amadurecendo, é auxiliá-lo a desenvolver a faculdade de tornar-se um verdadeiro adulto.

A maturidade afetiva prende-se à disposição para o casamento e relaciona-se à faculdade de amar sem egoísmo, sem o feto único da posse. Depende também de um caráter físico — o da sexualidade normal.

Auxiliado pela família e pelas próprias reflexões sobre as experiências da vida, o adolescente toma conhecimento da natureza humana: diversidade de atitude de acordo com o sexo e o meio. Guiado espiritualmente, possuído do senso de autonomia e responsabilidade, ressentido da limitação, procura a mulher que o completará numa união fecunda de amor.

Caminhar por si mesmo

A educação não seria tarefa tão espinhosa, se pais e filhos fossem esclarecidos.

“Faça-se a luz” é lei universal, e ela surge seguindo seu destino. Observe-se a luz, que se esbate nas plantas fazendo ressurgir do verde o ar vivificante; a que reveste a casa, para conservar a vida; a que bate no coradouro, restituindo a brancura primitiva; mas, procure-se atrair e compreender a luz que envolve as criaturas e lhes dá os bons pensamentos. Essa é pouco conhecida por não ser deste mundo.

Educação também é luz que ilumina a mão que tira das trevas o ser humano, sacode-o e ensina-lhe a andar com as próprias forças.

Pais esclarecidos devem compreender que os filhos, inconscientemente, os tomam por modelos, mas, conscientemente, identificam-se a eles, quando se comprazem da boa orientação.

“Faça o que eu disser, e não o que eu fizer” é fórmula negativa de educar. Que deformação de caráter encerra esta frase tão ouvida: “Estude meu filho, para agradar a seus pais”. Com raciocínio, a forma seria outra: “Estude, meu filho, para seu próprio bem”.

Se a família é uma instituição, deve ter um regulamento que representa não o desejo pessoal, mas a formulação de direitos e deveres.

A vida humana está sujeita a duas influências: a hereditariedade e o meio ambiente, mas para suplantá-los existe a força da personalidade.

A hereditariedade influi apenas nas inclinações e a prova disso é o comportamento de certos filhos. Não são poucos os casos em que filhos e pais desajustados são criaturas perfeitamente equilibradas. Ninguém herda vícios. Esses aparecem quando o indivíduo se põe em contato com o mundo exterior.

Outro fator de muita importância no campo educacional é o grau de espiritualidade de cada membro da família. Observe-se que, entre os familiares, não são tão fracos nem tão dotados uns quanto os outros. Mas, o corretivo é a educação que faz do educador conseguir arrancar de cada vício o germe da virtude.

Pensando bem, tudo no Universo deve manter-se em equilíbrio. A avareza nada mais é que a hipertrofia da economia, assim como a desobediência pode ser, em certos casos, a afirmativa de personalidade.

O papel dos educadores nunca será o de anular os defeitos por meio de conflitos, nem considerá-los males incuráveis ou congênitos. O mal não está no indivíduo, mas na maneira de educá-lo. Quando é grande a desproporção entre o que pode produzir a criança ou o adolescente em relação ao que se solicita, surge o espírito de oposição, o educando se revolta, perturba-se, torna-se incapaz de compreender os sacrifícios que lhe pedem em favor dos fins que lhe escapam. Mas, diante desse triste cenário, não esmoreçam os pais, porque o perigo está na proliferação dos defeitos e conseqüentemente no avassalamento.

A principal preocupação dos pais deve ser o aproveitamento das possibilidades de cada filho, fazendo da casa um pequeno mundo que anima, não desencoraja, eleva, não perverte, ampara, não abandona.

O método a seguir será o de ensinar antes de exigir: obediência, conhecimento da verdade, o sentido do dever e do comportamento cotidiano.

Num mundo assim, os filhos serão felizes porque respirarão uma atmosfera de amor, compreensão e trabalho. Não assistirão aos tristes espetáculos dos pais a brigarem diante deles, não ganharão brinquedos que representem destruição, nem assistirão a filmes impróprios à idade.

Mas, para tanto, é indispensável a presença dos pais e principalmente da mãe.

Se a educação não se processar em tais moldes, a família estará concorrendo para aumentar a legião dos que, não sabendo lutar com as próprias forças, tornam-se suicidas, criminosos ou mendigos.

Palavras a uma jovem

Nesse mar agitado, a vida de hoje, não é muito fácil um encontro entre nós. Aproveito a oportunidade para dirigir-lhe palavras que espero serem uma fonte de esclarecimento.

Não pense que vem, à baila, frase como esta: “no meu tempo, o noivo não tinha liberdade de sentar-se ao lado da eleita”. Nada disso! O mundo não pára e o progresso também. Meu tempo está muito longe do seu, o que não impede que, juntas, procuremos entendê-lo.

Agora, tudo é comum: esporte, estudo e trabalho. Acabou-se o tempo da separação de moças e rapazes por um tabique. A própria vivência moderna provoca, a cada instante, ocasiões de encontro.

Nenhum mal haverá nisso, se procurarem o verdadeiro sentido de tal aspecto. Tudo, na vida, tem seu lado bom, mas também o mau.

Sendo o homem e a mulher duas metades diferentes, mas complementares, devem mesmo viver juntos. Completando-se é que se entendem. Só assim formarão outro mundo mais feliz do que este.

O homem possui inteligência diferente da mulher. De um modo geral, esta é intuitiva, aquele, intelectual.

Enquanto o homem raciocina, a mulher sente. Mas sensibilidade e raciocínio são caminhos que levam à posse da verdade.

Os costumes atuais, portanto, podem facilitar uniões matrimoniais bem mais acertadas que as de outrora, se a escolha se fizer com critério.

A felicidade tão almejada se firmará no conhecimento e respeito mútuos. Uma clarividência anterior ao casamento evitará surpresas desagradáveis.

Conhecendo, em solteira, a psicologia masculina, a jovem não sonhará com o príncipe encantado que partilhe de todas as nuances de sua sensibilidade e, depois de casada, não se julgará infeliz. A insistência em querer receber do esposo manifestações femininas pode criar um drama ao invés de cultivar harmonia.

Bem sei, minha querida jovem, que pôr em prática a aceitação do comportamento do homem na sua idade é uma prova dura, pois exige paciência e força de vontade. Mas não se esqueça de que só vence quem, realmente, deseja.

Fato idêntico se dará com o marido que escolher para esposa não a autêntica companheira, mas uma romântica.

O triunfo do casamento tem suas regras. Só se convive bem com o rosto descoberto. A vida em comum se reverte em benefício se houver sinceridade. E essa atingirá as raias da fidelidade, se cada cônjuge for rigoroso consigo mesmo, repudiando, no tribunal interior que se chama consciência, todas as pequenas farsas que não condizem com a pessoa digna.

O importante na vida é que os dois se conheçam para que se compreendam mutuamente e, compreendendo-se, encontrem o segredo da harmonia no lar.

Seu futuro esposo não será conquistado com artifícios, que facilmente caem, mas com franqueza e lealdade.

Tenha cuidado com seus ares e vestimentas. Empreste-lhes um aspecto de elegância e beleza, mas não um aspecto tentador. As audácias femininas é que provocam a audácia no homem.

Serão sinceras ou ingênuas as moças que afirmam nada de mal verem nos trajos provocantes? Será inteligente aquela que, depois de uma noite festiva, se julga com a consciência tranqüila, mas carrega a responsabilidade de faltas graves, cometidas por alguém por ela insinuado?

Defenda-se contra os assaltos que vêm de fora, mas também contra os de dentro. Os vícios se tornam tão dominadores quanto prejudiciais. Crie forças para combatê-los. O uso do cigarro, do álcool e dos esportes violentos causa males aos órgãos e mais depressa ao sistema nervoso. E você, minha jovem, não deseja ficar cansada de viver antes de ter vivido.

As amigas de hoje irão marcá-la para o resto da vida. Que poderão interessar-lhe as companhias duvidosas de moças e rapazes que não respeitam nem a si mesmos, que têm medo de

ouvir em voz alta recordações duvidosas e sentimentos proibidos? As amizades marcadas pela beleza moral enriquecem porque, na espontaneidade das trocas, dão o melhor de cada um.

Não sei se você já pensou nisto: os professores não dão cultura, mas desenvolvem o gosto para conquistá-la. Cultura é trabalho puramente individual. Substitua as leituras de lata de lixo pelas que instruem. Você está no começo da vida e não precisa chafurdar na lama para conhecê-las. O livro que se obstina em mostrar o que não tem valor não é leitura para sua idade, porque pode arruinar-lhe a alma e tirar-lhe a indispensável confiança na vida.

Organize seus passeios, tenha a liberdade de organizar suas festinhas, de possuir amizades com autorização de seus pais, mas, antes, pense bem nas palavras deste nosso encontro para que espontaneamente saiba defender-se e progredir.

Carta a uma noiva

Recebi, ontem, o convite para seu enlace matrimonial e apresso-me a escrever-lhe.

Algumas reflexões sobre o casamento para quem está às vésperas de casar-se não é nada mau. Isso é que me sugere o assunto desta carta, mas espero que você a receba como prova de afeição.

O momento do “sim” deveria ser acompanhado das seguintes palavras: “Aprenderei a receber meu cônjuge como recebo a vida, sem esperar tudo dele e oferecer-lhe sem obrigar a receber. Serei responsável por ele, mas não o acompanharei nas fraquezas e caprichos”.

Todo drama conjugal, minha querida, resulta do choque do egoísmo: quanto mais forte, mais frágil o elo.

À medida que o egoísta se expande, menos compreende o que se passa com o outro. Torna-se incapaz de adivinhar-lhe os anseios mudos ou declarados.

Casamento é situação de contato que deve ser compreendida no conjunto e nas reações individuais: um ser humano desenvolvendo-se no tempo, a seu lado, mas diferente de você.

Penetre no íntimo de seu próprio temperamento e no de seu esposo. Dessa reflexão, imposta pela vida, sua sensibilidade se irritará, se você for egoísta, mas se for generosa, servirá para esclarecê-la cada vez mais, fazendo-a decifrar um gesto, um silêncio, uma suspeita; fazendo-a analisar as qualidades dos sentimentos que a animam.

Só depois que o casal faz essa penetração de caráter profundo e reciprocamente é que o amor conjugal atinge maturidade e será duradouro. Cria-se, então, um ambiente de companheirismo, de assistência mútua e doação.

Dê, minha querida inexperiente, à expressão “assistência mútua” um sentido mais amplo, mais humano, o que significa não fazer todas as vontades, aderindo aos caprichos do outro, mas ajudá-lo de tal modo que pareça até oposição. A aceitação interior do outro se revela por uma atitude de repouso e serenidade, pelo abandono de irritação do amor próprio e de exigências insatisfeitas.

Tudo isso é sabedoria que, às vezes, infelizmente, só aparece no limiar da velhice, parecendo até senilidade aos olhos menos esclarecidos.

Aceitar a vida como é revela mentalidade adulta que nem sempre concorda com a idade

cronológica.

Quem não souber receber a vida conjugal com todos os sacrifícios e renúncias será incapaz de aceitar o próximo, inclusive os filhos, esses selvagenzinhos forjados por nós.

Todos os reveses do amor humano prendem-se à falta de sentido dos outros. Casamento, minha querida, tem duas finalidades: uma que se refere aos interesses individuais dos cônjuges, outra relativa ao bem dos filhos, da família e da sociedade. Por serem diferentes, só podem permanecer em hierarquia. Quando a primazia cabe aos cônjuges, então o casamento é o fim de uma história de amor a par de um crime de lesa-sociedade; mas na concepção de um humanismo integral, a felicidade caberá aos filhos, à família e à sociedade, e a união será um bem comum.

A família é o lugar onde se experimentam as relações humanas, onde se fermenta a injustiça maior, a da atmosfera das nações.

O verdadeiro valor da maternidade e paternidade, resultante do amor conjugal consciente, que atingiu o nível de maturidade, tem sido desfigurado e até ridicularizado, mas as conseqüências se refletem na sociedade atual: completa desarticulação na vida social e profissional; cargos de direção nos partidos políticos e nas profissões revelando agressividade egoísta, intolerâncias lastimáveis.

O homem de hoje sente uma angústia, uma insatisfação reveladoras de imaturidade de amor, pela falta de conhecimento de si e dos outros. Por ter a vida espiritual anestesiada, procura a variedade, os acontecimentos fugazes, tudo que permita o esquecimento de si. A casa e a família não podem agradar a esse tipo humano tão saltitante.

Por tudo isso, minha jovem, ainda não lhe dou os parabéns, mas faço sinceros votos de que tenha coragem e muita moderação nesta maior experiência da vida que é o casamento.

Conceito de casamento

“Quem pensa não casa” é adágio que não tem significação para a pessoa esclarecida.

O indivíduo que procura compreender-se e adquirir conhecimentos sobre a ciência da vida e projetá-los em outro não escolherá a esmo. A atração espontânea e durável só existe entre dois seres que tenham afinidades, embora situados em planos diferentes.

O casamento cria entre dois seres não só laços biológicos como espirituais. Cada cônjuge, sem ferir individualidade e autonomia, forma no outro, com o acréscimo que lhe oferece, uma pessoa humana completa, com maior personalidade.

Unir-se a uma pessoa pelo matrimônio é fazer penetrar em si e nela uma nova forma de sentir, agir e realizar. No ser total, marido e mulher, surgirão novos hábitos, diferentes reações psicológicas. É uma verdadeira integração que apresenta maiores ou menores dificuldades, crises e conflitos parcial ou totalmente superados por um constante esforço e boa vontade. E não é em pouco tempo e sem paciência e perseverança que se processa a fusão de duas individualidades. Esse longo esforço de duas pessoas, conservando cada uma consciência cada vez mais lúcida, é que firma o amor conjugal.

O casamento constitui uma nova e importante experiência da vida. Mas a vida representa uma série de situações mais ou menos complexas que exigem dos seres humanos dominação serena e consciente. Conclui-se, então, que o matrimônio concorre para a evolução do espírito na sua passagem pela Terra.

Individualidade é a maneira pela qual se molda uma experiência, e os sentidos, embora deficientes, fixam na alma as impressões recebidas, as quais ficam retidas na memória, integram-se ao ser, dando-lhe a consciência do que é. Corpo e espírito estão, pois, intimamente ligados do começo ao fim da existência terrena. E vão passando por transformações, fases de desenvolvimento até formar a personalidade real e consciente. Somente essa união de corpo e espírito com uma única consciência é capaz de criar a pessoa humana.

Se a matéria é o reflexo do espírito, a união conjugal se torna sólida quando existe uma atração em que se ligam indissolivelmente os elementos carnal e espiritual. A admiração por uma pessoa virtuosa e inteligente não será amor se não houver o desejo de unir-se a ela, o prazer que lhe causa olhar o rosto, ouvir o timbre de sua voz, a forma do corpo e até a sua maneira de trajar-se. Mas também será impossível a união sem que haja confidências, oferecimento do que possui cada um de seu íntimo: sensibilidade, pensamento, vida interior. Havendo apenas exaltação física, os laços matrimoniais serão frouxos e não impedirão que dois seres voltem à vida solitária. Quem se casa rompe com a liberdade individual, mas diz adeus à solidão.

Não pode haver momento mais solene e importante na vida que o do casamento.

A assinatura do ato é uma palavra fecunda, porque representa o momento em que dois seres se unem para dar vida a um terceiro; é uma palavra empenhada de duas vidas que se integram para, com nova personalidade, ocupar importante papel no destino do mundo. Longe de constituir um passatempo sexual, sentimental ou social, é o compromisso de um plano para nova forma de vida humana, constituída de duas individualidades de sexos diferentes.

A partir desse momento, o casal não mais poderá ser encarado separadamente, não mais se separará, sem graves prejuízos. Conservará um estado de espírito adulto: vontade de criar, senso de responsabilidade e esforço, associados à aceitação de sofrimento e sacrifício inevitáveis, mas fecundos.

Harmonia conjugal

O casamento, tão útil ao homem e à mulher quanto à sociedade, deve ser um recíproco dar e receber de valores e sacrifícios.

Algumas inabilidades, embora inconscientes, são, muitas vezes, motivos de fracassos na união tão necessária à vida em comum.

Casamento deve ser palavra de honra empenhada por duas vidas que se propõem caminhar lado a lado, levando à frente resistência e perseverança, deixando atrás egoísmo. Na união de esposos, relacionam-se intimamente amor e liberdade: ambos se acham em mútua dependência, mas uma coisa é a liberdade para o indivíduo isolado, outra para o casal. Pensar em liberdade, tendo em vista apenas o eu, é puro egoísmo.

A cada um dos cônjuges, refletindo bem sobre as exigências da vida em comum, compete traçar, livremente, os limites da própria autonomia.

Casamento só é laço indissolúvel quando os dois cônjuges colocam, acima dos interesses pessoais, um bem comum — o dos filhos.

Para casar, não basta à mulher entender de tarefas domésticas nem ao homem ocupar cargos de destaque. É necessário que ambos possuam coragem para vencer os obstáculos e educação para se respeitarem mutuamente. Pela educação se consegue, progressivamente, inibição de tendências agressivas e depressivas através de grande esforço moral. Trocas de palavras pesadas deixam

cicatrizes que dificilmente se apagam; julgamentos injuriosos e perguntas humilhantes degeneram em conflitos.

A harmonia afetiva entre os pais é tão importante na educação da prole, que deve ser cultivada mesmo à custa de sacrifício. Os choques e atritos dos filhos, da infância à adolescência, são frutos da desarmonia dos pais. Se esses pensassem na influência que, unidos, exercem sobre a segurança dos filhos, certamente reagiriam contra a mania da época de resolver os menores casos domésticos pela separação dos cônjuges.

Impõe-se que marido e mulher se compreendam reciprocamente, evitando assim a separação de corpos, mas principalmente a de almas. Esta pode iludir os outros, não os filhos, que são os primeiros a perceber as fendas do edifício que vai ruir. Mesmo que, com os pais separados, a criança tenha o amor isolado de cada um, faltar-lhe-á sempre a presença dos dois que concorrerá para seu harmônico desenvolvimento.

Nos lares bem formados, esta é a lei fundamental: paz na ordem. Se os filhos não encontram acordo entre os pais, procuram conquistá-la por si, criando-a por conta própria, o que, na maioria dos casos, é processo falso e perigoso.

Muito difere a vivência dos noivos da dos casados. Entre os primeiros, há uma forte atração afetiva, cheia de esperanças e ilusões. Esse sentimento, porém, vai morrendo com o casamento, mas, em compensação, vai sendo substituído por outro repleto de generosidade.

Educação é atividade permanente, que acompanha o homem até a morte. Eduquem-se, pois, os pais no sentido de tornar o lar um verdadeiro centro de atração da família, aproveitando todas as oportunidades. O diálogo entre marido e mulher, entre pais e filhos, tão importante, deve ser útil e agradável. A hora das refeições é uma das boas oportunidades e será sempre o momento propício à recreação, mas nunca aos sermões, às censuras e discussões. Mau humor e silêncios sombrios podem abrir úlceras no estômago e feridas na alma.

Não passa despercebido às pessoas observadoras que é muito comum a mulher colocar o comportamento materno à frente do comportamento conjugal. Fato oposto se nota em relação ao homem. É uma questão de sexo, mas tal divergência não constituirá um problema se houver habilidade e compreensão, principalmente por parte da esposa.

A principal preocupação dos pais deve ser a assistência aos filhos, cujo organismo moral necessita da proteção deles a fim de enfrentar o mundo lá fora. Seguros da atmosfera sadia que respiram em casa, os filhos sentem que há, a seu dispor, um lugar que lhes pertence por direito. Nada temem porque têm a certeza de não serem expulsos e a segurança de não serem abandonados. Beneficiam-se desses triunfos que são suficientes para que possam experimentar as próprias forças e ir formando a personalidade. É a experiência social, mas ainda existe outra bem séria, a que leva o adolescente a firmar-se numa atitude masculina ou feminina diante da vida. Os exemplos conjugados do pai e da mãe conduzirão ao êxito tal experiência que se baseia na educação do sentimento. No meio resguardado da família, os filhos tomam por modelo os pais e aprendem como o homem e a mulher, com o casamento tornando-se dignos, são capazes de conquistar um amor recíproco.

Sentimento de culpa

Muitos males resultantes dos desajustamentos teriam remédio, se houvesse a coragem de um sentimento de culpa.

Se o homem é um ser moral e vive num ambiente ético, todos os seus atos devem ter um índice de valor positivo ou negativo cujas conseqüências variam na razão direta.

O adulto com senso de responsabilidade se impõe deveres e cumpre-os por mais insignificantes que sejam; não procura inocentar as faltas com motivos fúteis; não mente aos outros nem a si mesmo; não graceja com coisas sérias.

Por tudo isso é impossível colocar os conflitos humanos no campo psicológico, banindo o fator moral.

O indivíduo só não assume a responsabilidade de seus desacertos nos casos dolorosos de ausência de sanidade mental.

Pouco adiantam os conselhos do psiquiatra, se o paciente não compreender que, despido de virtualidades, atrairá como um ímã soluções erradas para seus problemas. É difícil, não resta a menor dúvida, alcançar, numa situação embaraçosa, sentimentos nobres. Vive o homem numa densa atmosfera de vaidade e egoísmo proveniente de uma falsa educação de vários séculos. Mas a criatura esclarecida sabe colocar o consciente num plano superior ao do subconsciente e superar os tristes casos em que num momento de fraqueza se deixou envolver.

Urge que o progresso do mundo acompanhe os sentimentos elevados para que todos se compreendam e desfrutem uma vida melhor.

Nos conflitos matrimoniais que provocam a separação, por que não reconhecer a culpa de um dos cônjuges, ou a dos dois? Só assim haveria uma base para solucionar os casos por uma forma humana, sem parcelas de egoísmo, visando à estabilidade do lar e preservando o futuro dos filhos. Mas para isso é necessário adquirir forças capazes de atrair bons sentimentos como generosidade, espírito de tolerância e até mesmo comiseração.

Erram os que pensam que a amizade entre duas pessoas está na base de uma confiança absoluta. O ser humano, cuja força que o anima é partícula do Grande Foco, está sujeito às circunstâncias do meio e evidentemente seus conflitos são puramente morais, só tendo uma solução racional se houver um reconhecimento de culpa seguido de um ato de generosidade.

Para aqueles a quem falta a coragem de uma confidência, aqui vai um conselho, digo, fórmula que constitui belo símbolo de virtude: “Na Provença antiga, antes do acender das luzes na noite de Natal, apagavam-se os candeieiros. No pudor da escuridão, reconciliavam-se, com um beijo, aqueles que, no decorrer do ano, tinham sido apartados por desavenças”.

O pior dos roubos

“Não furtar nunca e muito menos a inocente alegria dos filhos”

Foi essa manchete que me chamou atenção ao começar a ler uma das nossas folhas diárias. O título sugestivo fez-me procurar o conteúdo. Tratava-se de liberdade provisória concedida a um ladrão primário que, desempregado, com mulher e filhos doentes, na noite de Natal, fora preso numa frustrada tentativa de delito.

Admirei a atitude digna do Juiz da 8ª Vara Criminal que, ao conceder a liberdade condicional, num gesto de respeito à pessoa humana, exortava-a ao trabalho honesto e à maneira correta de conduzir-se. Analisei, com tristeza, o calvário que deve ser a vida de um homem que, acossado pelo sofrimento resultante naturalmente de erros cometidos e vícios, chega a tal ponto de penúria, que é impelido ao crime.

É evidente que a vida tem fases que se apresentam adversas, com sérios problemas, mas há, também, para resolvê-los o raciocínio a serviço da vontade.

Se esse homem se firmasse em pensamentos de valor e procurasse reagir contra seus próprios erros e falhas, nunca poderia deixar-se envolver pelas forças inferiores, de tal maneira que delas se transformasse num brinquedo, deixando-se arrastar para o crime.

Possui o homem uma poderosa arma que se chama livre arbítrio, para lutar contra seus próprios defeitos e impulsos. Se for capaz de vencê-los, a vitória lhe proporcionará o aprimoramento do caráter, mas, se fracassar na luta, terá como consequência o livre arbítrio transformado em mero temperamento. Será um temperamental e a vida se tornará difícil para si e para os que com ele convivem.

Durante o sono, o espírito se religa às forças superiores para refazer-se e tornar-se forte. É necessário, por isso, que as horas do sono sejam precedidas de pazes feitas no meio ambiente.

Refeito durante a noite, através de um sono tranquilo, despertará cheio de simpatia para com a vida.

Ao contrário, uma atmosfera carregada de silêncios e desavenças gera um ambiente de indiferença ou represália, o que constitui má contribuição para uma vida eficiente e salutar.

Nossas falhas não são irremovíveis como as das pedras preciosas, pois resultam da má adaptação ao meio e por isso, quando as coisas não correm bem, a melhor atitude, honesta e corajosa, é observar os próprios defeitos, procurar corrigi-los sem olhar os alheios.

A liberdade concedida a esse ladrão primário foi também uma advertência aos chefes de família que julgam que dão tudo quando apenas dão o alimento.

Existem duas coisas de inestimável valor que os pais devem oferecer aos filhos: a felicidade de um lar bem organizado com disciplina, respeito, amor e trabalho, e a alegria resultante dessa organização. Um direito, porém, não lhes assiste: o de envergonhar os filhos com uma vida irregular. Aos pais, compete-lhes a grande responsabilidade da manutenção econômica e moral do lar para preparar o futuro dos filhos, não um futuro remoto, mas o que se inicia no presente, porque hoje ainda é tempo de remediar o mal.

A sentença desse Juiz, além de uma bela lição a um pai criminoso, que acabava de ser punido, foi também uma advertência a muitos pais criminosos que vivem impunes. Desses, os piores são os que, ao abandonarem o lar, pretendem ludibriar os outros com falsas justificativas, que não conseguem inocentá-los do monstruoso crime — o de roubar a alegria dos filhos.

Falsos valores

É doloroso assistir, atualmente, na civilização das massas, à angústia que sofrem os jovens com a destruição de seus autênticos valores.

Por ignorarem a própria estrutura, deixam-se fascinar, com facilidade, pelas aparências. Condenam a mediocridade principalmente nos pais; têm o estado mórbido da grandeza, mas não se agüentam nas alturas; ostentam auto-suficiência, mas precisam do apoio dos adultos; refugiam-se no sonho e procuram prazeres que despertem fortes sensações. Com tal procedimento, embolam as nobres qualidades do espírito.

Toda pessoa possui, por uma tendência natural, a noção do valor. Essa noção, porém, é, muitas vezes, deturpada por ser uma consequência da vida que leva cada indivíduo.

O interesse por uma necessidade profunda é o que se chama valor, quer se trate de idéia ou realização, objeto ou pessoa.

Conhecer as vantagens e os perigos que encerra o valor, ter capacidade de escolher pela exigência superior ou pelo contentamento de um capricho é a grande luta entre o valor positivo e o negativo, é a grande luta em que se debatem os jovens. Gostam exageradamente da música, da dança, do espetáculo e do esporte, mas desperdiçam não só o tempo como o dinheiro e a saúde. Não se conformam com a hipocrisia dos outros, mas mentem, dissimulam e são infiéis aos compromissos.

— Será possível assentar um plano de vida com tais reações?

Selecionar os valores positivos depois de ter conhecimento do verdadeiro significado da vida, torna-se difícil para os adolescentes, visto o estado de anarquia em que se encontra a sociedade.

Cumpra aos educadores, pais e mestres, a penosa tarefa de orientá-los, explicar-lhes que força e matéria são os elementos componentes de todo o indivíduo; que a força é o espírito e a matéria, corpo; que é necessário que haja um entrosamento entre os valores espirituais e os materiais para que a vida transcorra equilibrada. Digam-lhes que os valores espirituais se referem ao bem, ao belo, à perfeição, aos ideais; os materiais, aos hábitos e aos lazeres. Façam-nos entender que a vida de cada um é decorrente da direção que dá aos valores positivos ou negativos. Procurem ensinar-lhes que todo indivíduo é uma partícula do Grande Foco — vida do Universo — e, por isso, devem regular a vida numa escala ascendente de valores para atingir a perfeição.

Partindo desses princípios, não mais viverão os jovens às tontas e compreenderão para que nasceram e por que sofrem, sentirão que é melhor o esforço que o vale-tudo.

Dos valores materiais, o dinheiro é o mais subvertido. O modo por que são providos os filhos, de brinquedos, guloseimas, roupas, material escolar e diversões bem mostra a mentalidade errada em relação ao emprego do dinheiro. Vendo-se satisfeitos em todos os caprichos, não encontrando sanções para seus estragos ou perdas, só poderão os filhos tornar-se esbanjadores. Se é triste ver tanta mocinha pobre gastar vultosas quantias com os bailes de formatura, mais triste ainda é ouvir estas palavras, quando alguém lhe pergunta se o pai pode gastar tanto: — “O problema é dele!” Arrepiam-se a influência que exercem os crediários, tão sedutores no ato da compra, mas implacáveis na cobrança. Torna-se necessária uma vivência de economia para dar valor ao dinheiro. Devem os filhos ter conhecimento dos esforços empregados na manutenção do lar. Uma boa conversa sobre as horas diárias que o pai gasta no trabalho, a economia feita pela mãe, quando procura, com rara habilidade, executar um trabalho que seria bem pago a um estranho, tudo isso terá ótimo efeito.

O trabalho remunerado num ofício, durante as férias, será um bom remédio para curar o esbanjamento juvenil.

Merecer o que se pede deve ser a grande preocupação dos pais a fim de despertar nos filhos o sentido do valor.

A noção do bom emprego do tempo é outro valor somente conquistado à custa de um treinamento esclarecedor. O grande alcance está no ajudar a agir a fim de pôr um anteparo à angústia do tédio. Despertar na família as alegrias da realização, o valor da responsabilidade, vale mais que supervisionar, hora por hora, o emprego do tempo.

É, principalmente, na adolescência que a honestidade apura-se ou deteriora-se, pois a conduta depende das influências do meio em que se vive.

Cumpra realizar uma educação específica, não só no lar, mas também através da convivência em sociedade.

Direitos e deveres

Se houvesse uma noção bem clara de direito e dever, a vida se tornaria melhor. Atualmente, todos gritam pelos direitos, mas esquecem os deveres, sem que haja uma reação para coibir tal desequilíbrio. Os desajustes, quer em sociedade ou família, resultam, quase sempre, da falta do cumprimento dos deveres ou abuso dos direitos.

Urge que se faça a criança ou o adolescente compreender que cada direito corresponde a um dever e, mais ainda, que o não cumprimento do dever implicará na perda do direito; mas esse fato não será encarado como vingança nem o direito perdido reverterá na privação de tudo que diz respeito às necessidades vitais. Isso já constitui um programa de educação cujos resultados serão satisfatórios.

Se a função da família é de assistência e proteção, não custará muito conduzir a criança de modo que ela compreenda que os direitos assegurados devem ser correspondidos com a colaboração na vida do lar. Compete aos filhos, desde cedo, participar das tarefas domésticas e às crianças criar hábitos de trabalho, mesmo que haja em casa serviçais. O dever de trabalhar é inerente à vida humana. Por que não orientar os filhos para a realidade da vida, ministrando-se culinária às moças e reparo nas peças domésticas aos rapazes?

Vai longe o bom tempo em que se distribuía tarefas caseiras às filhas e cada uma tinha a sua semana: a da cozinha, da arrumação. Por que esqueceram as mães esse dever tão útil quanto econômico?

Os parasitas, em sociedade, são reflexos de indivíduos que se desajustaram, porque nunca se exercitaram no trabalho, enquanto viveram sob os cuidados dos pais.

Aos quatro anos, a criança já pode executar serviços leves — o que lhe proporcionará uma segurança em si capaz de ajudá-la a vencer as primeiras dificuldades.

Pedir um auxílio, em qualquer atividade doméstica, é um direito dos pais e atender ao pedido, um dever dos filhos.

Todos os deveres, quer materiais, sociais ou espirituais, devem ser cuidados, com especial carinho, pela família. Os sociais serão abordados sempre em ocasião oportuna. “Você bateu no companheiro e, por isso, vai levar uma surra” é fórmula não só condenável como prejudicial, que não está compatível com a dignidade do educador. Explicar, porém, à criança que ela ficará privada de brincar com o companheiro, enquanto conservar o hábito tão feio de bater nos outros, é atitude de quem, realmente, deseja educar. Tal observação será feita de modo incisivo, com tranquilidade e sem sermão. Algumas vezes, se a briga não apresentar conseqüências, é aconselhável fingir que nada foi percebido.

Não vivam os pais a vida das crianças. Deixem-nas no seu próprio mundo maravilhoso, cheio de alegrias e despido de preocupações, mas nem por isso as abandonem, entregando-as a seus próprios impulsos.

Aprendendo a viver

A criatura nasce para realizar a vida que o espírito traçou.

Para viver, porém, uma vida bem vivida, é importante distinguir sua própria composição: força e matéria. A matéria é o corpo, que precisa de alimento, a força, o espírito, que necessita de luzes. A necessidade de alimento se revela pela fome, mas a necessidade de luzes se manifesta de um modo diferente: pelo sono — ocasião em que o espírito vai a seu mundo para refazer-se — e também por certas reações, nem sempre compreendidas pelos leigos.

Como conseguir luzes para avivar esta chama interior que ilumina os passos lá fora, que encoraja para as lutas, que refrigera as dores morais? Aprendendo a viver, esclarecendo-se.

Viver muito não é cansar-se de adicionar meses e anos, mas enriquecer a soma com atos de valor. Viver bem não é somente transformar os dias numa máquina de ocupações materiais nem o máximo de prazeres, mas cuidar, principalmente, do espírito — elemento de real valor na vida.

Para cuidar da evolução do espírito só há um meio: esforçar-se para elevar o pensamento acima do que for material. Mas isto se consegue não só reservando uma parte do dia para a tarefa espiritual, mas também valorizando pensamentos e ações.

A vida não pode ser uma seqüência de prazeres para uns, nem um rosário de sofrimentos para outros. Quando o espírito encarna, já escolheu, previamente, o meio ambiente em que fará sua trajetória na Terra.

Esse meio nem sempre é o mais agradável, mas o propício à sua evolução. Ele tem que aceitar viver com quem possui maior cabedal de qualidades ou com quem reúne mais defeitos; com quem tem mais coragem ou com quem não a possui. O importante é viver, para não perder a encarnação, adaptando-se inteligentemente ao meio; o importante é lutar não por uma luta inglória, mas por aquela que redunde no aperfeiçoamento moral, em benefício próprio e da comunidade.

Há tanta gente necessitando da ajuda dos que são esclarecidos!

Se saber viver é conhecer-se a si mesmo, torna-se necessário que o indivíduo investigue não o que sente, mas a natureza das forças que o levam a agir desta ou daquela maneira, encontrando sempre razões excelentes de uma lógica perfeita para justificar a conduta.

Só um penoso esforço de sinceridade é capaz de fazê-lo compreender que essa lógica impecável dissimula, muitas vezes, graves falhas. O fato de descobrir uma tendência suspeita não afasta a hipótese de uma perfeita recuperação, mas o desejo de agir bem e a coragem de corrigir o erro são caminhos certos para atingir a valorização pessoal.

Aproveitemos nossas energias

O ser humano tem vários recursos mentais para bem dirigir-se, mas nem sempre sabe utilizá-los.

O pensamento é o mais importante. Através dele, sob a forma de recordações, a pessoa vê fatos passados. Por que não encará-los como experiência e conservá-los ou transformá-los para realizações futuras?

Para isso, entretanto, é preciso ter vontade, é importante saber que o desejo de realizar alguma coisa é uma força e, como tal, não desaparece e deve ser aproveitada. As grandes descobertas científicas, que bem provam a evidência dessa afirmativa, nada mais são que uma vontade forte e persistente a dirigir a inteligência.

Uma vontade não satisfeita é capaz de alterar o caráter. Inúmeras são as pessoas que, por não realizarem a vocação, desajustam-se para o resto da vida, se não tiverem a clarividência de pôr em ação a individualidade, superando a situação.

Não podendo realizar muitos de seus próprios desejos, cada um acumula uma grande soma de energia que aproveita de um modo consciente ou inconsciente, de um modo criterioso ou insensato.

As idéias surgem sob o impulso das emoções, que são forças poderosas. Sem elas, a criatura não poderá sobreviver, não encontrará beleza na vida, não terá alegria de viver, mas também, sob seu domínio é capaz de praticar o bem ou o mal.

Urge, então, que sejam sempre guiadas pelo pensamento, através do raciocínio.

O mundo Terra é um presídio onde o espírito se recupera e, por isso, a vida humana está eivada de sofrimento, fracasso e desilusões. Provocam emoções que, não podendo parar por serem forças, devem ser desviadas por qualquer atividade. Quando não se exteriorizam, penetram em nosso íntimo através dos diferentes órgãos, produzindo as enfermidades do corpo e da alma.

Conseguir êxito não anula a existência de dificuldades, assim como o fracasso não significa o impedimento de êxitos futuros. Tudo depende de bem analisar os fatos, de desejar renovar esforços, espírito de luta, para finalidades sempre construtivas.

Seja o sofrimento uma escola para estímulo da inteligência, para fomentação da coragem, para boas e eficientes realizações.

As emoções de medo, cólera e ódio, que têm grande influência na conduta humana, são prejudiciais e, pelo pensamento, devem ser desviadas e substituídas por diferentes atividades como o trabalho, uma diversão ou relação social. Conseguir tal objetivo é purificar os sentimentos. A purificação é um bem para os que nos cercam e também para o espírito, cujo anseio é subir, sempre visando à única meta: o aperfeiçoamento.

O riso e o choro fazem bem; são verdadeiras válvulas de escape. Sob a influência de uma forte emoção, o indivíduo pode rir ou chorar; mas nem por isso deve passar os dias a enxugar lágrimas, lamuriando-se, o que seria a carência total de reação contra as forças inferiores a dominar.

Enxerguemos nossos erros

Muitos conflitos seriam evitados, se a pessoa se esclarecesse. A falta de esclarecimento é comparável aos óculos de lentes róseas, que só apresentam as formas bonitas de um céu ameaçador. O esclarecimento faz com que o indivíduo procure não só a origem, como a causa de seus próprios pensamentos e ações.

Infelizmente ainda há muita gente que, teimando em não reconhecer suas falhas e fraquezas, as atribui aos demais ou à natureza das coisas. É a maneira mais cômoda de fugir às responsabilidades e encobrir os defeitos.

Quantas vezes, ao executar mal o trabalho, a criatura descarrega, inteiramente, a culpa em tudo que lhe vem à mente, sendo incapaz de sentir que a deficiência está em si mesma.

A vida cotidiana apresenta os mesmos aspectos: quando alguém pratica o mal ou faz algo errado, a ação é quase sempre projetada em qualquer pessoa ou coisa. É tão fácil criticar os erros alheios quanto difícil enxergar os próprios! Mas, se projetar aos demais erros e deficiências é tão comum que chega a tornar-se um ato inconsciente, convém refletir antes de fazer qualquer julgamento.

A projeção condenada por impedir que o homem enxergue seus próprios defeitos pode, entretanto, atingir um útil propósito desde que ele recorra ao raciocínio para fugir ao domínio das emoções.

Um exemplo bem concreto é o do funcionário que, ao ser advertido, vê na atitude do chefe um ato de injustiça, ao invés de reconhecer que a falta está em si. Então, querendo provar capacidade e brio, redobra de esforços e consegue resolver satisfatoriamente a situação. Seria pior se perdesse o interesse pelo progresso no trabalho, o que o levaria ao fracasso.

Quando surgem desejos incompatíveis com a moral do lar, há sempre projeção e aparecem os graves conflitos. O homem, gasto pela orgia, não tendo coragem de enfrentar suas próprias fraquezas, reage, quase sempre, tão erradamente, que chega a culpar a esposa de ações em que ela é inocente.

O fato, porém, de censurar aos demais seus erros e deficiências não significa que a culpa esteja sempre com a própria pessoa. A experiência da vida se encarrega de esclarecer o fato: quem se aproveita da projeção é facilmente reconhecido e suas palavras e atitudes serão sempre recebidas não só com reserva, mas também com o devido desconto.

A crítica exagerada é, de um modo geral, o efeito de uma forte emoção, quer se trate de grandes ou pequenas questões. Mas, como as emoções tanto podem conduzir ao mal como ao bem, devem ser evitadas.

O homem inteligente não perde tempo com críticas vazias, mas preocupa-se somente com tudo que for construtivo. Ação vale mais que palavras.

Alcance uma vida inteligente

A vida é para a criatura o maior dos bens, por isso todos têm o dever não só de conservá-la como garantir-lhe a maior segurança. Não basta, porém, tratar da sobrevivência do corpo físico, mas também cuidar do moral que se refere à personalidade.

Quando a pessoa deixa de sentir o valor da vida já está dominada pelas forças que debilitam: é um morto moral, o que equivale a um suicida.

Mas o fato de abster-se de destruir a existência não satisfaz. É necessário torná-la mais agradável, o que se consegue por meio de um esforço contínuo e paciente; é preciso torná-la mais profícua, o que se conquista conhecendo-se como força e matéria.

Essa força de que se precisa para viver resulta da vontade que se desenvolve cada vez mais e se revela pela capacidade de enfrentar os obstáculos com ânimo forte e suportar a fadiga e os desgostos sem desânimo.

Viver é lutar, e essa luta é a maior virtude assim como a indolência o pior dos vícios. O destino dos indolentes é a mediocridade, a mendicância, o vício.

Conhecendo-se, tem a criatura a obrigação de tornar-se senhora de si e dominar o nervosismo, a timidez e a preguiça.

O espírito, na vida terrena, está sujeito a freqüentes perturbações, mas, uma vez esclarecido, é capaz de decidir-se a viver valorosamente, buscando a vitória com o firme propósito de não deixar-se impressionar pelos fracos e indolentes que vivem do esforço alheio; que acreditam em má sorte e permanecem à espera de melhor situação por força de milagre; que justificam os erros por conta da provação.

Os que vivem a queixar-se serão incapazes de confessar que medidas costumam tomar para superar as dificuldades. São pessoas que não têm confiança em si, pois, se a tivessem, saberiam lutar contra a adversidade.

O homem só pode considerar-se forte quando reconhece suas próprias fraquezas. Então, ciente do limite entre as virtudes e defeitos que possui, será capaz de defender-se evitando ser atacado nos pontos fracos; tornar-se-á apto a reprimir os impulsos e conservar o sangue frio nas horas em que surgirem os acontecimentos.

Não basta, porém, que se conheça somente quanto ao modo de agir e pensar. É preciso ainda que faça um balanço do que já tem realizado.

Depois, então, através de experiências, medindo o potencial de suas possibilidades, procura atuar num meio produtivo e viver pela razão e inteligência.

O homem esclarecido, por ter o espírito mais lúcido, sabe que de suas tendências depende a atitude que toma em relação às coisas e pessoas. Dispõe-se a modificar a conduta para corrigir os

defeitos, pois compreende que as modificações que adotar em seu modo de pensar e agir muito influirão no poder pessoal. Resolve corrigir pensamentos e ações pela educação da vontade. Cria ânimo de combate às tendências negativas; torna-se mais senhor de si à medida que vai alcançando o domínio do espírito sobre a matéria.

Inútil é o esforço de esconder o que se passa no íntimo. Tudo que se sente, a fisionomia, os olhos expressam; revela-se também nos gestos e nas atitudes. Escusado será fingir sinceridade quem é falso; pregar generosidade quem não a possui.

Adote, portanto, o indivíduo uma vida inteligente, confiando e persistindo sempre, lutando mais a cada dia que passa e só assim sentirá um bem-estar tão grande que lhe proporcionará um otimismo capaz de contagiar os que o cercam.

O homem comum ajeita-se à rotina e ao comodismo, mas o esclarecido não se limita a comer, vestir e dormir, mas encara a vida como uma luta entre as forças que debilitam e as que elevam.

O sentido do dever

Jamais a criança e o adolescente foram tão valorizados como nos tempos que correm; nunca os educadores precisaram tanto de técnica para dirigi-los, como na atualidade.

Torna-se urgente modernizar e aplicar normas educativas que visem o verdadeiro objetivo: a formação do caráter.

Promessas, ameaças e castigos corporais são meios falsos que enfraquecem a autoridade e não esclarecem o sentido do dever. Educar não é somente castigar, mas, principalmente, corrigir e dirigir.

Urge que se dê à criança e ao adolescente uma norma de conduta em que a espontaneidade resulte do livre arbítrio bem aplicado. Esse não cede às exigências do temperamento, mas purifica o caráter pelas vitórias alcançadas sobre os impulsos que tanto desvalorizam o homem.

A vida atual tem influenciado poderosamente no comportamento das crianças e dos adolescentes, que se tornam, dia a dia, exigentes, indisciplinados, autoritários. Mas, para dirigi-los existem os educadores que têm o dever de reagir contra tais tendências altamente prejudiciais, por arrastarem ao egoísmo.

Educadores e educandos devem conduzir-se em perfeita interdependência. Será possível transmitir o sentido do dever se o educador não for obediente aos princípios básicos de conduta? É possível imprimir o valor da lealdade quem leva uma vida cheia de mentiras? Não se compreende que uma pessoa desorganizada possa exigir ordem de seus subordinados.

Os pais têm obrigação de transmitir aos filhos as responsabilidades que lhes pesam aos ombros, mas sem tiranias, nem humilhações.

A criança é maleável e se adapta facilmente ao meio ambiente, desde que sinta segurança e afeição. Nada de ofensas! Momento infeliz é o do pai que se dirige ao filho com estas palavras: “Você só diz asneiras. Não faz nada que se aproveite”.

O adolescente, como a criança, querem ser levados a sério. Dar-lhes a responsabilidade de certos encargos é despertar-lhes iniciativa e direção.

Compreensão deve ser o ponto alto do educador. Sempre a boa medida: energia, firmeza e moderação. Todos os passos do educando devem ser observados, todas as oportunidades, aproveitadas, visando sempre a uma vida digna.

A educação começará na primeira infância com o desenvolvimento de hábitos de base: ordem, limpeza, boas maneiras, lealdade e trabalho.

O sentido do dever conduz, naturalmente, à responsabilidade dos atos praticados. Dobram-se os caprichos diante da regularidade com que são executadas as tarefas domésticas. Para bem conduzir, melhor será lembrar que mandar. Frases como estas desarmam a criança, enfraquecendo-lhe a oposição: “Já foi tirada a mesa do café? Não é hora de arrumar os quartos?”

O esforço realiza admiráveis transformações porque fortalece a vontade.

O sentido do dever resulta da formação do caráter, que sofre a influência das relações, não só familiares como escolares e sociais. Mas, acima dessas influências paira o imperativo na direção do comportamento, dada pelos pais.

O castigo justo às infrações fortifica o sentido das regras estabelecidas, longe de provocar revolta. Em cada lar, em cada escola, deve haver um código que vise à boa formação do caráter.

Os lares onde impera a tirania, longe de cultivarem os valores morais, geram mentira e irresponsabilidade, verdadeiras pragas dos males sociais.

Nas obrigações impostas pelas leis morais, espirituais e civis, deve estar sempre presente o sentido do dever.

Não deixem, portanto, os pais de cumprir o mais alto dever: o de educar os filhos para que, mais tarde, não venham lastimar-se por não terem conquistado deles o conforto da afeição e do capricho; para que mais tarde não venham sentir decepções e sofrimentos.

A importância do pensamento

Se muita gente conhecesse o valor do pensamento, a vida não estaria tão cheia de infortúnios e mentiras.

Por meio de pensamentos elevados é que o espírito se põe em contato com as Forças Superiores, fortalecendo-se. Um espírito forte está sempre pronto a enfrentar os obstáculos que a própria vida oferece.

Sugerem boas idéias, as visões do belo e o contato com a natureza. Para bem viver é importante pensar e trabalhar.

Se o espírito é uma partícula da Inteligência Universal, cada um de nós está sujeito às leis que regem o Universo. Nossa vida deve, pois, cingir-se ao ritmo da natureza.

Há sempre uma enorme atividade em processo, na sucessão das ondas, no fragor constante das cataratas, nos ruídos das florestas, mas tudo em harmonia com as leis naturais. As tempestades surgem e até são benéficas, mas caso se tornassem ininterruptas, ninguém as suportaria.

O ritmo na vida é de grande importância. Método nas ocupações diárias, irradiações a horas certas têm um efeito tão evidente, que chegam a normalizar o processo de envelhecimento: sem enfermidades e perda de energia.

Orientado pela vontade, o pensamento é a maior força. Expande-se e chega a resultados surpreendentes. A libertação da energia atômica mostra bem as vitórias que pode alcançar o raciocínio, elaborado pelo pensamento, dirigido por uma forte vontade.

Os estados de agitação dependem mais de nossos pensamentos que da situação que nos cerca. Mas agitação produz venenos no corpo e cria males psíquicos muito prejudiciais. Isso, entretanto, não significa que, ocasionalmente, a pessoa não se deixe excitar para corrigir um erro, pois os nervos funcionam. Evitar o estado crônico de nervosismo é o que importa.

Incapacidade e males afins exteriorizam falta de harmonia interior. Utilizar-se do livre arbítrio para conquistar a paz interior em qualquer circunstância é encontrar a fórmula de produção de novas energias.

Pôr o pensamento a serviço da vontade é a base de tudo de bem ou de mal que pode acontecer. Ninguém pode fugir às leis psíquicas de atração: pensar bem é atrair o bem; pensar mal é atrair o mal.

O benefício pessoal é o resultado do próprio esforço. Quando as coisas não andam bem, é possível através de pensamentos construtivos achar uma solução para melhores resultados e, procurando-os calmamente, é muito provável encontrá-los.

Ser feliz é ser bem integrado, é não deixar-se envolver pelas emoções.

Através do pensamento podem prever-se sucessos ou fracassos, levando-se em consideração o modo de proceder de cada um. Sucesso na vida não significa apenas realizações, mas a sabedoria de conquistar o valor pessoal por meio de uma existência controlada e organizada.

Pairam no espaço impressões e desejos, pensamentos bons e maus que se cruzam em todas as direções e formam correntes afins atraídas ou repelidas de acordo com o pensar de cada um. De tudo isso se conclui que atrair bons pensamentos é beneficiar-se.

A tranquilidade e o bem-estar de que se goza na Terra não é privilégio de ninguém, não é favor das Forças Superiores, mas o resultado do esforço próprio.

A pouca sorte, interpretada por muita gente como destino, nada mais revela que uma individualidade fraca e mal dirigida; nada mais representa que uma atitude de desânimo e indolência em relação aos obstáculos.

Ser feliz ou infeliz ocorre por conta do próprio; optar pela felicidade é atitude inteligente.

O espírito encarna para aperfeiçoar-se, logo tem defeitos a serem corrigidos. Pôr a vaidade de lado e reconhecer as próprias falhas é um dever moral.

Há, entretanto, uma acentuada tendência de justificar as faltas perante si mesmo. Mas o combate a essa tendência atingirá seu objetivo, baseado em pensamentos de justiça, lealdade e valor.

Cuide da mente

São tantos os acidentes e as deformações morais na vida moderna, que se impõe dar à mente uma direção acertada.

Não desperta alegria nem oferece condições de saúde uma casa onde não entram a luz e o ar. Nos ambientes claros não se pisa em falso e os animais daninhos preferem os cantos sombrios. Casa arejada não tem miasmas e, por isso, aí se respira tranquilamente. Em cada aspiração não entra somente ar, mas também garantia de sobrevivência.

Se luz e ar são condições de vida, urge que se insista em procurá-los, abrindo janelas, fazendo que raios luminosos cheguem, embora através de telhas de vidro.

A mente é o nosso lar interior. Como a casa material, também necessita de iluminação e arejamento, mas de um foco possante capaz de transpor paredes. Esse foco luminoso são as idéias provindas da inteligência, que é o próprio espírito. Aclare sua mente com idéias otimistas sem ódios ou tristezas. As crises permanentes de choro e os queixumes são reações anormais que fomentam intoxicações emocionais. Aprenda a trancar as preocupações nos momentos em que se distrai com os amigos ou familiares. Os distúrbios emocionais resultantes de desentendimentos familiares extenuam o indivíduo, esgotam-lhe as forças.

O arejamento da mente, de importância imediata para o espírito, se consegue por meio de idéias agradáveis, com planejamentos construtivos, com formulações de ideais. Esses surgem onde se desenvolvem laços de camaradagem e solidariedade.

Nada os estimula tanto como a motivação de trabalho e sacrifícios em comum. O esforço na realização do ideal traz a sensação de utilidade, verdadeiro propósito da vida.

Piores que os miasmas são os ressentimentos, as mágoas, as malquerenças. Para bani-los, basta que uma vontade forte se encarregue de levá-los para longe como faz o vento.

Trata-se de desanuviar a mente com idéias claras. Dissimulações dificilmente iludem os outros, porque todos são intuitivos.

Abasteça-se a casa interior com tudo que for verdadeiro. Somente a verdade é capaz de aliviar as revoltas provocadas pelas injustiças.

Tendências e inclinações, vida instintiva e afetiva só formarão personalidade se as idéias nascerem da razão e forem postas em prática pela vontade. Desse modo será feita a seleção de valores morais e a realização de ideais, sentidos, admirados e queridos no viver de cada dia. Quanto mais se expandir a personalidade mais se firmará a felicidade.

Para que a vida não fique rotineira, há necessidade de torná-la atraente, procurando sempre algo que proporcione alegria e estímulo.

Quando as sombras de tristeza toldarem o brilho dos olhos, que são o espelho da alma, revista as paredes da mente com paisagens que recordem momentos felizes de sua vida: a visão do belo e a sensação de felicidade trarão a paz de espírito tão necessária à aquisição de novas energias.

Mas se um grande sofrimento reduzir-lhe o ânimo, apóie-se na vida espiritual, confie e espere, porque tudo se normalizará.

Sombrios obstáculos

Todos que têm um pensamento esclarecido, um juízo equilibrado e uma vontade educada, possuem também um desejo de ajudar aos pais na difícil tarefa de educar.

Atravessa-se uma época de real progresso material que está a exigir dos educadores uma mentalidade com justo equilíbrio. Não é demais lembrar aos pais que no conhecimento de si próprio está o domínio do espírito sobre a matéria. Isso é tão importante, que leva o indivíduo a fazer triunfar, à sua volta, o poder moral sobre a força bruta.

Sombrios espetáculos oferecem, às vezes, alguns programas de televisão arranjados, talvez, à última hora, por pessoas inescrupulosas, nos quais mocinhas se apresentam no palco, expondo uma coreografia de baixo nível. Sombrios espetáculos são também os das adolescentes que, acompanhadas dos namorados, perambulam pelas ruas, numa indumentária e intimidade que fazem estarrecer.

Felizmente, esse grupo ainda é pequeno e assim procede porque os pais ou parentes são incapazes de impedi-las de tomar parte em tais exhibições.

Se a responsabilidade cabe à Censura, recai, principalmente, naqueles pais que jogam os filhos fora do lar por comodidade.

Surge, ainda, na atualidade, uma poderosa influência exercida por grupos de infelizes adolescentes que vivem às soltas, perdidos na confusão de uma sociedade mal orientada. O abandono em que se encontram constitui um dos grandes males sociais cuja terapêutica se torna dia a dia mais complexa.

Por um curioso fenômeno de confusão mental, paira no espírito de certos pais e educadores a noção de moral sem nenhuma ligação com os fatos. É uma particularidade inquietante no adulto, mas um fato comum no adolescente.

A adolescência é uma fase de transição tão complexa que chega ao ponto de confundir o falso e o verdadeiro. Há, nesse período da vida, uma acentuada expansão física e mental; desenvolvem-se, ao mesmo tempo, o corpo e a mente. O adolescente tende ao exagero e, para corrigi-lo, de nada adiantam a indignação, a cólera, nem longas explicações, mas a habilidade de ligar um espírito a outro espírito.

Esquecem-se, muitas vezes, os pais de que educar não é modelar a seu bel-prazer. A massa é animada por uma força viva que se chama espírito e que, nem sempre, aceita a forma que lhe querem dar!

Educação é trabalho lento que exige do educador um grande esforço moral.

Sermões hoje são coisas passadiças que nada significam diante do valor de uma função moral! Esta se revela quando se consegue tirar de um defeito uma dose de virtude.

Não é por meio de conflitos entre pais e filhos que se corrigem falhas. Os conflitos podem até gerar defeitos irreparáveis.

Educar é criar relações tão sadias que despertem nos filhos o gosto de aperfeiçoamento.

Conquiste personalidade

Personalidade se adquire, não é privilégio de ninguém. Mas para conquistá-la é necessário fazer um cuidadoso auto-exame esclarecedor, a fim de enxergar as falhas e corrigi-las.

São muitos os que sofrem e passam toda a existência sem ver, apesar de ter olhos, sem escutar, apesar de ter ouvidos. Abandonam os sentidos e preferem viver por hábito.

A vida abre suas portas àqueles que sabem o que desejam e como consegui-lo. Esquece-se muita gente de que há um dever modesto e muito escondido que consiste em refletir sobre as responsabilidades pessoais em todas as circunstâncias para não se deixar enganar e agir com acerto.

Cresce a personalidade quando se procura esclarecer o verdadeiro sentido não só da liberdade como da autoridade. O alvo da educação é a liberdade interior espontânea que determinará atos de adesão às normas sociais e aos preceitos morais. Liberdade, que satisfaz capricho e não suporta a espera entre o desejo e a realização, é distúrbio.

A autoridade só é eficiente quando tem diretrizes e não faz das sanções um clima, mas uma conseqüência que vise sempre não só proteção como correção. Revela-se personalidade na ambição racional, que consiste em movimentar o livre arbítrio, visando as boas realizações; na concentração de um grande esforço, para a realização do ideal.

Educar a mente através da música, da leitura, da arte, da literatura é a meta para dar ao espírito satisfação, desanuviando-o e esclarecendo-o sobre a conquista de uma individualidade consciente que vive com as próprias forças.

Sem o conhecimento do íntimo é impossível cultivar a personalidade, cujos maiores obstáculos são a teimosia, a irritabilidade e o egoísmo.

O teimoso, porque possui mentalidade estreita, torna-se um fanático religioso ou político. Julga estar sempre com razão e sente prazer em manter-se em acaloradas discussões. Não respeita a opinião alheia e revolta-se com os qualificativos menos elevados que lhe dão. Torna-se antipático por não aceitar o ponto de vista de ninguém.

A irritabilidade, outro traço indesejável da personalidade, faz do indivíduo um supersensível, um explosivo crônico, cuja insatisfação consigo mesmo se revela pela própria infelicidade que também atira aos outros.

Dos obstáculos, porém, à formação da personalidade, o de maior vulto é o egoísmo. É uma doença da alma, que apresenta sintomas pelos quais é fácil reconhecê-la.

O egoísta é vaidoso e prepotente. No afã de abastecer-se, não deixa lugar para os que o cercam. Se for homem, chega à situação vexatória de permanecer solteiro para não distribuir com a esposa o conforto que usufrui. Quando casado, intimida a esposa, distribui ira e espera que ela concorde com todos os seus planos, embora nem sempre estejam baseados na razão e decência. Deseja ser querido e respeitado, mas não contribui para conquistar afeições. Na ânsia exclusiva de pensar em si, somente se considera satisfeito, quando reduz as atividades da mulher à cozinha e à alcova.

Da necessidade de refletir

O mundo anda convulsionado. Enfrentam-se a coragem e a covardia, a dignidade e a corrupção. Impaciência e intolerância andam de mãos dadas.

Ninguém suportará tal ambiente, se não conservar o domínio do interior, a paz de espírito, tão necessária à sabedoria de viver.

Como espíritos, todos têm suas tarefas que, embora nem sempre percebidas, são muito importantes.

Impõe-se que o indivíduo se convença de que os passos dados na vivência diária repercutem nos acontecimentos futuros e que, direta e indiretamente, ele é responsável por tudo que lhe acontece. Justificar os erros, atribuindo-os ao destino ou à provação, segundo alguns, é querer enganar-se a si e ao próximo.

Sem essa convicção, desaparecerá a necessidade de lutar pela vitória.

Não adianta pedir a proteção de Deus, porque dela tudo se tem: raciocínio, livre arbítrio e vontade. O que importa é abastecer-se de pensamentos de valor, resoluções acertadas, prática de boas ações. Convencida disso, a pessoa não mais correrá atrás de ilusões.

Conseguir o controle do interior é estabelecer equilíbrio entre as sugestões que a vida oferece e o que deve ser aceito de acordo com o bom senso.

Neste mundo agitado, onde todos correm e os veículos voam à flor do solo, nada melhor que, de quando em quando, parar um pouco para fazer um balanço do abastecimento interior. Nesses momentos de reflexão, é bom compreender que não adianta querer modificar a vida, medindo defeitos ou exagerando qualidades; é ótimo descobrir que se melhora a vida, trabalhando por ela através do aperfeiçoamento pessoal, sem medos pessimistas nem prazeres tolos. Esses não deixam perceber o mal. É ainda útil esclarecer-se quanto ao próprio ajustamento social que se manifesta quando o indivíduo é capaz de ver em si o que os outros fazem, ouvir o que dizem e sentir o que sentem seus semelhantes.

A vida humana é tão limitada que não haverá progresso sem um grande esforço e espírito de colaboração. Todos os problemas pessoais são, no fundo, sociais e, por isso, é de grande importância que as capacidades individuais se reúnam, convergindo para o bem da espécie humana.

Todos nós erramos, mas o que importa é enxergar e corrigir os próprios erros.

Embora a correção dos erros seja mais fácil na infância e adolescência, podemos fazê-la em qualquer idade, lembrando os fatos passados naquele episódio.

Os indivíduos corajosos que possuem confiança em si e sentem-se bem na vida são beneficiados. Mas os que não têm uma atitude mental que os conduza à solução de seus próprios problemas formam individualidades voltadas para o lado inútil da vida, são os derrotados e constituem os grupos de ébrios, doentes mentais e criminosos.

O corpo e o espírito

O corpo e o espírito se acham tão intimamente ligados, que não adianta cuidar de um sem pensar no outro.

As reações isoladas e os impulsos são partes de um todo que representa a atitude do indivíduo para com a vida. Graças a esse conhecimento (tão bem explicado através do Racionalismo Cristão), a pessoa se torna apta não só a corrigir as atitudes como a prever os acontecimentos. Estudar o Racionalismo é compreender esse admirável poder criador da vida, o qual vem de Deus — o grande foco gerador. Esse poder vital se revela no desejo de desenvolvimento e na luta pela sua realização, na vontade de corrigir os defeitos procurando substituí-los pelo sucesso nas mesmas condições. Não podendo parar, a vida luta contra os obstáculos. Tal processo, que se relaciona não só ao organismo físico como ao social, será sempre o ponto visado pelos educadores.

Para conseguir um objetivo, reúnem-se todas as atividades psíquicas e materiais.

Assim pensando, merece maior atenção o criminoso que o próprio crime. Importa que se compreenda o alvo da vida do indivíduo. Esse alvo é que lhe dirige todos os atos.

O espírito precisa do corpo na vida terrena. Se verifica um defeito orgânico, emprega um grande esforço para vencer ou compensá-lo por meio de outro órgão que se encarrega das funções do órgão deficitário.

O cego tem a falta da vista atenuada pelo desenvolvimento de outros sentidos, salientando-se o tato. Quem perde os membros superiores, procura substituí-los pelos inferiores, chegando à perfeição de pintar com os pés. O surdo substitui a audição pela observação do movimento dos lábios de quem fala, e o mudo transmite a palavra através do gesto.

Tal equilíbrio também se deve estender ao organismo social.

O espírito e o corpo formam uma unidade integral. Com essa compreensão a cura do corpo pela medicina será completa. As chamadas doenças mentais são a revelação do mau emprego do pensamento.

Sem uma finalidade a atingir e um desejo de vencer os obstáculos, a vida perde a significação. A pessoa só poderá solucionar as deficiências e dificuldades do presente, se julgar ser superior a elas e possuir na mente a imagem do futuro sucesso.

A exteriorização do objetivo de vida se inicia nos primeiros anos, e esse período em que surge o modelo da personalidade exige do educador o maior cuidado. As tendências são a bagagem que o espírito traz ao encarnar. Mas o importante não é propriamente a bagagem, mas a maneira de aproveitá-la ou modificá-la para um fim utilitário.

Atitudes que definem

Se a finalidade da vida é o aperfeiçoamento, não devemos adquirir complexo de inferioridade, mas desenvolver interesse pelos nossos semelhantes, senso comum e coragem.

A vida não pode fugir às leis naturais: tudo deve manter-se em equilíbrio, até os sentimentos. Os complexos, tanto de inferioridade como de superioridade, índices de pessoa

anormal, são a causa dos desajustamentos sociais. Somente os ignorantes atribuem ao próximo a causa de seus males. Também não se corrige um erro, fugindo da sociedade, mas procurando conhecer-se.

Vida social, casamento e trabalho são, em cada indivíduo, situações que o definem, levando-o ao fracasso ou ao sucesso. São atitudes capazes de destruir ou criar uma existência feliz. Aham-se tão intimamente ligados que o fracasso de uma parte acarreta o prejuízo do todo.

Sem tal esclarecimento, não é de estranhar os inúmeros desajustamentos matrimoniais que se espalham por todos os recantos. São reflexos do desequilíbrio em que se encontra, atualmente, a sociedade.

Sem reconhecer o direito de liberdade de outrem, jamais alguém terá relações íntimas e duráveis.

Encontram-se, no casamento, as mesmas obrigações e dificuldades, as mesmas alegrias e sofrimentos que surgem na vida social. É um grave erro, portanto, considerá-lo como libertação aos deveres e sacrifícios e esperá-lo como se fosse um paraíso onde tudo corresse conforme se deseja. O casamento exige, muito mais que a sociedade, identificação a outra pessoa, além de forte simpatia. Mas essa rara simpatia não basta. O importante é que sejam bem aceitos os deveres, tendo-se em vista sempre o interesse do outro cônjuge. Quem nunca se ajustou socialmente, jamais se ajustará ao matrimônio.

O sentimento social deve ser incutido desde a mais tenra idade, pois carece de tempo para desenvolver-se e não será apenas o instinto sexual que o modificará.

Toda criança-problema tem complexo de inferioridade, qualquer que seja o aspecto: a mentirosa não tem coragem de dizer a verdade, e a vadia, exclui um importante dever — trabalho. Adultos cuja infância foi cercada de mimos desajustam-se ao casamento porque vão exigir do cônjuge igual tratamento. Essa situação poderá conservar-se durante o namoro e os primeiros anos de núpcias. Depois, quando notam que rareiam os mimos, sentem-se incompreendidos e fogem à realidade.

No casamento não há lugar para dominação. Quando um dos cônjuges se julga um instrumento nas mãos do outro, retrai-se e, a partir desse momento, termina a intimidade, a confiança e... também o amor.

A verdadeira afeição matrimonial identifica os esposos numa reciprocidade tão perfeita, que cada um desprende de si os próprios desejos para dedicar-se ao outro, respeitando-lhe sempre o modo de ver e sentir.

Apesar da nossa falta de preparo, o casamento poderá ser encarado acertadamente, desde que duas pessoas reconheçam os próprios erros e, com espírito esclarecido, procurem corrigi-los.

O demorar na escolha da profissão, o começar e não terminar um trabalho revelam desajustamento.

O indivíduo só estará preparado para o casamento, se tiver um emprego e nele progredir. Parecendo, à primeira vista, algo de pouca importância, é bem significativo.

Todos são livres sob condição. Qualquer um é livre quanto à escolha da profissão, mas somente encontrará fracasso, se lhe faltar capacidade.

Separação e angústia

É uma idéia falsa imaginar que, sendo o contrato de matrimônio feito por espontâneo e mútuo consentimento, poderá também ser desfeito do mesmo modo. O contrato matrimonial encerra um feito moral de tanta importância, que não pode ser comparado a qualquer outro.

Mostra-nos o bom-senso que há, na vida, muitos atos irreversíveis. A vida dos filhos foi gerada por livre e espontânea vontade dos pais que, nem por isso, podem desfazer-se dela sem cometer um crime.

Só conseguirá paz e durabilidade a vida do casal, se não for envenenada pelo egoísmo e obstruída pela incompreensão. Cada cônjuge tem que ajudar o outro, não no sentido de fazer-lhe todas as vontades e satisfazer-lhe os caprichos, mas com um caráter mais forte e consciente que à primeira vista pareça até oposição: aceitar o cônjuge com paciência e calma, sem, contudo, encorajar-lhe as faltas e injustiças. Fugir a tal objetivo constitui infidelidade.

— Não é para se completarem e aperfeiçoarem que duas pessoas se casam?

Cada membro da família não deve desviar-se da gravitação de solidariedade humana. É uma lei natural cuja transgressão implica na arriscada aventura de não saber viver.

O amor-próprio, originado pelo egoísmo, é a causa dos desajustamentos matrimoniais, é, na vida, o jogo mais difícil e destruidor.

Para bem da sociedade, de cada cônjuge e principalmente dos filhos, o casamento deve ser um ato indissolúvel. Tal afirmação se baseia nas necessidades espirituais da criança, que são absolutas e nada poderá substituí-las.

Sendo satisfeitas, tudo lhe será dado. Boa alimentação e abrigo contra os elementos é pouco, quanto lhe basta na parte material.

Os filhos, por afeição e instinto, embora muitas vezes sejam testemunhas de desentendimentos e conflitos, só aceitam os pais unidos, pois encontram na família o aconchego dos afetos e, no lar organizado, a proteção de que tanto necessitam. Para eles não há motivos que justifiquem a separação. O pai ou a mãe que os abandona como a um traste, esquece-se de que os deixa inquietos, angustiados, desorientados, ansiosos pela volta daquele que se foi, embora não o manifestem por palavras. Os professores são espectadores assíduos desses dramas.

Mas dias virão em que o amor filial se enfraquecerá, quando os filhos compreenderem que o abandono que tanto os fez sofrer foi a consequência de uma atitude tão egoísta, que os transformou em órfãos de amor.

Quem poderá negar que na mente dos filhos de pais separados surjam, como nas faíscas luminosas, estes dizeres: “mas por que nos deixou numa situação que ele (ou ela) achou insuportável?”

A separação não só fere os filhos, mas mutila cada esposa. E o mutilado, mesmo procurando reagir, tem sempre presente a cicatriz do cônjuge amputado.

As desavenças, seja qual for o motivo, não explodem num dia. Vêm surgindo aos poucos com períodos de calma. Nasce os filhos. O cônjuge desajustado, mesmo contra a vontade, tem que aceitar o dilema que unidos, embora em desacordo, tiveram muitos momentos de intimidade. Se houve períodos que os separaram, também houve os que os integraram, pois foram os construtores de um lar onde a prole participa de seu corpo e espírito.

Mesmo sem filhos, a separação do casal, se traz alívio, só pode ser temporário.

Não é possível que o tempo tenha o poder de apagar a lembrança de uma vida a dois, onde houve comunhão de corpo e espírito. Não se compreende que uma decisão jurídica apague os rastros físicos e psicológicos de uma vida em comum.

Separados, procura cada cônjuge construir outra vida, mas com os farrapos que traz da integridade original.

Vida consciente

O espírito, livre das condições do meio ambiente, só tem uma finalidade — o dever.

Antes da encarnação, escolhe o meio que lhe seja favorável ao desenvolvimento, mas não encontra entre os familiares o mesmo grau de espiritualidade.

A família é um meio heterogêneo, o laboratório do progresso.

Partindo desse princípio, conclui-se que as reações do comportamento e os hábitos de padrão não são hereditários, mas adquiridos. Ninguém herda vícios nem reações históricas, nem impulsos criminosos. Mas, inúmeros fatores influenciam a individualidade, salientando-se os ensinamentos, a sugestão dos pais.

O que somos nada mais é que o resultado da reação pessoal às influências paternas e às experiências do meio ambiente.

Ajustar a personalidade às diferentes situações é um esforço necessário não só à sobrevivência como à valorização moral e espiritual. Essa contínua necessidade de ajustamento é que torna a vida difícil. Sobreviver ou perecer depende das condições da individualidade às situações imprevistas: perturbações de saúde, mágoas, reveses financeiros.

Existe muita gente que atribui as fraquezas à hereditariedade e à educação recebida dos pais. É a maneira mais cômoda de conformar-se com o erro e de passar adiante o **abacaxi**.

Há, muitas vezes, grande responsabilidade dos pais que, inconscientemente, se tornam culpados dos desacertos dos filhos por excesso de fraqueza, proteção, carinho ou exigências. Mas, o espírito adulto em sã consciência, com o firme propósito de não afastar-se do cumprimento do dever, reage contra tudo que não lhe permita o progresso. É nesse estado que forças superiores lhe imprimem aos atos uma conduta exemplar.

Consciência é qualidade de espírito que deve ser cultivada através da vida inteira, através de todos os momentos. Desde o nascimento dos filhos, a tarefa dos pais deve consistir em prepará-los para que um dia se tornem independentes.

O ser humano tem a originalidade de lançar sobre si um olhar cada vez mais lúcido a fim de descobrir seus mecanismos mais íntimos e de conhecer os laços que o prendem à sociedade. Esse poder de apreciação é que se chama consciência. Aproveitá-la é situar-se com equilíbrio no mundo.

Antes de nascer, a criança já tem o mecanismo do sistema nervoso influenciado pelo equilíbrio global da mãe: grau de consciência, inteligência, vida emocional, amor que liga ao pai, de seu próprio filho, valor do pai, segurança e paz reinantes no lar. Tudo isso está intimamente relacionado.

O bebê, espírito que desperta lentamente, está intimamente ligado à mãe, cuja presença não dispensa. Mas depois, vai aos poucos preparando-se para conquistar o mundo. Estabelece entre si e os objetos que o cercam relações e dá-lhes alma: o cabo da vassoura é o cavalo, e o muro onde esbarra considera-o mau. Embora dotado de uma consciência incipiente, pouco depois toma conhecimento do seu eu.

A partir desse estado cada vez menos vai ficando sob a dependência dos pais. A imprecisão e a instabilidade, normal e progressivamente, são substituídas pela calma, atenção, habilidade nos gestos.

Inicia-se mais tarde o esforço voluntário para dominar a impetuosidade das forças instintivas. Chega enfim a adolescência, momento em que cessa o crescimento do corpo e o indivíduo adquire consciência mais viva de sua autonomia. Perde a tranquilidade infantil, estabelece divisa entre si e o mundo, sente-se o núcleo de uma partícula da grande força criadora. Dobra-se sobre si, embora o julguem egoísta. Compreende então que a autonomia é que caracteriza a vida humana. Tem um poderoso desejo de tudo conhecer e compreender. Toma conhecimento das dimensões infinitas da vida. Torna-se sensível ao belo, à música e à poesia. Descobrimo o eu, também descobre a vida espiritual, sem a qual não pode haver uma existência bem aproveitada.

É feliz, se o meio em que viveu, conhecendo e compreendendo o sentido profundo de suas experiências, forneceu-lhe os elementos da cultura humana, tão necessária para apreciar a vida e alargar os horizontes.

A conquista de uma vida

Infelizmente, o homem, com raras exceções, usando e abusando da própria força e da disponibilidade da mulher, procura subjugar-la, considerando-a como um instrumento próprio, animal de prazer, traste de descanso das lutas diárias.

Os que assim procedem talvez imaginem que o egoísmo esteja na razão direta da personalidade.

Embora o homem e a mulher sejam profundamente diferentes quanto à estrutura anatômica, à fisiológica e à sensibilidade, ambos devem possuir a mesma natureza humana. Não se encontra só no perfil a diferença dos sexos: a pele mais delicada da mulher está bem menos separada dos outros e do mundo que a do homem. Esse, muito autônomo, dificilmente sente os abalos do que o rodeia. Reveste-se de uma carapaça protetora totalmente individualista. Os músculos, mais robustos, denotam força, resistência e combatividade. Na mulher, a epiderme não é somente camada protetora, mas também sistema nervoso sensitivo, membrana receptora e emissora entre o ambiente e a alma.

Sendo a sensibilidade a maior riqueza espiritual da mulher, será também um prejuízo, se ela não procurar esclarecer-se quanto à verdadeira finalidade da vida. Sem uma consciência lúcida, torna-se incapaz de dirigir e dominar a sensibilidade e vive sujeita ao ambiente. De natureza dependente, pode chegar a compenetrar-se de que os outros são responsáveis pelo seu destino e cede-lhes a tarefa de resolver e pensar, reservando para si, unicamente, o direito de sentir e sofrer.

Com tal comportamento, não conquista autonomia — símbolo de maturidade espiritual nos seres humanos.

Não são poucas as mulheres que, não procurando momentos de isolamento, tão úteis à reflexão, vivem exageradamente, sob a influência da opinião alheia, da sociedade e da moda. Essa, quase sempre, ditada por indivíduos inescrupulosos que visam simplesmente o comércio.

A mulher reage às excitações do mundo exterior diferente do homem: esgota-se com o barulho e o trabalho contínuo, mas, em compensação, beneficia-se, graças à influência do sistema nervoso no conjunto das funções intelectuais: memória, associação de idéias, imaginação. Com facilidade é capaz de analisar as mais delicadas impressões advindas de um ser. É intuitiva até o dom da mediunidade.

O homem, ao contrário, é mais objetivo, desenvolve o raciocínio e a lógica.

Mas não será certo estabelecer separações entre as inteligências masculina e feminina, porque sob a influência da educação, da cultura, da posse de uma consciência esclarecida, a inteligência tende a ultrapassar o comportamento não só biológico, mas psicológico e tornar-se idêntica nos dois sexos.

Para realizar uma vida, não basta que a mulher tenha o senso do próximo, a possibilidade de colocar-se no seu lugar, a dependência que chega, às vezes, à passividade total.

Mas o importante é que ambos, por um esforço de consciência, conquistem uma atitude humana, num plano superior ao comportamento instintivo.

Só assim, tanto o homem como a mulher serão encarados como pessoas plenamente realizadas. Não há valor em ser herói, gênio ou anjo, se a criatura não conseguiu por essa luz interior, que se chama consciência, colocar-se num plano superior ao dos animais irracionais.

Liberdade e autoridade

Liberdade é o direito de ter iniciativa, de assumir os próprios atos.

Desde cedo, deve-se preparar a criança para o bom uso da liberdade, excluindo o processo empírico da posição sistemática.

Não se pode conceber que, numa época em que todos os ramos de atividade humana exigem preparo técnico, não se inclua o mais delicado, o da formação da personalidade.

Liberdade e autoridade, caminhos conducentes à personalidade, exigem ambiente onde não haja constantes ameaças, castigos freqüentes, referências desmoralizadoras, pancadarias, suborno pela compra de esforço. É ato venal a promessa de presentes pelas notas obtidas.

A prática dos deveres de bons atos tem como prêmio satisfação íntima e tranquilidade que dispensam toda sorte de elogios e dádivas materiais.

Autoridade e liberdade serão duradouras e respeitadas se apresentarem aspecto regulador, criador de ordem e autodisciplina.

Se o autoritarismo é inimigo da autoridade, o liberalismo denota insuficiência na sua garantia. A obediência cega resultante do autoritarismo é ato puramente material que deforma o caráter, sugerindo medo, revolta ou mentira. Mas a que significa adesão não só esclarece como encoraja e aperfeiçoa.

A liberdade não deve ser encarada como uma satisfação de capricho ou fantasia nociva, mas como força de adesão às normas sociais e aos preceitos morais e espirituais.

Nessa conjuntura, a função do educador não será a de espreita como um cão de fila, visando o erro, nem a de indiferentismo, mas a de constante observação. Não admitirá o erro e puni-lo-á de acordo com a gravidade do caso; ensinará primeiro, para exigir depois; informará o educando dos perigos de um ato por ele imaginado ou praticado para que o advirta, caso haja insistência. Promessa de castigo não cumprida desmoraliza o educador e enfraquece o valor da autoridade. Sanções e penalidade prendem-se diretamente à prática da autoridade.

A falta de autoridade degenera em ociosidade e indisciplina. Nos lares desorganizados, a criança tem todos os direitos, mas no lar bem formado, os direitos e deveres são iguais, tanto para os adultos como para as crianças.

A delinquência juvenil tem etapas: começa com a fraqueza dos pais no abandono dos filhos (principalmente dos de índole má) que adotam um impressionante relaxamento na vida, seguido de atitude demissionária.

É na vivência do cotidiano que a criança aprende o pleno uso da liberdade. Sua vida estará sempre sujeita ao constrangimento e à tolerância: rigidez nas horas certas de levantar, comer e deitar. As concessões ficarão nos intervalos. Não se esqueçam os pais que, delimitando a liberdade, estarão concorrendo para que os filhos se fortifiquem, amadureçam, progridam na conquista da autonomia. Será importante despertar-lhes a confiança em si, acostumá-los a tomar iniciativas ao seu alcance, evitar que se deixem ficar na dependência da opinião alheia.

A criança é o melhor juiz do valor do mando dos adultos. Instintivamente, repele os processos que humilham e desanimam. Sente-se infeliz com a má orientação, e a infelicidade se traduz pelos sintomas clássicos do roer as unhas, dos tiques, da mentira e constante agressividade.

Só tem direito de mandar quem sabe obedecer aos preceitos da vida e às leis superiores às suas.

Mãe

Maternidade não é apenas processo material e biológico, mas, principalmente, tarefa espiritual. E haverá função mais nobre?

Somente a mãe tem o privilégio de sentir em outro ser humano o seu próprio corpo. Tão forte é o sentimento da maternidade na mulher que, não tendo filhos, ela sofre e procura atenuar a amargura, dedicando-se aos filhos alheios.

A solicitude com que a mãe trata o bebê cria em torno dele um clima de afetividade que concorrerá para a expansão de simpatia com os seres e as coisas. É o ambiente humano propício ao desenvolvimento da criança e também o de que ela necessita para conseguir desenvolver a verdadeira maturidade. Convergência, portanto, os interesses da mãe e do filho. Tudo que impede a realização do ideal materno afeta os filhos: inferiores condições de habitação, falta de segurança provinda do mau acolhimento que o pai oferece à família.

Só consegue educar quem se educa, por isso inicia uma vida mais profunda a mulher que se torna mãe.

Dar à luz uma criança, amamentá-la, distribuir carinhos ou palmadas, conforme o bom ou mau-humor, é pouco em confronto com o sentido espiritual da maternidade. Esse consiste em auxiliar alguém a tornar-se adulto.

Pelos problemas que criam, os filhos educam as mães, obrigando-as a uma revisão de si mesmas, a uma correção de atitudes. E tudo isso não significa uma dilatação do horizonte humano?

Ser mãe é realizar sensibilidade, intuição do próximo, tato, doçura e principalmente procurar colocar-se no lugar dos outros, deixá-los expandir-se num ambiente de serenidade, ordem e beleza. É tarefa que exige, além de inteligência e sensibilidade, também cultura humana.

Somente a mãe é capaz de entremear as tarefas domésticas com fatos, gestos e palavras dos filhinhos. É a pessoa indicada para ajudá-los e encorajá-los, a que não tem hora marcada para atendê-los.

Sua presença acalma e solicita confiança que estabelece confiança.

Enquanto a mãe ensina o filho a conhecer-se e compreender-se, num esforço consciente e constante, procura também conhecê-lo e compreendê-lo. É ainda ela que orienta a criança para travar boas relações com o próximo: verdadeira iniciação do amor, chave das relações humanas.

Lutando para auxiliar os filhos, instruí-los e educá-los, é a si mesma que a mulher se auxilia, pois conquista um alto nível moral. Por isso todas as tarefas que lhe forem propostas, quer sejam de natureza econômica ou profissional, nenhuma oferecerá essa oportunidade de ascensão espiritual.

O trabalho fora do lar é sempre um prejuízo à maternidade. Cada partida da mãe é marcada por gritos e choros que dão a impressão de abandono.

No fim do dia, ao revê-la, a criança paga com juro a ausência, entregando-se a excessos de carinho, o que também é condenado em matéria de educação.

A mãe, por sua vez, ao voltar do trabalho, já cansada, tem duas atitudes: ou deixa a criança entregue a si mesma sem oportunidade de quem lhe corrija as falhas, ou torna-se irritada e irritante num estado deplorável de nervos. Zanga-se facilmente e desaparece o diálogo mãe e filho tão importante para despertar confiança.

Depois de certo tempo, o afastamento se transforma em hábito, mas a criança muda de atitude, fala pouco por não ter condições de expandir a personalidade; tem necessidade de entregar-se, de fazer confidências.

Habitua-se com a pessoa a quem foi confiada mas desorienta-se. Como atender a duas orientações?

Chega com a idade escolar mais uma orientação. Todos esses contatos criam nela uma aceitação passiva que lhe é prejudicial porque não se utiliza do raciocínio nem da vontade.

Minada inconscientemente pelo remorso, a mãe entulha-a de roupas, brinquedos e jóias. Oferece-lhe todo o conforto material, porque o moral não pode dar.

Tem valor inestimável a maternidade espiritual, a que torna a mulher mais rigorosa consigo mesma, que a livra de qualquer baixeza, que a incita a conquistar uma vida sem manchas à custa de lutas e sofrimentos, mas que deixa como herança aos filhos a lembrança de uma bela imagem.

Um problema fundamental

A educação vem do berço. Para educar uma criança, há necessidade de tempo a perder, porque educação é encontro, confiança e amor.

Infelizmente ainda existem educadores a ignorar que cuidando dos sentimentos e da vontade da criança estarão desenvolvendo nela inteligência e progresso.

As falhas disciplinares não devem ser tratadas no ângulo do julgamento e da sanção. Censurar sem causa, desconfiar sem razão, tratar com ironia é fazer o menor correr o risco de uma parada ou depressão na vida afetiva; é habituá-lo a ver, nas relações humanas, somente o juiz e o acusado. E esse mau hábito o acompanhará até o matrimônio. O resultado aí está aos olhos de todos: lares que se desmoronam, filhos abandonados e desorientados.

Uma falta serve sempre para ensejo de uma conversa, de uma admoestação. O julgamento e a sanção virão depois.

À proporção que se vai educando a criança no sentido do conhecimento de si mesma e dos outros, desperta-se-lhe vontade e energia para a responsabilidade que assumirá quando adulta. É uma atividade consciente para formação da personalidade. Só assim se formará um ambiente de compreensão tão útil na vida em sociedade como nas relações da vida do casal.

A carência desse aspecto educativo é a destruição do amor no matrimônio.

Atualmente, a escola não pode limitar-se a dar conhecimentos técnicos e científicos, tem que ensinar como enfrentar a vida.

A verdadeira educação é a que se baseia no conhecimento dos seres e das coisas, a que incita à reflexão, a que conduz à consciência, à existência do espírito.

Mas, falta ao menor, no momento, local e tempo para educar-se. O pai absorve-se com o trabalho e a mãe procura atividades extradomésticas para ajudá-lo, monetariamente. Embora com boa vontade, não podem assumir a responsabilidade de uma educação adequada.

A família está separada durante o dia, ou, à noite, reunida, mas para ouvir rádio ou assistir aos programas de televisão. Essa, embora nem sempre seja nociva, impede o encontro a dois, a conversa, porque só ela fala. Tomando o lugar das pessoas de casa, não só as afasta uma das outras como de si mesmas. Além disso, os programas educativos, que seriam ótimos aos pais e aos jovens, só aparecem muito tarde, à hora em que uma pessoa de bem já está dormindo. Há ainda a considerar a legião de pais que, por serem fracos, são incapazes de tornar os filhos fortes na vontade e fortes no amor.

Cabe, portanto, à escola tomar a iniciativa.

Sem educação, as escolas mistas e as exposições sobre sexualidade serão inúteis e até perigosas.

Os valores da vida interior, comuns a todos, devem cultivar-se, qualquer que seja a religião. Impõe-se a educação dos sentimentos e das emoções, o conhecimento e domínio de si mesmo. É um problema fundamental que a escola resolverá, se quiser, realmente, indivíduos completos.

Quando os fatos fazem vislumbrar uma nova civilização, urge que os educadores despertem e dêem à humanidade o suplemento que lhe falta — o de alma.

O desconhecimento de si mesmo e dos outros, a completa ignorância sobre as atitudes psicológicas é que levam muita gente a erros e conflitos, é que insinua os cônjuges a se incompatibilizarem.

O desconhecimento de si mesmo leva também a juventude a desnortear-se.

Somente as pessoas com esclarecimento não vêm nos Beatles e no comportamento dos jovens corruptos, tomadores de maconha, a explosão de um estado de coisas que está errado. Eles são, inconscientemente, a expressão da revolta. Fazem barulho, riem para não chorar por tudo de bom e certo que não lhes ensinaram. Tornam-se indisciplinados, dão às vestes aspecto ridículo para ressaltar a miserável educação a que estão condenados.

Só haverá coeducação sexual, quando as moças e os rapazes se esclarecerem sobre as respectivas atitudes, quando a escola se convencer da necessidade da consciência humana.

Desapareceriam os problemas nas escolas mistas e não haveria tanta baixeza na vida sexual, se houvesse realmente educação.

O século vinte está exigindo dos educadores verdadeiramente fortes que se coloquem frente a frente com a juventude a mostrar-lhe o caminho certo, não com palavras, mas com a própria vida.

A idéia falsa de que todos estão sujeitos ao Destino só tem servido para tirar iniciativas, para desenvolver fraqueza.

A inserção feliz do indivíduo na coletividade não depende do Destino, mas da aquisição do amor.

Amor não é somente a medida do que os outros nos dão, mas também do que lhes devemos dar.

A maior conquista

O espírito é o corpo mental e revela-se pelos próprios atributos: inteligência, raciocínio, vontade, consciência de si mesmo, domínio próprio, sensibilidade.

Encarna, justamente, para progredir através da luta e do sofrimento. Mas, a idéia de progresso implica a de imperfeição, logo ao chegar a este mundo traz uma bagagem mais ou menos volumosa de defeitos que devem ser corrigidos através das encarnações.

A vida humana é, portanto, a marcha para o aperfeiçoamento e cada um é senhor de seus próprios atos de cujas conseqüências deve assumir a responsabilidade.

Muita gente, entretanto, falha por ter a ilusão de que será mais fácil conduzir-se pelos instintos, hábitos e paixões que dominá-los.

Penetrando nesta vida, o ser humano é apenas um amontoado de boas e más tendências com inspirações idealistas e apelos instintivos. Dois elementos o compõem: o espiritual e o carnal. O corpo é instrumento do espírito, que representa força, mas ambos estão sujeitos à lei universal — a do equilíbrio.

Para mantê-lo, existe uma poderosa ação construtiva que se chama Educação, cuja finalidade é equilibrar as tendências, restabelecendo, através de todas as deformações, o homem normal: o que possui inteligência capaz de ver, vontade que sabe querer, animado pela sensibilidade num corpo sadio. Educação é, portanto, obra de grande alcance a realizar-se no tempo e no espaço, do nascimento à morte: durante a infância e adolescência, inculcada pelos pais e professores; no estado adulto conquistada pela sutileza do raciocínio, inteligência, força de vontade. Requer esforço de grande valor, pois os resultados se multiplicam através das gerações, beneficiando não só o educador como o educando.

Ao ser aplicada, encontra um obstáculo — a natureza humana — contida de um lado, mas facilmente desviada para outro. É ato de colaboração, porque exige esforço do educador e do educando. Este, o mais interessado, vai, aos poucos, conciliando as próprias tendências, o próprio temperamento e, enxergando os pontos fracos, consegue harmonizar a vida inteligente, a do espírito. Para tanto, tem que aprender a dominar-se a fim de atingir a maior conquista: a de si mesmo.

Não se deve confundir adestração com educação. Aquela se refere ao animal, esta ao ser humano.

Adestrar é levar o animal pelo medo a realizar atos que se transformem em hábitos; educar é desenvolver no homem a inteligência para utilizar-se de uma forte vontade, conquistando o equilíbrio mental. Adestra-se pela imposição, inculcando o medo; educa-se pelo amor, sugerindo raciocínio.

Há uma legião de pessoas que se obrigam a esforços e trabalhos na vida diária, porque desejam conquistar um lugar de destaque, porque ambicionam sair-se bem nos negócios, ganhar dinheiro. Tal comportamento representa um gasto de energia para fins unicamente materiais.

Falham quando se trata da vida espiritual, a dos sentimentos. — A que atribuir tal aspecto? À preguiça, à ignorância ou ao falso conceito de que a vida consiste na liberdade de fazer tudo que agrada?

— Mas que liberdade será esta, a de deixar-se dominar pelos impulsos e paixões, nossos maiores inimigos? — Que valor encerra a liberdade do preguiçoso, incapaz de qualquer esforço? Do genioso, incapaz de dominar atitudes e palavras que lhe trarão desajustamentos e desgraças? Do sensual, incapaz de resistir ao capricho dos sentidos que lhe destruirá a calma e a felicidade? — Que liberdade será a da prática de um ato que traz remorsos?

É preciso não confundir energia de forças cegas com o livre exercício de uma vontade esclarecida.

Considerem-se livres os que conseguiram o segredo da vida: ir aonde conduz o raciocínio dirigido por uma vontade forte e animado por uma sensibilidade controlada.

Essa é a suprema conquista, a que todos devem aspirar.

À procura de um clima

Quem sente verdadeiramente a vida, conclui que ela só se desenvolve em clima favorável. Se há plantas que somente crescem nas regiões temperadas e outras nas tropicais; se os peixes de água salgada não sobrevivem nas águas dos rios, também o espírito necessita de ambiente adequado ao seu progresso.

Existe em nosso mundo espiritual o clima propício aos bons pensamentos que desabrocham em confiança, saúde, abundância e tranquilidade. Mas há também o glacial, manifestado por egoísmo, deslealdade e desamor, capaz de matar a confiança e a paz, verdadeiras flores da existência.

Decidindo-se a fazer uso da inteligência e do raciocínio, qualquer pessoa estará apta a encontrar o clima favorável aos bons sentimentos. A decisão dependerá da boa vontade de desenraizar de si pensamentos impregnados de medo, tristeza, cólera e desânimo.

A observância na prática de não difamar, não queixar-se, não sugerir dúvidas, não perder tempo em falar de doenças e catástrofes, redundará no desenvolvimento de uma natureza sadia cujos benefícios recairão na própria pessoa.

Valioso coadjuvante para evitar e corrigir os incômodos emocionais é a atividade física.

Alma sadia num corpo sã é antigo mas sábio preceito.

A ansiedade, a autocomiseração e o pesar prolongado podem ser afastados não discutindo os problemas pessoais com qualquer pessoa, adotando métodos tranquilos para modificar os hábitos emocionais, procurando ser cordial nas relações com terceiros, principalmente com a família.

A irritação é contagiosa, uma fogueira que aumenta com as respostas atravessadas.

O ser humano tem necessidade de contato social, de realização, de interesse nas atividades e na aprovação do grupo a que pertence. E se não o consegue, sente uma angústia que não pode esconder, porque está permanentemente irritado.

Muita infelicidade ou insatisfação na vida conjugal tem raízes na negligência de tais necessidades. O importante não é tornar conhecido o culpado, mas corrigir a situação. Toda criatura que acha a vida enfadonha é, de um modo geral, a que se descuidou de suas necessidades psicológicas.

A sensibilidade infantil é apuradíssima e as crianças registram e ampliam tudo que as rodeia.

Não são poucas as vidas fracassadas que têm origem na infância sem ambiente.

Muito cuidado, portanto, deve haver, quando se falar diante das crianças para evitar que as palavras levianas não se condicionem ao futuro. Às vezes, calar será melhor que perturbá-las; mas incutir-lhes sempre alegria e esperança é dar uma prova de amor e ajudá-las no futuro. Há pessoas nervosas que, em conversa, deixam transparecer a lembrança de lágrimas arrancadas de uma infância amargurada.

Quantos adultos doentes ou fracassados existem cuja infância foi cercada de pensamentos de doença e revolta contra a profissão! No ambiente de casa, o cenário era sempre o mesmo: o pai

maldizendo as tarefas diárias para despertar piedade na esposa; a mãe, criatura dolente, manifestando o estranho prazer de ver-se lastimada.

Os temores infundados que os adultos levianamente experimentam podem tomar nas crianças as proporções de drama.

Sendo a tristeza inimiga da saúde, banir a tendência de viver cercada de amargas recordações é duro, mas indispensável para a saúde do espírito.

Não adianta chorar constantemente os que se foram, nem prestar-lhes a insignificante homenagem com flores, nem encerrar-lhes a lembrança em objetos. Como espíritos, não lhes interessa o que seja material. Mas imaginá-los o que são na eternidade é um pensamento salutar.

Entristecer-se por ver os filhos crescer e conquistar a liberdade é pensamento de fraqueza que não deve encerrar-se no estreito recinto dos hábitos sentimentais.

Reflexões de um condenado

Há vinte anos escolhi um lar e, ao nascer, entreguei a meus pais o corpo e o espírito em troca de uma vida: o corpo, normal, com grandes probabilidades de desenvolvimento; o espírito, embora com os atributos em estado latente, ávido de progresso.

Recebi a vida... mas, pode-se chamar a isto vida, encerrada entre as paredes de uma cela?!...

Longe dos homens e das coisas, aviva-se a inteligência, aguça-se a memória. Tudo, agora, me fala numa linguagem secreta, mas que ajuda a compreender.

A vida tem dois caminhos: o do bem e o do mal. Fui arrastado ao do mal porque não aprendi que toda existência é o que fizerem dela o caráter, sujeito a modificações, e o curso dos pensamentos. Educar-se não deve consistir apenas em adquirir boas maneiras, mas também em preservar-se dos desvios morais. O homem se distingue dos animais porque é um ser moral, portanto dominador dos próprios apetites. Não será para aviltar-se que a mocidade tem um grande potencial de força criadora.

O adolescente educa-se para a fidelidade à medida que aprende a respeitar-se e a respeitar a mulher, em geral.

Hoje, eu e meus pais sofremos e expiamos o grande crime cometido contra uma geração.

Através dela, comunicamo-nos com outras vidas, com iguais tendências e padecemos as mesmas decepções e fruímos as mesmas alegrias.

As impressões da infância não se desfazem ou desfiguram com o correr dos anos e agora enxergo o que tem sido a minha vida: a atrofia da infância degenerou na degradação do homem.

Desde cedo, com a forte sensibilidade própria das crianças, percebia a fraqueza de meus pais. O seu não era tão frágil, que dava a impressão de incerteza, por isso, eu gritava, esperneava para conseguir a satisfação de um desejo. E tudo acabava como sempre: davam-me dinheiro, doces e roupas, só não me davam educação. Satisfazendo todas as minhas vontades, prestavam serviço, não a meu espírito, mas à própria comodidade.

— A que atribuir tal atitude senão à falta de convicção de que podiam tornar-me uma pessoa de bem? à fragilidade de paciência para me educarem?

Toda vida fecunda é o resultado do esforço empregado na aquisição de pensamentos elevados, porque os baixos só destroem.

Até hoje não fui senhor de meus pensamentos. Nunca me veio à mente a possibilidade de concorrer pelo comportamento para um mundo melhor. Jamais desenvolvi amor ao próximo.

Na escola, ensinaram-me muita coisa; só não aprendi o profundo conhecimento da vida para que pudesse enfrentá-la. Minhas prolongadas horas de ociosidade eram um terreno vazio onde crescia a planta daninha dos maus pensamentos. E não houve quem me ajudasse a arrancá-la e não houve quem me ensinasse a fazer uma boa substituição!...

Substituir, no campo da consciência, as paixões e tendências más por atividades recreativas ou culturais é esperar uma boa colheita. E nesse arrancar e substituir está o sucesso da vida.

Em casa e na escola ouvia a cada instante o “seja bonzinho”, mas encontrava, a cada passo, adultos que lutavam uns contra os outros, na surdina, usando da intriga, maledicência e deslealdade.

Em casa, havia mais o aspecto de pessoas justapostas que o de família, cujos membros se beneficiavam mutuamente. Cada um procurava sempre motivos para afastar-se. Não havia o espírito da solidariedade que constitui o precioso trabalho nos momentos de luta e sacrifícios.

As crianças cresciam, mas não partilhavam das tarefas domésticas. Faltava-nos o clima de alegria e confiança mesmo nas horas que devem ser felizes como as de aniversários natalícios e reuniões.

A importância da leitura

Como seria bom incluir nos presentes de aniversário o de um bom livro!

Desse modo, mesmo no Natal, tão festejado no mundo, as “festas” perderiam o aspecto mundano para revestir-se de um gesto de espiritualidade.

O bom livro é o que age favoravelmente sobre os sentimentos, modificando-os, graças ao entusiasmo, à euforia que provoca. O curso da vida pode modificar-se sob a influência do livro. As idéias, retidas no subconsciente (perispírito), transformam-se em princípio ativo, despertando interesses adormecidos. Nos diferentes aspectos de romance, novela, conto, peça teatral ou reportagem, a estória é arte, é compreensão do belo, portanto, alimenta o espírito.

Sensibilidade é atributo do espírito e deve ser cultivada, pois permite o conhecimento da verdade, mesmo através das aparências e a leitura pode suscitá-la.

As biografias visam as influências profundas do livro, por isso as narrações de viagens valem mais pelas personagens que encerram que pelo conhecimento dos costumes.

Compor um livro cuja finalidade seja instruir ou educar é realizar um trabalho de valor.

Foi isso que procurou fazer Érico Veríssimo, quando, em tão boa hora, escreveu o romance intitulado “Olhai os Lírios do Campo”.

As principais personagens são Eugênio e Olívia e toda a estória se prende à formação moral dos dois.

Eugênio é um infeliz, como muitos que vegetam neste mundo tão incompreendido. Tem, erradamente, complexo de inferioridade por ter nascido num meio pobre. É covarde, ambicioso e fraco. Durante a mocidade comete todas as baixezas que a sociedade lhe permite. Dominado pela sexualidade, formado em medicina, torna-se amante de Olívia, uma colega. Dessa união, vem ao mundo Anamaria, cuja responsabilidade fica entregue à mãe.

Olívia, com um passado obscuro e sofredor, mais inteligente que ele, começa a sentir verdadeiramente a vida e chega à conclusão de que não basta a ambição de riquezas, o exagero de conforto, o trabalho exaustivo, se a criatura não se tornar humana, aceitando além do corpo o espírito como partícula da Inteligência Universal.

Sem o conhecimento de si e dos outros, envereda Eugênio pelo pior caminho. Casa-se não com Eunice, mas com a fortuna dela. Sofre com o casamento todas as humilhações que procurou e na vida que levam, ele e a família (se a isto se pode chamar família), são verdadeiros fantasmas do desgaste moral.

Apesar de casado, torna-se amante da esposa de um dos amigos, freqüentadores da casa. Nos momentos conscientes, sente nojo da vida que leva, mas não reage.

Procura novamente Olívia, que não tem para ele uma palavra de recriminação, um gesto de repulsa porque o ama, mas fá-lo sentir que não haverá mais erro, pois precisam cuidar de algo mais elevado: a filha. Na situação em que se encontram, é preciso ter os olhos limpos para ver a realidade!

Quando a criança completa três anos, morre Olívia, mas deixa-lhe, entre muitas cartas, uma em que lhe confia a filha.

A leitura dessa carta tem o poder do fogo. Destrói todas as baixezas do passado, mas faz surgir dos escombros de lágrimas a redenção do homem.

Ferido pelo sofrimento, acossado pelo remorso, resolve Eugênio mudar o ambiente da própria vida.

Separa-se da esposa que o comprara para marido, abandona o meio rico que só lhe proporciona vergonha e humilhação, e vai viver para a filha, do próprio trabalho. Foi o momento em que, encontrando-se, encontrou também a serenidade.

Se, no decorrer dos capítulos, o autor é realista, mostrando claramente a leviandade da vida de certos homens, a fragilidade e insensatez de algumas mulheres, a irresponsabilidade de muitos pais, mostra também que a serenidade não é nada mais que a aceitação da luta interior pela conduta moral; que nossos sentimentos e pensamentos denotam o grau de coragem no emprego das forças construtivas; que a paz interior só se conquista com o sacrifício da paz exterior.

Os últimos capítulos têm o efeito de uma auréola, e o leitor torna-se mais transparente para ver e sentir em si a pureza da vida cujo símbolo são os lírios do campo.

O dever de realizar

No decorrer da vida, o homem tem deveres a exigir inteiro cumprimento: educação, pleno desempenho das obrigações no trabalho, ações meritórias de aproveitamento coletivo, eficiência nas normas de vida decorrentes de disciplina, método e ordem.

Os pais têm o dever de proteger e educar, indistintamente, os filhos, embora reconheçam graus diferentes de espiritualidade em cada um.

Tais deveres são intimamente ligados à vida em sociedade não só referentes à família, como à pátria e ao mundo. Não consentir que um só faça tudo, atribuindo-lhe inteira responsabilidade, mas tomar parte nas tarefas é o que nos impõe a vida. Saber colocar-se no lugar dos outros é o verdadeiro dever do sentido social.

Povos de estrutura diferente se misturam, pois todos têm uma única finalidade: encontrar as lições da vida em seu semelhante.

Interessar-se pelas atividades do meio ambiente, ser aceito pelo grupo social a que pertence, realizar, planejar, não são futilidades, mas obrigações básicas do espírito. Desprezadas, provocam desequilíbrio, interrompem o ritmo normal dos dias, tornam a vida enfadonha, retardam o progresso espiritual.

E o mau desempenho dessas obrigações é observado até mesmo no âmbito nacional: escassez de empregos, insatisfação com a cultura, padrões de vida caídos, carência de alimento.

Nessa grande cadeia humana que se chama solidariedade, todos têm o seu lugar grande ou pequeno. O tamanho não importa. O que vale é saber cada um o lugar que lhe compete; o que representa nobreza é não ser o elo que se perdeu.

Esses laços que unem os seres humanos tão claramente observados no plano material estendem-se também ao moral e espiritual. Os filhos se amoldam ao que vêem e sentem no ambiente familiar. Quem nunca sentiu a necessidade de ser melhor, convivendo com pessoas que irradiam otimismo e bondade e sabem descobrir nos outros virtudes escondidas?

Não é pequeno o número de mulheres que sofrem profundamente por não ter participação ativa no grupo a que pertencem. São aquelas que enviúvam depois dos filhos casados. Não desejando que a mãe viva sozinha, propõe o filho independente morarem juntos sem prever que rompe com isso todo o sistema materno de realização. E o infortúnio provém da não participação no comando da casa. A mãe sente-se triste, julga ser um peso morto na família, imagina que atrapalha, perde o interesse pela vida.

Esquece-se, porém, de que sendo a velhice uma fase normal da vida, não deve modificar a vitalidade do espírito. Sob o influxo de uma experiência adquirida, estará apta a compreender que a vida é um constante estado de dar e receber e que há, fora do lar, muita gente precisando de tanto sem que nada lhe ofereçam.

Quando vir quanto os outros lhe recusam, olhe para si e para tudo que a rodeia. Participe de uma obra de aproveitamento coletivo. Verá, então, que está em suas mãos a felicidade dos demais. Abra essas mãos, se não forem dominadas pelo egoísmo ou incompreensão.

Realizar uma das aptidões é o melhor processo para afugentar as mágoas. A alegria de viver se baseia nas pequenas coisas.

Ao se aposentarem, passam os homens por desagradáveis estágios emocionais semelhantes aos das viúvas depois da família criada. Interrompem-se as atividades que lhe proporcionavam sentimento de realização, integração ao meio, importância de aprovação social, auto-aprovação, caso não se dediquem a alguma atividade que satisfaça uma de suas aptidões. Passam a preocupar-se apenas consigo, imaginando que a sociedade os considera defuntos ambulantes, de acordo com a importância que derem ao sexo ou ao trabalho.

Nossa cultura ainda não está bem organizada.

Se houvesse estímulo para as aptidões e participação nas atividades sociais, a vida dos velhos, das viúvas e dos aposentados seria mais agradável, pois não sucumbiriam sob o peso de uma participação passiva em sociedade.

O homem e a multidão

Sendo o homem um ser social, procura, espontaneamente, o convívio dos semelhantes, mas esse mesmo convívio lhe deixa, às vezes, um traço de amargura.

O que se isola da multidão fica comentado e malquisto por haver dissonância de duas mentalidades: a individual e a coletiva.

Geralmente, a multidão reúne indivíduos de idades, sexos e profissões diferentes, honestos e desonestos, tímidos e impulsivos, educados e mal-educados. É, pois, difícil conseguir alguma coisa bem equilibrada com tal diversidade psíquica. A multidão pode vibrar uníssona, mas pratica somente atos comuns à espécie humana, os quais não exigem muito raciocínio e reflexão.

Somente a prática de atos individuais de nível superior é capaz de orientá-la ou dissolvê-la (quando degenera).

Se não existe nos agrupamentos humanos uma coincidência de desejos ou misticismos, não se formará a multidão, mas simples massa de indivíduos espiritualmente desunidos.

Para que exista multidão, não há necessidade de que as criaturas mantenham relações diretas de qualquer espécie, mas é imprescindível que se forme uma corrente psíquica que dê coesão e unidade, mesmo que seja momentânea. Embora a maioria se reúna por curiosidade, o entusiasmo de alguns se apodera rapidamente do sentimento de todos, e surge a fera anônima, poderosíssima na conquista do objetivo.

Nas assembléias políticas, quer sejam passageiras ou estáveis, encontram-se as mesmas características das multidões de rua.

A arte de governar se prende ao conhecimento das multidões. Para dirigi-las é necessário melhorar, educar as massas de que se formam.

O destino dos povos e das instituições depende do sentido que tomam as multidões, por isso, quando elas degeneram, merecem todo o cuidado.

Esse cuidado consiste em educá-las, aproveitando as oportunidades em todos os setores da vida social, antes porém que se agitem.

Educar é inserir no caráter a formação de personalidade e solidariedade. Ampliadas, serão únicas e capazes de unir os homens.

Como elementos educacionais ressaltam a família, a escola, os métodos de ensino e o livro. Reunidos, consciente e construtivamente, exigirão certas restrições: renúncia aos bens fáceis e privilégios, apelo à solidariedade, participação de todos no bem comum, começando nesta ordem: família, classe, escola, sociedade, nação.

Quando o homem se convencer da importância da educação no progresso dos povos, não vacilará em colocar a escolha de um sistema educacional num plano superior ao da escolha de um governo.

A educação atual tem aspecto democrático. Antigamente, porém, só estudava quem tinha posses.

As gerações novas, sem distinção, invadem todos os tipos e graus de ensino. Os grandes estabelecimentos escolares se tornam insuficientes para atender às necessidades das multidões.

É uma situação que torna, cada vez mais, difícil a função do mestre. O ensino se realiza sobre verdadeira massa de gerações imaturas e conseqüentemente desumanizadas. Os estudantes passam a maior parte dos dias sob a orientação dos professores impossibilitados de um trabalho individualizador que distinga e valorize personalidades.

O ensino seriado se propõe à formação de mentalidade única, onde tudo é comum: conhecimentos, aspirações e hábitos. O que diferencia não é o fator qualitativo, mas o quantitativo. Podem ser diferentes os temperamentos, mas os sentimentos, as ambições e os ideais são os mesmos. Todos se vestem por um molde único e do mesmo preço, muitas vezes superior às posses;

adotam a gíria ou o calão atualizado; o mesmo penteado os contagia vertiginosamente, embora nem sempre de acordo com o físico.

E o pior de tudo é que as camadas superiores procuram imitar as inferiores, o que não revela uma sociedade equilibrada.

Muito sugestionáveis, as crianças e os adolescentes deixam-se influenciar facilmente pelo lado mau dos adultos e das circunstâncias (rádio, televisão, cinema, jornal e livro) e tendem para a indisciplina. Mas inexperientes e irresponsáveis, são incapazes de avaliar as conseqüências.

É possível confiar numa geração traçada em tais moldes?

As multidões escolares não suportam os que não se enquadram à moral do grupo e procuram avaliar as próprias forças e as dos adultos. É o grito de alerta aos educadores. O êxito dessas multidões dará ao mundo uma forma social resultante das vitórias conseguidas: homens sem personalidade, subordinados a um padrão inferior.

Imaginando-se livres, gritam pela liberdade, mas são incapazes de iniciativa; desejando altas funções intelectuais, esquecem-se do valor do trabalho mecânico e manual; querendo subir vertiginosamente e igualar-se, não se lembram de que cada trabalho tem um preço e que as inteligências variam de intensidade. Muitos não se conformam com as situações modestas, embora não façam esforço para conquistar um nível mais elevado.

O homem tem que se sujeitar a uma hierarquia que a própria vida criou. E os governos devem compreender que, numa multidão de mentalidade coletiva, vale mais acatá-la com suas misérias e grandezas, adaptar-se a ela, mas ajustá-la à conquista do perdido equilíbrio.

É um vasto trabalho de saneamento que prevenirá os grandes males sociais: erros e imprudências dos que governam, abusos dos poderosos, fraquezas dos legisladores que atendem às excitações dos ambiciosos.

É melhor prevenir, que reprimir ou castigar.

Nascimento não é estaca zero

A vida da criança passa por várias fases de comportamento diferente, porque o crescimento do espírito, obedecendo às leis naturais, tem que ser um ato contínuo. Além disso, depende da hereditariedade e de um atavismo mais remoto, o que significa que o nascimento não é ponto de partida, nem a velhice o de chegada, mas simples etapas.

Formação, individualização e aperfeiçoamento, representam o caminho palmilhado de dores na marcha evolutiva do espírito. São verdadeiros laboratórios onde se realiza o admirável trabalho da alma.

O perispírito (subconsciente) conserva o caráter e as aptidões de uma vida anterior próxima ou remota. A isto se chama atavismo.

O espírito cria o corpo, amolda-o de acordo com o gênero de vida e condição social, que satisfaçam as exigências da existência terrena que escolheu. Chega mesmo a imprimir, sob a influência de vidas anteriores, certas disposições que trazem a idéia de sexo diferente: homem de gesto e formas feminis; mulher com aparência e capacidade varonis.

Há também uma herança paterna involuntária — a hereditariedade. O filho traz a marca dos pais, no que se refere ao físico e às tendências, mas à mãe, principalmente, cabe a grande responsabilidade de prepará-lo dignamente para a vida.

Durante o período pré-natal, ela desempenha papel preponderante na formação fisiológica e moral do filho cuja participação é notável. Por isso, deve ajudá-lo tanto quanto possível,

conservando-se em ótimo estado mental: calma, otimista, corajosa. E basta que o filho seja desejado para que nasça em condições físicas e psíquicas capazes de desenvolver-se sadio de corpo e espírito.

A má assistência dos pais (principalmente) e do meio perturba-lhe tanto o espírito nesse estado, que pode mesmo concorrer para a formação de um corpo aleijado.

As melhores condições são aquelas em que o filho é desejado como a consagração de um amor recíproco.

Ao nascer, muito frágil, a criança precisa, nos primeiros tempos, de todo o cuidado materno. Mas ao completar o terceiro ano de vida delinea-se o temperamento, surgem sintomas, embora confusos, de personalidade, cujo aviso é a oposição.

Tal fase exige do educador muita habilidade para evitar o adolescente difícil. Não se coloque a mãe na atitude da força contra a fraqueza, numa luta desigual e deplorável de consequências prejudiciais. Repreenda ou castigue a criança, mas sem raiva. Uma palmada não assumirá nenhuma gravidade. Mas aplicada injustamente, despertará revolta que, segundo o temperamento, pode degenerar, no futuro, sentimentos de cólera, desobediência e indisciplina ou modelará a criatura apática, impertinente, hipócrita.

À aproximação dos sete anos, surgem as linhas mestras do caráter, chega a idade da razão e a criança começa a raciocinar.

— Por que, então, castigá-la severamente sem saber, ao menos, se ela compreende a causa do castigo?

É flagrante a inabilidade de certos pais nesse período. Deixam-se dominar mais pelos nervos que pela razão. Ralham exageradamente, humilham por pequenas falhas. Esquecem-se de que têm, diante de si, uma vida moral em formação a necessitar muito mais de ajuda e encorajamento que de punição! Nem de leve imaginam que o efeito de tal comportamento é o divórcio afetivo do filho.

Em educação, o fiel da balança é o afeto. Entre doze e catorze anos, surge a adolescência, mas em estado latente. Há uma espécie de parada em que são adquiridas forças para a puberdade fisiológica e psicológica: a criança torna-se dócil e acessível. Uma perturbação de comportamento nessa fase pode ser consequência de uma orientação anterior defeituosa.

A chegada da adolescência marca uma fase difícil em que se processa uma desintegração, a da infância, e uma integração, a da vida adulta. Forma-se, então, um vazio mais ou menos curto, cujo sintoma é a crise de originalidade. Os valores passados caducam, dando origem a uma nova forma de vida. A imaginação se põe numa atividade permanente em que se debatem valores espirituais, afetivos e intelectuais. Mas acentua-se uma inabilidade reveladora do início de vida adulta. Estabelece-se uma confusão, um desequilíbrio que merece dos pais e professores muita ajuda, domínio próprio e critério, grande esforço capaz de fazer sentir o verdadeiro valor da vida.

Uma atmosfera de trabalho, calma e otimismo é a que mais convém.

Não se utilizará o educador da violência provocadora de críticas injustas nem humilhantes.

O perigo não é só de castigar injustamente, mas o de deixar que o adolescente faça as experiências por conta própria. Isto será um grande prejuízo porque, causando-lhe o retardamento da pré-maturidade, impedi-lo-á de escolher por si um caminho que valorize a vida.

Estudando as multidões

Reunindo-se à multidão, o homem se sente mais capacitado, pois é naturalmente social. Mas à medida que a procura, teme-a, porque ela também lhe marca a vida de amargura e desilusão.

Estudar o homem em função da multidão é uma necessidade porque diferem as consciências, individual e coletiva.

A multidão nunca é homogênea, pois reúne indivíduos de mentalidade, temperamento e caráter diferentes que provocam verdadeiros desencontros psíquicos. De tais desencontros só é possível esperar sentimentos e paixões comuns à espécie humana. Esses sentimentos por serem comuns serão também elementares e reagirão com a prática de atos que fogem ao raciocínio.

A base de uma multidão agitada é a coincidência momentânea de desejos, ambições, credos políticos e emoções que se prendem a um interesse comum. Todavia, ocorrem elementos apenas curiosos ou subversivos que nada têm com a verdadeira finalidade coletiva.

Por isso, antes de orientar a multidão é necessário reconhecer a massa de que se forma que não é apenas sugestionada pelo orientador, pois se estabelece uma verdadeira corrente mental do orientador para a multidão e da multidão para o orientador.

Se as multidões agitadas sempre existiram, devem ser recebidas com todas as misérias e grandezas, mas importa que sejam compreendidas e orientadas, pois o destino do povo depende da direção que tomam mesmo que não estejam revoltadas.

Pouco adianta reprimi-las ou puni-las, se não forem compreendidas para o estabelecimento das possíveis adaptações.

A compreensão deve incluir erros e imprudência dos governantes, hesitações dos ambiciosos, inabilidade dos legisladores.

A civilização atual cria uma mentalidade coletiva à espera da adaptação de dirigentes que, efetuando os ajustamentos necessários, impeçam também abusos e falta de tato na aplicação das leis.

— O —

As multidões escolares sofrem, mais que as dos adultos, a influência do progresso.

Antigamente, eram aristocráticas: só estudava quem tinha dinheiro. Atualmente, porém, democratizam-se, invadindo as escolas de todos os níveis.

Por maiores e mais numerosos que sejam os estabelecimentos escolares, tomam-se insuficientes em relação ao número de alunos.

O ensino é proporcionado às massas numa bitola comum de conhecimentos, hábitos e idéias.

Além disso, o rádio, a televisão e o cinema concorrem para que tudo seja igual: moda, gíria, divertimento, reação. Predomina uma imitação que não é própria das sociedades equilibradas.

Por incrível que pareça, são as camadas superiores que imitam as inferiores.

A plasticidade da própria idade leva a juventude a se influenciar pelo mal e desse modo os novos imaturos, inexperientes, irresponsáveis, incapazes de prever as conseqüências dos atos que praticam, tendem para a indisciplina, principalmente quando estão em multidão.

Uma palavra, às vezes, é o bastante para arrastá-los à prática de atos insensatos. E quem não se enquadrar na moral do grupo será desprezado e até mesmo perseguido.

As multidões escolares procuram sempre medir forças com os adultos. E estarão em maus lençóis os dirigentes que não conseguirem despertar-lhes o sentido de uma disciplina interior que se reflita no comportamento: senso de responsabilidade e da importância na vida dos valores morais.

A experiência das multidões escolares agitadas constitui uma lição para o futuro. Bem sucedidos, os agitadores levarão para as gerações seguintes o gérmen da anarquia.

Embora separados no final do curso, não passarão de homens-massa desumanizados. Considerando-se livres, pregarão em brados a liberdade, esquecidos, porém, de que formam um verdadeiro rebanho.

Tal situação os impedirá de conquistarem individualizar-se, se não houver uma orientação verdadeira. Diplomados, imbuídos da ilusão de muito saber, os escolares têm verdadeira ânsia de atingir as mais altas posições sem passar pelas intermediárias. É um pendor exagerado, próprio da juventude, a respeito do valor da instrução. Mas é perigoso entrar na vida sem conhecê-la, mesmo com instrução.

Todos querem ser iguais; ninguém se conforma com as situações modestas; todos lutam contra as desigualdades de inteligência e valor que a própria vida insiste em criar.

Tal situação resulta de erros educativos cada vez mais aumentados e agravados sobre as coletividades.

Não deve ser esquecida a importância para o país da escolha de um sistema de educação porque o futuro depende do que pensar e fazer a juventude que se forma.

Se não são apenas as multidões operárias que se agitam, mas também as de indivíduos de cursos literários e científicos, urge estudá-las em profundidade.

A importância dos valores

A vida só tem significação quando consiste na procura e aquisição de valores.

Há necessidade de proporcionar aos jovens valores condignos para que eles possam escolher. Valores não se adquirem sob pressão, mas sob estímulo. E estimular é sugerir valor pela força do exemplo.

A honestidade dos pais levará os filhos, em devido tempo, ao mesmo caminho.

Importa compreender que o indivíduo é senhor da própria vida para não cair na infantilidade de atribuir os males ao próximo ou ao destino.

A partir da puberdade, o ser humano não imita passivamente como na infância; procura conhecer o mundo, o valor dos atos e situações em futuro próximo ou remoto para tomar uma direção.

É justamente nessa fase que encontra o drama, porque surgem valores de natureza espiritual, material e social.

Trava-se, então, verdadeiro conflito íntimo, pois as forças exteriores muitas vezes vão de encontro ao que o espírito escolheu mesmo antes do nascimento.

Quando um espírito esclarecido encontra uma diretriz, mas é desviado pelas paixões, sofre muito ao deparar com os obstáculos aos seus anseios da liberdade, da justiça e do bem.

A mentira, o furto e a desordem são reflexos do espírito sem rumo, mas precisando de pouso para refletir. Tal pouso se encontra num clima onde se respira justiça e respeito.

Embora de natureza rebelde, os jovens desejam submeter-se a um objetivo, a um ideal. Por compreenderem de um modo confuso atos e situações é que encontram dificuldade nas tentativas.

— Além disso, como poderão realizar qualquer coisa de bom num mundo de tumultos?

Surge um mundo novo à espera de que ninguém seja excluído, mas todos tenham que se responsabilizar pela própria vida e pela do próximo.

De outra forma a juventude resvalará fatalmente para a perversão, para a baixa política.

É perigoso encaminhar os jovens onde os valores espirituais são renegados.

Embora a juventude simpatize com os sentimentos de sinceridade, honra e coragem, se não for disciplinada, reagirá de um modo oposto, atirando-se aos lazes perigosos.

É um erro julgar que a liberdade excessiva livra os jovens das neuroses. A prova disso é o que está acontecendo. Não é no abandono que conseguirão uma mentalidade sadia para assimilar e resolver conflitos e problemas.

A intranquilidade que revelam é desejo de fixar personalidade, que significa realização de valores. Mas para consegui-la, quantas contradições, quantos desvios de que mais tarde se arrependerão!...

E quem na mocidade não conseguiu dominar os impulsos, com muita dificuldade o conseguirá na idade adulta.

A própria escolha da profissão depende do valor elaborado durante a adolescência.

Atualmente, a juventude é mais experiente, por natureza, alegre e rica de energia, mas nem por isso deixa de precisar da orientação dos mais velhos nas diferentes atividades e costumes.

Velhos e moços têm que caminhar de mãos dadas num intercâmbio de valores para estabelecer o equilíbrio entre a tradição e o progresso.

A adolescência, por ser uma fase de transição, é indefinida. Precisa de rumo, que procura no convívio dos companheiros ou adultos por quem simpatiza. E quantas vezes a escolha de valores resulta das boas companhias!

Os adolescentes têm que adquirir relativo volume de responsabilidade e ajustar-se às inevitáveis limitações da vida em relação ao próximo. E muito lucrarão com isso, pois evitarão um desgaste inútil de energias e perda de alegria.

Urge conduzi-los ao terreno da reflexão.

Fazendo somente o que lhes aprez, sem uso do raciocínio, tornam-se intoleráveis, desperdiçam o tempo, não sentem gosto pelas boas leituras, não reconhecem a importância dos valores.

Jovens desorientados são presas fáceis dos líderes da corrupção.

Pais e professores devem possuir altos níveis de comportamento para impressionarem a juventude com um fim único: o aperfeiçoamento, que vale tanto quanto o desejo de procurá-lo.

Se os novos têm muita coisa que aprender dos velhos, dotados de experiência, para recompensá-las, prestam-lhe valioso auxílio, abrindo novos caminhos com a força dinamizadora de que são dotados.

Não corrompidos, são forças vivas de entusiasmo e progresso.

Um grito de angústia

Não fosse a convicção de que as idéias crescem e se alastram, não haveria necessidade desta mensagem justamente em maio, quando todas as atenções se dirigem à Mãe, e os ouvidos animam-se a escutar-lhe a voz.

O momento exige um grito de alerta ao invés de glorificação àquela que traz aos ombros tanta responsabilidade!

— Cuida de teu filho, mãe, antes mesmo do nascimento; atraí-o de acordo com teus ideais, mas estrutura sobre ele um mundo melhor.

Não te esqueças de que a mente infantil, não podendo estar vazia, tem que ser ocupada por bons ou maus hábitos e isto depende de teu procedimento.

A uniformidade de costumes morais formará o caráter de teu filho e levá-lo-á ao bom caminho.

Por ser imatura, a criança é instável, mas nela, o hábito desempenha função essencial. Será desatenta se não adquirir o hábito de observar; falará mal se conviver com pessoas que falem mal. A falta de regularidade no trabalho resvalará fatalmente para a ociosidade e a preguiça.

Não são poucos os defeitos psicológicos atribuídos à criança, os quais resultam do não aproveitamento de oportunidades para fixação de hábitos convenientes.

Até completar sete anos, a criança não se possui e por isso sofre as influências internas dos instintos, mas também as externas da educação. Não tem ainda a noção de moral que só a razão pode dar. Mas hábitos sadios, punições e recompensas desbravarão o caminho certo que facilmente seguirá pelo resto da vida.

A criança é, por natureza, imitativa. A imitação é a primeira forma de aprendizagem. Mas quando chega a compreender que seus atos causam admiração e que os pais cedem aos seus impulsos, passa a imitar com mais afã não só o que vê como o que ouve, torna-se cada vez mais impulsiva. Requer, então, muito cuidado porque tanto pode imitar o que é bom como o que é mau. Por força irresistível da simpatia, imita os amigos.

— Não dês a teu filho liberdade excessiva que, mais tarde, ele mesmo reconhecerá nefasta.

Muitos mimos, falta de firmeza na coesão de elementos disciplinadores são os erros mais graves da educação atual.

— Sacrifica uma festa em benefício de teu filho. Compreende que a riqueza familiar suplanta a individual. Descobre na ternura da vida familiar a força dos laços de sangue que une a carne ao espírito.

Não faças de tua casa um lar fechado onde os filhos só entram para comer e dormir. Não feches a porta com satisfação para correr atrás dos divertimentos! Mas emprega todo teu engenho na disposição de espalhar o bem dentro da casa em que formaste a família.

Faze de teu lar o celeiro da paz, do trabalho, da exigência e do amor para que alcances força moral. É disso que precisa teu filho, embora inconscientemente, para que possa crescer e criar a própria vida!

Diante do imoralismo atual, procura entender que a consciência moral de teu filho estará apoiada nos exemplos de correção dos pais.

Numa fase de civilização em que as massas procuram dominar, o perigo está nas sugestões colhidas dos programas desvalorizados do cinema, rádio e televisão, mas também nas manifestações dos adultos corrompidos.

Existe, diariamente, um tipo de recreação passiva através de rádio, vitrola e televisão, que fanatiza a juventude, privando-a de uma vida ativa e fecunda, desenvolvendo-lhe ociosidade e preguiça, impedindo-a de trabalhar e pensar.

A todos esses funestos estímulos, como respondem os jovens senão com manifestações desleais, cenas de vandalismo, de roubo de automóveis, de crises histéricas femininas?

— A ti, mãe, compete ensinar os filhos a servir seriamente à vida, orientando-os no trabalho honesto, na diversão e repouso dignos.

A família vive num ambiente de abandono ou de conflitos. Esquece que, recebendo os jovens lições perniciosas de vício, crime e ódio do mundo, procuram pô-las em prática com a explosividade que lhes é peculiar.

Não adianta a ação policial. Urge, porém, orientação social, mas principalmente familiar. Esta é difícil de obtê-la num lar esfacelado pela separação de pais imaturos.

Saúde mental é possibilidade de assimilar e resolver os conflitos.

— Como poderão consegui-la os moços, se vivem num ambiente de abandono que os forma?

Essa mensagem é também um grito de angústia pela miséria de amor que a juventude sente no lar.

Em certas festas, ditas familiares, encontram-se somente jovens, porque os pais, repletos de comodismo, mas falhos de responsabilidades, deixam-nos entregues aos próprios instintos.

Depois da festa, resta o arrependimento que é passageiro, porque os convidados saem presos ao amor, ao vício e ao vil comércio de drogas entorpecentes.

É assim que envereda a mocidade pelo caminho ditado por uma filosofia moderna e muito extravagante que não freia o erro.

Honra ao trabalho

Através do trabalho é que o ser humano revela inteligência e capacidade criadora.

Trabalhando, desenvolvem-se as energias do corpo e do espírito. Mas desenvolvendo tais energias, põe-se em contato com as forças superiores, logo o trabalho tem o valor de uma boa irradiação, que significa oração.

Por mais indolente que seja a criatura, terá sempre que trabalhar, isto é, lutar contra os maus instintos para que não se nivele aos animais irracionais. A ociosidade gera a degradação. Vida não é somente trabalho material, mas também espiritual.

Diante da incoerência das ações presentes, o mundo não pára na organização, transformação e estabilidade da vida material e espiritual.

No universo, essa maravilhosa oficina, manifesta-se o trabalho em tudo: no movimento regular dos astros, no barulho das cachoeiras, alimentando os rios que correm para o mar; na evaporação das águas, concorrendo para a formação das nuvens encarregadas da manutenção da chuva que estabelece a vida animal e vegetal.

Quanto trabalho, para que o mundo funcione, no decorrer dos séculos!

A nobreza do trabalho é a mesma no operário de mãos calejadas, no camponês a lidar descalço, de sol a sol, na doméstica cuja lida é contínua, no chefe de Estado, na mãe de família.

Para a mulher, deve ser motivo de orgulho fazer do lar um pequeno mundo, mas perfeito. Dirigir o lar é um encargo que, em condições normais, encerra tanta humanidade que não pode ser comparado a qualquer atividade profissional.

O espírito materno é a realização de tendências profundas: intuição inteligente do próximo, sensibilidade, doçura, grande possibilidade de colocar-se no lugar dos outros.

Trabalho é fardo pesado para quem não sabe descobrir-lhe o valor!

Não basta, porém, fazer; o importante é fazer bem!

É claro que nem todos podem executar tarefas brilhantes, mas qualquer um pode e deve empregar o maior esforço para realizar uma obra.

Importa menos a qualidade da tarefa que os meios empregados para realizá-la. Quem nunca aprendeu a executar a contento um serviço, jamais se apegará a ele.

O trabalho perfeito é a maior recompensa do trabalhador; além disso, executá-lo é qualidade de quem consegue domínio do cansaço e luta contra o desânimo.

Acordar sempre sem ares tristes e queixumes retrata atitude de quem se dispõe a realizar com vontade e alegria a tarefa diária — base de uma vida salutar.

Infeliz da massa que perdeu o sentido profundo do trabalho humano, pois a inércia reflete não só a morte física, mas também a morte moral.

Os lares em que não há noção da necessidade do trabalho são verdadeiras badernas onde prolifera o vício, de onde sai a delinquência ou a mendicância.

Será sempre difícil à juventude encontrar o caminho certo, se não for treinada no trabalho, na sobriedade e na virtude, vivendo apenas de imagens errôneas.

Aprender a trabalhar é tarefa altamente educativa que tanto beneficia o homem como a mulher.

Impõe-se dar à jovem uma formação profissional para que futuramente possa viver de um modo autônomo, caso não encontre o príncipe mais ou menos encantado. É preciso também cultivar-lhe as qualidades de dona-de-casa, tão úteis quando ela se encontrar sozinha e tiver necessidade de organizar o lar.

Infelizmente, não são poucas as famílias que substituem cuidados e ternuras devidos aos filhos por dinheiro.

É sistema tão cômodo como perigoso: dinheiro que não provém do trabalho torna-se porta aberta à especulação fácil; é tentação do jogo acompanhado de todas as atrações malsãs.

Destituído de amor ao trabalho, o indivíduo se corrompe, perde o brio e a probidade profissional, resvala facilmente para o crime. Vítima da família, da sociedade e de si mesmo, prepara-se para ser hóspede certo das casas de correção.

Distribuir aos filhos, conscientemente, as tarefas diárias é ajudá-los a se realizarem humana e espiritualmente; ocultar do marido as exigências deles é dar mostras de falso amor materno capaz de conduzi-los à perdição.

Ilusória liberdade

Atualmente há quem abuse da influência, e arrastando os incautos à liberação fora da ordem, com foros de liberdade, entrega-os a toda sorte de caprichos e fantasias.

Esbanjar dinheiro, comer e dormir fora de horas, fugir das aulas, não ser assíduo ao trabalho, tudo isso é anarquia.

Liberdade refere-se ao que é individual: preferências e gosto. Desde cedo a criança revela as preferências.

— Por que obrigá-la a tomar o leite com açúcar, se ela o repele? — A brincar com bonecas, se gosta de jogar bola?

Deixá-la à vontade, no que não lhe causa prejuízo, é ajudá-la a crescer.

Mas a liberdade, como tudo na vida, tem um limite.

A educação atual, com demasiadas concessões, é um grave problema: permite às crianças e aos adolescentes certas liberdades que mais tarde reconhecerão nefastas.

O aluno tem liberdade de não gostar de Matemática, porque aprender é assunto individual, mas, se durante a aula brinca, prejudicando a liberdade dos colegas, não poderá permanecer na sala.

Forçar uma vocação é grave erro.

Educa-se uma criança para ter consciência de si mesma, para saber o que quer e ter liberdade de escolher, mas não para tornar-se idiota. Satisfazer-lhe os caprichos é abandoná-la num caminho perigoso.

O psiquismo infantil tem que ser um período de contínuo desenvolvimento moral e social, por isso não pode permanecer vazio: se não for ocupado para atividades construtivas, sê-lo-á para a prática de maus hábitos.

Orientar a criança para, no estado adulto, tornar-se independente, é a meta em educação.

O direito de autoridade, acompanhando o progresso, não poderá jamais ser executado empiricamente. Passará da imposição reforçada por ameaças, castigos e censuras, para a técnica educativa, a que prefere ajudar, a castigar; convencer, a censurar; dar exemplo, a ameaçar.

Caprichos, fantasias, indisciplina brotam num clima onde não florescem liberdade e estima.

O direito dos outros, que conduz à autodisciplina, deve ser ensinado desde cedo.

Autocontrole é disciplina do eu, instituída pelas leis morais dos adultos. É atividade mental que, dirigindo a conduta, proporciona confiança e satisfação muito íntima. Não envolve repressões, mas regulamentos. Somente estes são capazes de levar o indivíduo a viver bem com os outros, embora com certas restrições aos seus próprios pontos de vista. Mas para viver bem com os outros, a criatura tem que se libertar da servidão do caráter, quebrar as algemas da mais torpe escravidão — a das paixões.

É arrasadora a indisciplina nos colégios de hoje, onde os alunos, numa embriaguez de liberdade, prejudicam-se, prejudicando o ensino.

O excesso de bens doados aos menores sugere-lhes concessões a uma independência que, sem maturidade emocional, se reflete por um profundo egoísmo.

Se a juventude atual se sentisse feliz com a vida que leva, não buscaria entorpecentes.

Pais e professores, despidos de autoridade, propiciam ambientes de indisciplina. Impedem que os menores conquistem a verdadeira liberdade, a que se firma na renúncia e resistência aos impulsos. Onde não houver respeito, não se encontrará valor.

— Como poderão os jovens sentir o gosto da autonomia, se não tiverem equilíbrio emocional; se não souberem assumir a responsabilidade de seus problemas; se não conseguirem tirar o melhor proveito das situações?

Autonomia, que significa liberdade em relação aos outros, encerra acordo racional, moral e social.

Disciplina não tem o gosto amargo de carência de vontade. Longe de conduzir à servidão, visa à capacidade de querer somente aquilo que se deve fazer.

Educar para a liberdade não quer dizer derrotar, mas conquistar, fazer-se obedecer com bom senso, delicada e inteligente observância; estabelecer zonas de liberdade, paralelas às de constrangimento. E quanto mais severo for o regime das horas certas de levantar, deitar, comer e trabalhar, maior será a tolerância permitida aos intervalos.

Agora, as moças não ficam à espera do príncipe encantado e, caso ele não apareça, têm a liberdade de utilizar suas energias em tarefas extradomésticas, o que será preferível a um mau casamento. Devem, pois, preparar-se para organizar sensatamente a vida por conta própria.

Há, porém, um tirano a desequilibrar-lhes a existência. E a tirania é tão forte quanto maior for a ambição do comércio e a excentricidade de certos ditadores sociais. Esse tirano chama-se Moda.

Protestos velados da consciência, gostos, preferências, idade, sexo, aspecto físico **vai tudo por água abaixo!**...

Os dirigentes da moda, por não estarem incursos em nenhum artigo de lei, têm mais prestígio que um chefe de Estado. E os súditos, verdadeiras vítimas, abdicam de bom senso e economia em sinal de cega obediência.

— Que é feito do respeito humano nas praias, onde a nudez é quase total?

O revestimento das qualidades morais perde prestígio porque o melhor do indivíduo pende para o lado contrário com medo da opinião alheia.

A mania de fazer tudo como os outros tira a liberdade do gosto e das preferências.

E quando não há liberdade para o prazer da escolha da cor ou do molde de vestimenta, que se pode esperar da iniciativa para os aspectos mais sérios da vida?

Visando ao plano psíquico

Na observação das mudanças que se processam de uma a outra geração, os julgamentos se contradizem. Alguns há que denotam absoluta incompreensão. Mas é impossível negar que a geração atual sofre uma crise de valores: o amor se reduz ao instinto sexual e, conseqüentemente, a família se desmorona, espalhando a poeira da corrupção na sociedade e nos Governos.

Desmedida ambição, vaidade e egoísmo desfiguram o caráter do homem e apagam, na mulher, o sentido da nobre missão de esposa e mãe.

A vida da mulher, toda protegida no passado, acabou-se! Hoje, arrancada do convívio da família, ela é colaboradora do homem nos problemas sociais, políticos e econômicos. Absorve-a o trabalho profissional. Cedo demais é chamada a uma vida adulta, assumindo as próprias responsabilidades.

Tudo isso é natural, por acompanhar o progresso.

O desequilíbrio está na falta de sentido que dão à vida, no desconhecimento do ser humano no plano psíquico: reações, instintos, emoções, sentimentos, atitudes diferentes e comuns do sexo.

Somente na literatura, encontra-se riqueza de paixões e amor capaz de abrir o espírito à verdadeira finalidade da vida. Essa transformação de atitude, que se nota nas pessoas em relação à sociedade e profissão, nada mais é que uma carência de valores na vida familiar.

A educação atual ainda não prepara para o amor e, muito menos, para a inserção feliz do indivíduo na coletividade.

Não haveria nenhum problema na escola mista, se a juventude fosse realmente educada.

A adolescência e a mocidade devem ser o período da crítica construtiva, da troca de idéias, sem que o adulto se coloque na situação do juiz, mas de amigo, para que seja bem acolhido. Impõe-se uma tomada de atitude e responsabilidade frente ao amor.

A vida atual, tão agitada, impede a muita gente um olhar interior para compreender o que é e o que deve ser, o que são os outros e o que lhes deve ser dado.

Tal ignorância acarreta um rosário de erros, entre os quais o sentido da importância das virtudes. Possuí-las é não situar a vida no abandono das coisas inúteis.

A vida projeta o homem na direção de dois mundos: o interior e o exterior. Naquele, ele se vê numa caricatura; neste, é visto pelos outros. Mas a caricatura é esquisita porque esconde os defeitos.

Há, então, necessidade do conhecimento de si mesmo para conseguir aprimoramento moral e espiritual pela extirpação dos vícios.

É lamentável que a família, muita vez, estrague o indivíduo através de um endeusamento doentio que projeta uma imagem distorcida: evidenciando qualidades apagadas e empanando defeitos evidentes.

Os exemplos andam espalhados aos milhares, mas somente são vistos pelos olhos observadores.

O amor conjugal ainda está na fase de irresponsabilidade infantil.

O verdadeiro, o amor adulto, faz compreender que se deve aceitar o ser tal qual é e não como se desejaria que fosse.

Esse comportamento, porém, depende de um conhecimento profundo de si e dos outros, o que dá à mulher e ao homem uma atitude essencialmente consciente, refletida, esclarecida.

O casamento como união de duas almas é coisa muito séria e será duradouro se o acordo físico se acompanhar do espiritual.

Casamento exige preparo, no momento, urgente diante da calamidade que assola o mundo.

O Dever anda tão abandonado, que não sabe onde colocar a Responsabilidade. Há uma pseudomoral muito mesquinha que contraria o interesse dos outros e robustece a culpa, conduzindo a erros e desperdício de energia.

Os casais instáveis se divertem, unindo-se e desunindo-se, como se estivessem dançando, numa amoralidade que faz esquecer o abandono em que ficam os filhos.

Não sendo uma prisão, o casamento não quebra a individualidade, mas tem o dom de realizar uma vida a dois. E só há um meio de consegui-la: não pensar em si sem ter consciência do outro.

Mais do que na união conjugal, a mulher vive a dois na maternidade. E espera que o homem lhe dê segurança e fidelidade capazes de proporcionar não só a ela, mas também aos filhos, uma vida serena e proveitosa. Tal dádiva é retribuída com a vida desejada, saúde, carinho e alegria.

Nesse constante dar e receber espontaneamente está o significado da palavra amor.

Com essa mentalidade, o casamento não será encarado como simples ato social, mas como uma necessidade de amor que ofereça à mulher condições para que possa expandir-se na maternidade, educando realmente os filhos.

Essa é a grande responsabilidade do homem.

Nos caminhos da delinquência

Desabam sobre o mundo, como tempestade, a vadiagem e a delinquência.

Por isso, urge que os responsáveis, pais, sociedade e Governo, procurem solucionar tão importante problema.

Convençam-se todos de que a criança não pode ser entregue a si mesma, crescendo e desenvolvendo-se em plena liberdade ou em ambientes irregulares, sob a condição de tornar-se cínica e gozadora da vida ou resvalar para a vadiagem e o roubo, num desvario de emoções perigosas: um pequeno selvagem a praticar distúrbios!

Educar uma criança é problema tão complexo quanto o é a própria criança. Guiá-la acertadamente é compreender as causas da criminalidade, sentir amor, mas não transigir com o erro.

Se os instintos infantis (gostar de fazer barulho, travessuras, diabruras, sabor da vitória), não forem canalizados e disciplinados com uma ação constante, degenerarão em atos delituosos ou perversos.

Mas, infelizmente, são milhares de crianças e adolescentes vítimas da orfandade social, a que deriva do não cumprimento, por parte dos pais, dos deveres relativos à função educadora.

A partir das duas conflagrações militares que tanto abalaram o mundo, a criminalidade infantil vem aumentando. E a Repartição Federal de Investigações dos Estados Unidos aponta como causa as desavenças familiares, o excesso de liberdade às crianças e a facilidade do uso de armas.

— Por que apresentar o canhão como brinquedo? Onde a graça ou a originalidade de oferecer à criança uma cartucheira repleta de balas e armas como usam os bandidos?

Se a família desempenha papel preponderante na sociedade e esta no Governo, então, pode-se afirmar que cada país tem os criminosos que deseja!

Desencadeiam as doenças nervosas pela influência do meio em que se forma a infância e a adolescência e, finalmente, a vida adulta pela atração emocional. De um modo geral, encontra-se na infância a raiz de todos os males nervosos. Cenas de violência, libertinagem e angústia são exemplos que perturbam o equilíbrio nervoso e a vida moral dos filhos.

A criança é um ser inativo, deixa-se levar à prática dos atos vividos na rua, no cinema, nas histórias e na televisão. O adolescente, uma criança com foros de adulto, assiste, atualmente, com inteira liberdade, aos espetáculos degradantes do pan-sexualismo; entrega-se ao aviltante vício da maconha e de outras drogas congêneres.

É claro que merecem dos educadores, como medida de saneamento, uma assistência constante que os oriente e alerte os pais. Só assim se poderá mostrar ao mundo o rumo que toma a educação no país.

A ação formativa e educativa da família vem enfraquecendo assustadoramente. Há uma ambição imoderada de riqueza estimulada nos filhos, uma influência corrosiva da baixa literatura, do cinema e da televisão mal dirigidos, da sedução do luxo, das pândegas e estroinices. Tudo isso arrasta para a senda da neurose, da libertinagem e do crime os indivíduos imaturos.

O panorama atual evidencia que a delinquência não se encontra apenas nos lares pobres ou remediados, mas também naqueles em que sobra o dinheiro, mas falta o amor. Para estes, os nobres sentimentos são velharias que já caíram de moda; o amor, nada mais é que a complicação do desejo, e a sensibilidade, uma coisa ridícula!...

O ser humano sofre a influência de duas famílias: a originária, onde nasceu e cresceu e a adquirida, constituída por ele mesmo. A primeira avulta em importância na formação da personalidade, da infância à maturidade. Conflitos, abandono, conduta indecorosa, alcoolismo e adultério contribuem para a miséria moral.

Considerem-se traidores os pais cujos filhos os surpreendem fazendo vida fácil no gozo material de lucros, nem sempre lícitos, e não se lastimem se os encontrarem na lista de seus inimigos ou colaboradores.

Espectáculos de violência e imoralidade, de crime e angústia são, dos venenos morais, os que mais corroem.

Não há educação onde falta autoridade e não se compreende autoridade despida de sanções.

Autoridade, repreensão e castigo, quando moderados e justos, não ferem os filhos, fazem até sofrer mais rapidamente as consequências dos atos praticados, mas o abandono moral, este sim, afasta-os.

Punir sem remediar as causas é, entretanto, um grande erro.

O fracasso conjugal não prejudica somente o casal. Tem dolorosa repercussão na vida dos filhos que, depois de adultos, nem sempre compreendem as razões de suas lutas ou os perigosos caminhos a que foram jogados.

Isso, porém, não impede que o indivíduo adulto, cuja educação corre por conta própria, se esclareça, procure educar-se continuamente para seu próprio bem e felicidade dos filhos.

Vontade e pensamento

Todos estão sujeitos às desilusões, às lutas, aos sofrimentos causados pelos outros, mas podem imunizar-se dos efeitos por meio de uma atitude íntima. Felicidade é apenas uma atitude mental.

A conquista de uma vida calma e eficiente resulta do esforço de cada um e depende da vontade.

Pensamento e vontade são, portanto, forças que se completam e emanam da inteligência, que é o próprio espírito.

A mente é comparada a uma comunidade imaterial dirigida pela Razão. A Consciência absolve ou condena os pensamentos, o Livre Arbítrio escolhe e a Vontade executa.

Vontade é energia cuja evolução se nota claramente na série animal: a princípio, um simples ato reflexo, impulso semelhante à distensão de uma mola; depois, um impulso instintivo revelador da procura e apreensão dos alimentos; finalmente, o ato consciente sujeito à apreciação das circunstâncias, à análise das condições.

Pensamento e vontade não são monopólio de ninguém, mas atributos do espírito que devem ser desenvolvidos.

Vontade, no sentido próprio, não significa apetite, simples procura da satisfação de um desejo, submissão às solicitações orgânicas, mas oposição, resistência aos erros.

Vontade é pedra fundamental de caráter.

“Tenho vontade de chorar” ou “de sonhar com o número do bilhete que será premiado” são frases que exprimem apenas simples desejos.

Mas, “tenho vontade de ajudá-lo, embora lhe reconheça a rebeldia”, isto sim, é possuir vontade!

Dirigir-se com os olhos do espírito, apreciando os fatos com raciocínio e serenidade, tirando dos acontecimentos lições para o futuro, prosseguindo sempre no cumprimento do dever, sem desfalecimentos nem comodismos, é possuir uma vida fecunda, é ter uma vontade forte.

O contato com a natureza e a leitura de boas obras proporcionam estados de tranquilidade e bem-estar.

O amor à vida, às pessoas e a tudo que nos cerca é atitude de quem quer viver bem.

Atrair forças superiores é pensar bem; repeli-las com desejos de vingança, sentimentos de ódio, inveja ou maledicência é arruinar-se física e espiritualmente.

A vida é imutável. Não assegura uma felicidade sem nuvens, por isso cada um deve construí-la conscientemente com o que é e com o que tem, arrastando erros e decepções, abandonando ressentimentos, mas chegando sempre a um fim.

Ressentimentos são a causa de muitos males!

Pela educação da vontade resultante do raciocínio é que o homem adquire o hábito de compreender os deveres consigo, com o próximo e a humanidade.

Carta íntima

Meu caro Lamentador.

Queixando-se de tudo e de todos Você vem revelando lamentável falta de confiança em si e sugerindo a idéia desta carta. Ela terá o valor de uma pessoa amiga a fazer-lhe esta proposta:

— Vamos utilizar o raciocínio?

É bom que todas as manhãs, ao acordar, reflita sobre a verdade que encerra este pensamento: o homem colhe o que semeia.

Ódio, medo, recalques, ressentimentos são condições mentais cujos efeitos não se alteram com rezas ou maldições. Queimam a alegria de viver. Mas sinceridade, amor, boa vontade estabelecem um ambiente de harmonia e paz, refletindo saúde e êxito.

Os pensamentos não podem fugir à harmonia que preside a Lei Universal.

Viver é aprender onde está e como se conduzir, mas poucos são os que compreendem que nasceram com capacidade para diferenciar o certo e o errado. Vivem imbuídos de velhos preconceitos que os impedem de raciocinar.

Procure libertar-se do medo e das preocupações a fim de poupar os nervos de tensões crônicas e alcançar autoconfiança tão necessária para vencer os obstáculos.

Você é o que pensa. O que está acontecendo tem estreita ligação com o que Você pensa e sente a respeito das coisas e pessoas. Se acordar deprimido, imaginando que terá pela frente um mau dia, não será difícil encontrá-lo: os semelhantes se atraem.

Não pense que as pessoas que se consideram felizes nunca tiveram que lutar contra situações difíceis, mas compreenda que conseguiram desvencilhar-se, aproveitando a força mental que possuem.

Tal força não é privilégio de ninguém: conduzi-la criteriosamente é criar condições de vida.

O caminho, a princípio, parece árido, porque os erros e as ilusões fascina, mas quem souber trilhá-lo com disciplina e perseverança, eliminando pensamentos de fraqueza, sairá vitorioso.

Acabe, de uma vez, com as queixas e lamentações que são venenos da alma, mas procure compreender que, se o motivo de seus males está com Você, o remédio deve atingir a causa e não o efeito.

Não se iluda, julgando que alcançará vantagens maiores se não atender às menores. Mude a maneira de encarar a vida e as pessoas, torne-se digno de melhor ambiente e situações favoráveis, observe como tudo mudará. Mostre inteligência, não se aproveitando do mal, não degradando o que possui.

É inútil desejar mais tempo se não souber aproveitar os poucos momentos de que dispõe.

Pobreza, falta de tempo, pouco descanso serão obstáculos ao seu progresso, se Você se revestir de uma carapaça de preguiça.

Em toda situação desfavorável há sempre uma semente de virtude. Procure-a, trate dela com carinho, faça-a florescer para não tornar-se escravo dos vícios e das paixões.

Não considere felicidade somente a posse de bens materiais. Os ricos passam também por situações desagradáveis e inúmeras vezes são mais infelizes que os pobres.

Afortunados são os que sabem livrar-se do medo, controlar as preocupações, manter o equilíbrio emocional embora sob pressão.

Você conquistará simpatia, se souber libertar-se dos mesquinhos sentimentos de egoísmo e obstinação.

Perdoe-me se lhe explico que, empregando a palavra obstinação, refiro-me à persistência no erro.

Se os erros do passado não o deixam sossegar, procure evitá-los. Não será muito fácil, pois estão gravados no subconsciente, mas uma resolução age como o ímã, quando se deseja realizar alguma coisa.

Procure fazer sincero exame de si mesmo, porque é bem provável que Você tenha sido capaz de dissimular pensamentos e sentimentos para valorizar-se.

Isto é tão humano quanto prejudicial. Mas de qualquer maneira, trate de expurgar tudo que for mau, em seu próprio benefício.

Quem anda cambaleando sobre amontoados de amarguras e problemas, dificilmente encontrará algo de bom.

Livre-se deles, mostrando que Você é Você mesmo porque estando vivo possui recursos preciosos: raciocínio, vontade, livre arbítrio.

As preocupações não têm o poder de resolver, mas o de multiplicar os aborrecimentos.

Não gaste o tempo remoendo o passado e temendo o futuro, mas forme um quadro mental agradável e lute por conquistá-lo com a força criadora que possui.

E mais este último lembrete: não se esqueça de que vaidade, ódio, amor próprio, cobiça, indulgência em prazeres é que formam a verdadeira pobreza, a do espírito. Mas, à medida que se vão eliminando, cria-se uma força irresistível e conquistadora de progresso na marcha gloriosa para a eternidade!

A estabilidade conjugal

A felicidade conjugal, tão ambicionada, nem sempre é conquistada — talvez pela ignorância de que o amor, sendo um estado, desenvolve-se pelo exercício e desaparece pelo esquecimento. O sexo tem influência, que não é fundamental.

Se felicidade é estado de espírito, só pode ser adquirida por meio de hábitos valorosos.

Existem, atualmente, certas teorias que, atacando a moral familiar, baseiam-se na falsa concepção da vida, do amor e do casamento.

O amor, na vida matrimonial, é atividade criadora em que duas fragilidades tomam parte.

Muitas e variadas causas surgem para enfraquecê-lo, mas haverá desilusão se as atitudes desagradáveis se sucederem na ordem crescente de intensidade. E a dissolução começa, quando os cônjuges insistem nos desentendimentos.

A atração dos namorados perde a intensidade logo após o casamento. É um fato natural: o marido empresta todo o esforço no trabalho para adquirir a segurança material da família, enquanto a esposa se entrega à organização do lar, ocupando-se com a economia. São atividades louváveis que redundam em benefício de ambos.

Ao se casarem, os noivos estão no firme e elevado propósito de conservar o amor, defendendo-o contra o mundo, mas os recém-casados não imaginam que são como as crianças que se perdem no caminho.

Amor é como o medo: o exercício o desenvolve, desvanece-o o esquecimento.

As turbulentas emoções anteriores ao casamento devem ser substituídas por circunstâncias favoráveis aos laços de dependência recíproca, embora as complicações da vida atual concorram para perturbar uma existência a dois.

Não tenham os solteiros a ilusão de que vão encontrar no casamento um companheiro (esposa ou esposo) sem defeitos, embora o limiar seja precedido de reflexão sobre a escolha. O que vale mesmo é o bom entendimento, a perseverança de atividades morais, de correção, de aperfeiçoamento mútuo. Casamento é subida em busca de felicidade recíproca, apoiados um ao outro.

Um lar feliz exerce admirável poder de irradiação cujo calor não se estende somente à família. Repercute também na sociedade através das relações mais próximas.

No lar, a conquista da felicidade tem o elevado preço de coragem para ascender à perfeição. Há necessidade de novos ajustamentos indispensáveis à perfeita união porque fatores alheios são capazes de envenená-la.

Na união conjugal, a vida alcança pleno desenvolvimento, quando os cônjuges, num gesto refletido e voluntário, se dão alegremente apesar dos sacrifícios.

Casamento exige tolerância e muita compreensão. Procurar conservar o amor com exigências e imposições é o mesmo que querer aproveitar um móvel desengonçado sem nenhuma estabilidade.

O comportamento intelectual da mulher deve estar sempre ao lado do comportamento emocional do homem.

O casamento atual pode ser tão tranquilo como o do passado, se houver compreensão dos modernos ajustamentos às complicações da vida econômica e social dos dias correntes.

Hábitos adquiridos anteriormente ao casamento constituem obstáculos, se visarem vantagens pessoais. Matrimônio é unidade de duas metades desiguais e dependentes. Quem se casa, tendo em vista tornar-se independente, não tem concepção de casamento.

As brigas, exercícios de aversão doméstica, devem ser corrigidos pela esposa. Somente ela está preparada para essa tão difícil tarefa que exige submissão aparente. Procurando compreender a situação, saberá remover o mau-humor do marido abstraindo quem tem culpa e quem tem razão, sem censurá-lo nem culpá-lo, pois a finalidade é apenas a correção dos motivos contrários ao bem-estar de ambos.

Em qualquer situação, o homem procura refúgio no lar. Com a intuição que lhe é peculiar, deve a mulher recebê-lo bem, sem preocupá-lo com os pequenos embaraços domésticos.

Apresentar-se bem arrumada é um meio de fazê-lo sentir quanto sua pessoa é importante para ela.

Desmazelo e queixas dão a entender que o marido é mais um obstáculo numa vida sem encantos.

Não custa adotar uma atitude conciliatória, a mesma do inteligente general que sabe quando deve recuar para obter a vitória.

Tendência muito perigosa é retribuir cólera com cólera, é dar muita importância ao amor próprio.

O destino é seu

Meu caro leitor: Embora você não compreenda ou não queira compreender, a vida só tem sentido para aqueles que sabem o que querem e para onde se dirigem. Outros andam às tontas, em busca de saúde, alegria e solução de seus problemas, sem atinar que tudo de bom e digno pode ser conseguido através do pensamento.

A culpa da inferioridade está no próprio indivíduo, por isso não adianta queixar-se da “sorte” ou dos outros. Importa, porém, uma avaliação sincera das falhas e erros antes de dar novo ritmo à vida.

Nada de bom se consegue sem esforço, raciocínio e boa vontade.

A maneira de pensar é faca de dois gumes: se for errônea, conduzirá para trás com a mesma facilidade que levará para frente se for correta.

Os caminhos são abertos, os meios são acessíveis a todos, para que a vida corra normalmente, mas é preciso procurá-los e saber conquistá-los.

A lei fundamental da compensação não falha, quando as reações estão certas.

A situação do momento depende, em grande parte, do modo por que a pessoa vem pensando e agindo durante a vida em relação a si e aos outros. Os fatos não se sucedem por acaso. O ser humano retém no subconsciente o conjunto de causas e efeitos decorrentes da maneira de pensar e sentir.

O subconsciente é o grande reservatório de energia que, aliado à força de vontade, forma a personalidade.

Ter personalidade é saber por onde anda, aonde deseja chegar, possuir equilíbrio. Para desenvolvê-la é necessário despertar, estudando, aprendendo, trabalhando!

Quando se soltam as rédeas do entusiasmo e da confiança, emitem-se irradiações capazes de atrair sentimentos afins.

Não basta que haja harmonia da respiração com o ar que se respira, da digestão com os alimentos. Urge que a nossa inteligência também esteja de acordo com a que rege tudo que se encontra no Universo.

O destino do homem é vencer o que encontra pela frente, utilizando a força criadora que possui.

Quem caminha com eficiência não deve desanimar nem dar ouvidos aos zombadores que somente sabem tirar da vida a capacidade de desmoralizar.

Os fracassos do passado devem servir de lições. Bem aproveitadas, induzem a tirar deles talentos ocultos que, desenvolvidos, trazem a fórmula procurada.

Tudo isso consegue quem se esforça e tem o firme propósito de nunca se considerar um ser que vive na dependência dos outros a não ser aceitar e ser grato por qualquer ajuda.

Os problemas humanos são os mesmos. Repetem-se e podem ser solucionados, pondo-se de lado a inércia, utilizando-se a força criadora, abolindo os aborrecimentos, dominando as preocupações.

Não é deixando que as dificuldades e amarguras constantemente se estampem no corpo e na mente que se consegue atrair algo de bom ou causar boa impressão, mas afastando os pensamentos repletos de preconceitos, libertando as vacilações, os ódios e outros sentimentos congêneres.

A retenção de ressentimentos, recalques e ódio são venenos do corpo e espírito, prejudicam a química do organismo, causando doenças.

A força mental tem poderes ilimitados: vence, cura, cria, atrai! Cada um vive de acordo com o quadro mental que esboçou.

Em atividade, o pensamento adquire o poder de um ímã: atrai recursos, oportunidades e até pessoas para ajudar o que se quer.

Esse poder, porém, será contra ou a favor, de acordo com o pensamento destrutivo ou construtivo, baseado no medo ou na vontade. O medo cria condições favoráveis àquilo que se teme.

O sucesso alcançado pelos grandes vultos da humanidade é o resultado do esforço próprio com aproveitamento das principais qualidades do espírito (vontade, concepção, sensibilidade, firmeza) e abandono de velhos e falsos conceitos para substituí-los por outros novos e verdadeiros.

Um poder pouco conhecido

Desde que você conheça, desenvolva e aplique diariamente o poder criador que possui, realizará o que deseja.

O poder criador do Grande Foco (Deus) está em cada um, qualquer que seja a profissão ou condição social.

As oportunidades fogem, quando não se estendem as mãos para agarrá-las.

Inicialmente, trate de eliminar reações errôneas, procure orientar-se com pensamentos claros e saudáveis e sentirá os resultados.

“Não depende dos homens e das condições, mas da essência — o espírito”. Essa deve ser a declaração mental em relação à vida.

Mas somente isso não basta. E preciso esboçar um quadro mental do que se deseja e acioná-lo pela vontade.

Seus sentimentos aliados a esse quadro muito influirão no sucesso da realização.

Quanto mais forte for a intensidade de seus sentimentos, mais forte será a intensidade do poder criador.

É claro que o medo que se sente por alguma coisa atrairá o que se teme.

Não se esqueça de filtrar sempre pensamentos e sentimentos, pois tudo que encontre no mundo exterior fica gravado no subconsciente.

Pensamentos e sentimentos não controlados atingem o indivíduo de um modo prejudicial de acordo com a lei imutável da atração dos semelhantes.

Não permita que sua mente fique mais contaminada, do que já é, pelos momentos de fraqueza.

Procure compreender bem isso e observe a vida bem sucedida e saudável de milhares de pessoas que se julgavam felizes!

Somente é possível encontrar-se o que se procura com determinação.

Estabeleça um plano para a realização do que você deseja, faça-o progredir através da imaginação e de ações corretas aplicadas às próprias necessidades; fertilize-o com entusiasmo; trabalhe por ele continuamente, pois a repetição tem muita força. Não se preocupe tanto com os acontecimentos, combatendo as pragas de medo que só podem prejudicar.

Todos os seres humanos são sujeitos às mesmas influências e vibrações independentes de raça, lugar ou condições.

Procure conhecer-se como força e matéria.

O corpo físico é uma verdadeira máquina eletroquímica de grande sensibilidade da qual o espírito necessita para as experiências necessárias ao desenvolvimento.

O espírito se comunica com o corpo através dos próprios atributos e só o abandona quando o encontra danificado ou sem utilidade.

Não é de hoje que a humanidade sente a imortalidade da alma, mas o que se não pode negar é que existe um mundo luminoso, além dos cinco sentidos físicos, tão real como o mundo em que vivemos!

Toda vida é o começo de uma experiência contínua que evidencia a existência de uma Inteligência Universal (Deus).

O subconsciente, intermediário entre o corpo e o espírito, guarda os sentimentos a respeito de coisas e pessoas, os quais vão tomando força à medida que passa o tempo, a não ser que haja um conceito que o altere.

Os conhecimentos, valorizados pela educação e reflexão, aí são retidos não só pelas experiências como pela intuição que não tem limites no tempo e no espaço.

O subconsciente tem capacidade e força para realizar qualquer trabalho. Do universo lhe vêm percepções de coisas que jamais poderiam chegar por si. Esse é um alto poder somente conseguido por pessoas cujo desenvolvimento se torna capaz de dirigi-lo.

Todas as funções do corpo, inclusive o funcionamento dos cinco sentidos, são controladas pelo subconsciente, que não dorme.

Tem um trabalho contínuo que somente é perturbado pelo medo, preocupações e fortes emoções. Um grande aborrecimento tira a vontade de comer, um momento de raiva produz falta de ar e batidas fortes do coração, um estado crônico de irritabilidade cria úlcera.

Urge, portanto, que se tenha muito cuidado com os pensamentos e sentimentos para manter a regularidade do subconsciente e a normalidade da vida.

Educar é educar-se

Atravessa-se a época do livro. É pena que esse progresso não acompanhe a noção de dever e responsabilidade, testemunhos da vida.

Os pais se preocupam com a instrução, mas deixam de lado o maior presente que podem oferecer às crianças: momentos de alegria e amor com sua presença.

Amor é força criadora, estimula a alegria de viver.

Esquecem-se também os pais de cultivar nos adolescentes capacidades morais, base da formação de um caráter forte que permita o conceito de si e dos outros.

A indisciplina reinante nas escolas revela amarga pobreza de educação.

É triste ao professor gastar energia dia a dia, tentando estimular o gosto pelo estudo e o apreço pelas coisas importantes da vida a um grupo desatento, conversador e sem ideal. Isso é o que acontece em certos casos, mas é freqüente aos maus professores.

Convençam-se os educadores, pais ou professores, que educar é educar-se.

Quanta gente existe completamente desajustada no ensinar e aprender, não por inteira incapacidade, mas por falta de esclarecimento e reflexão.

A sociedade anda tão corrompida, que está a exigir que a educação não se limite ao lar e à escola, mas a todos os ramos de atividade. A situação do mundo reflete bem a perda de respeito por si, pelo próximo e pela vida.

Quem sofre a influência de um meio ambiente digno, aprende e ensina dignidade.

A falta de interesse gira em torno da corrupção. Não habituar-se ao trabalho é cultivar o tédio e incentivar os vícios.

Cumpra aos pais o dever de zelar pela formação do meio ambiente, procurando atividades sadias e interessantes capazes de proporcionar à juventude um mundo de valores superior ao mundo de conhecimentos.

O papel da família é neutralizar as más companhias que tanto concorrem para a independência com brutalidade.

Não são poucos os espíritos torturados, os caracteres deformados, frutos de uma educação dada por pessoas desajustadas, embora boas e bem intencionadas.

É preciso que se vejam os adolescentes com os olhos da consciência.

Eles não possuem outros defeitos que não sejam ignorância sobre o valor da vida, frivolidade e inexperiência.

Verdadeiros e odiosos defeitos pertencem aos adultos que chegam a desenvolvê-los como virtudes. Salienta-se presunção, covardia e ociosidade de corpo e espírito.

É claro que se encontram jovens enervantemente preguiçosos, insensatos e até cruéis, mas o são pela própria idade e abandono em que se encontram, o que não acontece com os adultos, pela força do hábito ou do cálculo.

O problema da adolescência é, em grande parte, o de adaptação ao meio.

Essa adaptação não será conseguida, enquanto os adolescentes se comprazerem na mediocridade de pensamentos e paixões: querendo que seus desejos se realizem de maneira fulminante, tornando-se imensamente ingênuos quando supõem que podem abarcar a complexidade dos problemas políticos e sociais.

O de que precisam é um meio honesto, sadio e inteligente que os ajude a orientar-se.

As excentricidades, os cabelos compridos, as roupas exóticas são formas inconscientes de protesto contra o desamor dos adultos, acusações tremendas contra a capacidade dos educadores e subserviência dos pais!

Se a geração atual, ao invés de disciplinar e acarinhar os valores morais, motejá-los e abafá-los, a reação da juventude será violenta.

Quem na adolescência não se fixa num valor, numa direção, futuramente se transformará num elemento perturbador e maligno.

Os adolescentes gostam de viver em grupo. Têm o sentido social tão vivo, que são capazes de atingir o sacrifício pelo triunfo do perdido.

Por serem rebeldes, necessitam de alguém que lhes modere os impulsos, mas com inteligência e persistência.

O importante é fazê-los compreender que na vida só recebem os que podem dar.

Os adolescentes não podem ter uma vida passiva como na infância. Necessitam de compreender o mundo para tomar um rumo, escolher e subordinar à conduta elementos de valor.

O grande drama juvenil se enquadra na falta de compreensão dos adultos sobre essa seleção de valores.

Entenda-se por valor tudo quanto satisfaz nossas necessidades.

Os sentimentos não mudaram

A infância e a adolescência de hoje não mudaram, como julgam de um modo geral os adultos. As condições sociais e familiares é que mudaram, refletindo-se no comportamento dos imaturos.

Por não possuírem personalidade já formada, a criança e o adolescente sofrem muito mais que o adulto as influências do meio. Mas, as características da criança e do adolescente permanecem.

A diferença é que, atualmente, se vive mais depressa e os novos passam rapidamente de uma fase a outra. Se o mundo do presente não tem a tranquilidade do passado, a reação dos novos tem que se alterar.

A vida humana é uma série de transformações físico-psicológicas, mas nenhuma se compara em profundidade e extensão à da adolescência, em que o próprio crescimento perturba o equilíbrio do organismo. A que mais se aproxima é a crise dos quarenta anos.

O esforço empregado pelo jovem para reunir os elementos de uma vida adulta pode provocar verdadeiro desequilíbrio, que chega a tomar o aspecto de doença.

A adolescência é uma fase difícil por ser a idade em que desperta a hereditariedade e revela-se o atavismo.

Uma das modalidades do atavismo observa-se através do subconsciente que conserva, guarda e retém caráter adquirido pelo espírito em vida anterior, próxima ou remota.

Quando tais heranças são contraditórias, surgem as crises de inadaptação, rebeldia, imoralidade antes escondidas.

Qualquer fato é capaz de provocar uma neurose psíquica. Não são poucos os exemplos de mudança de caráter no adolescente. Em certos casos, a confluência das linhas paterna e materna não se faz serenamente. Um adolescente, antes econômico, pode tornar-se perdulário, um caráter submisso transforma-se num hostil. Existem casos frisantes, embora raros, de o aluno, inteligente na infância, estacionar intelectualmente na adolescência.

É muito importante não confundir manifestações próprias da idade com estados mórbidos.

Não são propriamente os sentimentos que mudaram, mas a maneira de exprimi-los.

Os fatores constantes permanecem, as mudanças são superficiais e se referem à indumentária, à atitude e às reações ocasionais.

Atividade e ânsia de conhecimento de tudo, chegando mesmo à destruição, continuam sendo os traços dominantes da infância.

Excesso de ilusões e impulsos, irreverência, desejo ardente de liberdade e originalidade, ânsia de amar e ser amado, são características permanentes da juventude.

A criança do século passado, por não sofrer a influência do rádio, cinema, televisão, automóvel e avião, não podia ter a mesma mentalidade aparente da criança de hoje.

Em todas as épocas, os jovens têm tido modelos que chegam a transformar-se em ídolos.

Se a idade, o atavismo e a herança biológica influem na vida do indivíduo, conclui-se que no mesmo lar, tendo recebido a mesma educação, definem-se os caracteres.

Mas apesar disso, a educação, ao invés de perder, ganha prestígio, pois é capaz de corrigir defeitos morais e insuficiências desde que se empregue um método para cada temperamento, mas com persistência e sinceridade.

Embora não se possa evitar a crise da adolescência, é possível atenuá-la pela disciplina de vivências juvenis.

O perigo está dentro e será maior se o adolescente não encontrar ao redor de si o equilíbrio de que necessita.

Com maus modelos de programas de rádio, televisão e cinema, que desnorteiam e deseducam, será difícilimo preparar uma geração equilibrada de corpo e espírito.

A vida atual é agitadíssima: viagens, passeios, fins de semana movimentados, casa invadida, de manhã à noite, pelo rádio ou pela televisão, tornam-na obsessiva.

Rádio e televisão são recreações passivas que conduzem à ociosidade e à preguiça mental.

— Nesse meio ambiente restará tempo para estudar e meditar? — É possível ter a juventude ideais, se não tem tempo para refletir?

Acresce a tudo isso a deformação que sofre a vida infanto-juvenil com a dissolução progressiva da família e a morte da comunidade doméstica.

O aumento da criminalidade juvenil denota uma civilização amoral.

Afeto e compreensão dos adultos serão a melhor maneira de estabelecer uma união salvadora entre o progresso e a tradição, entre a juventude e a maturidade.

Mensagem à mulher

Pudor não é preconceito, criação do homem puramente artificial. É um sentimento que distingue a espécie humana e, na mulher, representa zelo pela honestidade física, respeito por si e pelo nome dos seus.

Os que defendem a teoria de saber tudo, olhando de perto, provam que jamais sentiram vontade de guardar contato com as forças superiores, de esforçar-se por eliminar tudo que se opõe ao verdadeiro desenvolvimento.

Embora sofra a influência de opiniões que divergem segundo a educação, o temperamento e sistema doutrinário, é um sentimento inato, reconhecido até pelos materialistas, se usarem de sinceridade.

É bom que saibam todos aqueles que o consideram como atitude burguesa, que as civilizações decaem quando nas sociedades impera o impudor. Em tal situação, a Roma antiga profanou a nobreza do casamento, corrompeu a raça, degenerou a família.

O pudor, tão antigo quanto a humanidade, encontra-se entre os povos mais atrasados embora com forma e graus diferentes.

Tem função, além de humana, social, pois ao desaparecer desagrega a sociedade e rebaixa o povo.

Considerado na forma mais evoluída, não tem apenas características sexuais, orienta-se também no sentido da dignidade humana. Entrelaçados, tais aspectos formam a verdadeira atitude moral.

A moda e a luxúria são seus fortes inimigos.

O pudor, que existe nas comunidades onde os costumes são mais puros, entendido como problema social, reclama o policiamento das civilizações.

Em tudo na vida há sonegação: existem mulheres que, com rara habilidade, simulam pudor para valorizar-se, agradar ao homem, conquistá-lo. Isto prova que o impudor é que as inferioriza.

Na puberdade, em que o sexo se manifesta de modo decisivo, pudor é a mola instintiva do freio.

Normalmente a adolescente dá muito valor ao corpo e presta muita atenção e cuidado ao vestuário, procurando exhibir as formas de um modo discreto ou escandaloso, segundo a orientação familiar.

Que triste espetáculo oferecem essas jovens gastas de tantas experiências, incapazes de temer emoções, dúbias ou turvas, movidas pela impaciência de conhecer a vida... mas que vida!...

— Poderão, corajosamente, construir um lar estável com o alicerce já gasto?

Um passado sem sombras é tranquilidade no presente e garantia no futuro.

Ignorando os apetites sensuais, a criança não sente os escrúpulos do pudor, embora o conserve em estado latente. Por isso mesmo desde cedo, deve ser educada na defesa dignificadora da vergonha, não expondo os órgãos aos olhares estranhos, não satisfazendo as necessidades corporais em público, não proferindo palavras de baixo calão como gracejo.

A vida atual permite à jovem a prática de esporte, liberdade de cultivar amizades, escolha de trabalho fora do lar, estudos, viagens, encontros, mas todas essas vantagens conspiram para caluniá-la, para expô-la ao ridículo, se não for educada, se não souber lutar contra os assaltos à dignidade, evitando tudo que vá de encontro à sensibilidade.

O mundo de hoje encerra uma série de transformações, mas as mutações também têm limites sem os quais passam a ser ilusórias quando não se tornam motivos de confusão e perturbação.

A par de todas as transformações, existe também o que é substancial e perene.

A posição da mulher no mundo assume tão grande responsabilidade que talvez ela mesma desconheça.

O impudor, que está grassando como epidemia, provocará desequilíbrio nas criadoras forças femininas, conduzindo o mundo à grave situação de suprimir mulheres sem conseguir criar homens.

O homem partícula universal

Quanta gente passa pela vida sem ter, realmente, vivido por falta de conhecimento de si e do universo.

O valor da vida é bem elevado, pois inclui, principalmente, coragem, vontade, esforço e reflexão.

O homem é uma miniatura do universo: força revestida de forma.

Como partícula da Inteligência Universal — Deus — cada criatura possui um poder criador. O essencial é conhecê-lo, desenvolvê-lo e fazer dele bom uso.

Os pensamentos não param, movimentam-se sem interrupção para dentro e para fora do indivíduo. O que de bom ou mau irradiam, espalha-se pelo mundo em grande parte e unem-se a outros por afinidade, acionados pela vontade. Não dependem de tempo nem espaço.

O mundo, portanto, está repleto de pensamentos bons e maus, cujas vibrações se refletem na consciência individual, produzindo efeito.

É indispensável evitar os pensamentos resultantes de reações emocionais errôneas, que só poderão prejudicar.

Pela repetição do modo de pensar, cada um pode subir ou descer.

A personalidade de Helen Keller (cega, surda e muda) é uma afirmativa de quanto é capaz de aperfeiçoamento o ser humano, quando age espiritualmente, vencendo todos os obstáculos que se prendem à debilidade do instrumento físico, o corpo.

A marcha dos séculos vem assistindo ao desenvolvimento da potencialidade mental do homem, com a qual, nos primeiros tempos, ele nem sonhava. Mas a luta contra as formas de vida para sobreviver, apesar da desumanidade dos próprios semelhantes, é a prova das forças superiores com que pode contar. Os que possuem a percepção desse poder são dotados de coragem, autoconfiança, autocontrole, idealizam o futuro e caminham ao seu encontro; fazem parte dos renovadores do mundo, benéficos da humanidade. Os que não pensam seguem-lhes os passos.

O poder criador do homem é faculdade extra-sensível e parte do universo.

Quem já não sentiu uma intuição, isto é, um impulso repentino e inexplicável que sente por alguém ou alguma coisa que fica gravado no subconsciente, quer seja medo, ódio ou amor, quer sejam preocupações ou bons pensamentos?

Os bons pensamentos se harmonizam com os que aí se encontram da mesma natureza. E, se nada os alterar, tomarão vulto e consistência, beneficiando individualmente.

É ainda o subconsciente, essa poderosa casa de força, que lança no universo percepções de coisas que jamais poderiam penetrar diretamente na consciência. O ser humano é, portanto, uma verdadeira estação receptora e transmissora do circuito universal.

É também o subconsciente o grande reservatório de acontecimentos adquiridos em vida próxima ou remota através da educação, reflexão e faculdade intuitiva.

Quanto mais o homem puder aprender para desenvolver e utilizar o poder pessoal, mais

poderosas serão as intuições, com mais facilidade fará experiências felizes, atraindo bons acontecimentos.

Não se pensa com palavras, mas com imagens. Tudo que se cria na mente torna-se real.

Ninguém vem ao mundo para ficar parado, mas para ajudar-se e ajudar o próximo.

Quem deseja realizar algum empreendimento, deve ter em vista, constantemente, o quadro mental da execução; sem abater os outros ou usar de fraudes. O resto correrá por conta do subconsciente que fornecerá idéias dentro de uma corrente perfeita que orientará sobre o caminho a seguir.

Só fracassa quem pensa na impossibilidade do êxito, quem se conserva amargurado e ressentido, dominado por quadros mentais de fraqueza, tristes e despidos de coragem. Essa é a pior das falências.

O trabalho que representa esforço nasce com o homem. Felizes são as mãos diligentes cujo labor valha a pena realizar. Tornar-se valoroso para si é ser útil a si, à comunidade, à pátria e ao mundo.

Urge ser hoje melhor de corpo e espírito do que foi ontem.

As células velhas morrem diariamente, mas são substituídas por outras, também as idéias são substituídas com o tempo pelas experiências adquiridas.

Viver é fazer bom uso da força interior, é conservar pensamentos construtivos e, valendo-se das experiências, examinar os fracassos, encontrar os erros cometidos e tentar outra vez.

A vida exige reflexão. Refletir é visualizar tudo que deve e deseja fazer com relaxamento do corpo físico. Tão delicada tarefa exige inspiração no amor e na alegria; com esteio na poderosa força do pensamento e ação dignificadora do trabalho.

Bagagem do Ano Velho

Meia-noite! Dezembro! Despede-se o Ano Velho, acompanhado do espocar dos foguetes e arrear dos tiros. O vozerio está empanturrado de álcool.

O Ano Velho leva uma grande bagagem: muita riqueza e sabedoria, mas bastante miséria e ignorância. Conteúdo dessa espécie desnortou muita gente em qualquer idade.

Ruas, praças e clubes estão repletos, mas as casas, vazias, porque a gente moça não suporta mais os adultos ditos “coroas” que perderam o jeito de educá-la.

Em alguns apartamentos se encontram pequenos grupos de vizinhos que, para abafar a solidão, se reúnem e, ao som de rádio ou vitrola, dão alguns passos, estremece o corpo e cantam no meio da sala.

Mas a crendice inunda as praias que estão repletas de gente de todas as classes, atirando ao mar flores, dinheiro e jóias...

Os filhos desertam de casa porque sentem, sem o saber, a nostalgia resultante do conflito conjugal dos pais. Desaprendeu o casal a estimular-se mutuamente para reunir ao clima de intimidade a prática do comunitarismo.

Família e sociedade se desagregam porque o mal de que todos se contaminam é o mesmo: anemia espiritual.

A casa paterna continua a ser imagem influente na alma humana, quer seja barraco, apartamento ou palácio. Mas não basta no meio ambiente do lar a consonância afetiva. Há necessidade de ascensão e prestígio que marcam relações normais de atitude e comportamento.

Nunca o mundo precisou tanto de educação da consciência. Educando-a é que o homem se abre ampla e sadiamente aos problemas do amor.

Amor é mola do mundo, não pode viver de sonhos, mas de criação: vida sadia, atividade equilibrada, realização de um trabalho que se ama, capaz de afastar muitas tentações.

O mundo será feliz quando houver aperfeiçoamento individual, solidariedade humana. Só desaparecerão conflitos de ideais e lealdade, quando se reformularem pais e professores.

Os jovens estão precisando de vigilância por serem imaturos: fazem julgamentos errôneos, anseiam por uma completa liberdade em que se inclui a afetiva e a moral. Idealizam uma vida desligada dos laços familiares e o mal livre de receios e sanções. Formam bandos perigosos porque nada criam. Falta-lhes compreensão porque respeito e disciplina se subordinam a exigências.

Os adultos criticam a mocidade para não serem julgados por ela.

A marca da juventude é o testemunho da vida que levam os adultos.

O controle da juventude não está pedindo uma eliminação, mas uma ajuda para respeitar o que é inaceitável. Não está no impedimento do exercício da liberdade, nem na autoridade que conduz à tirania dos impulsos; mas no estímulo à autonomia e à prática de arcar com as responsabilidades, no auxílio para conquistar, em todos os planos, maturidade.

E, por tudo isso, a bagagem se tornou tão pesada, que o Ano Velho resolveu oferecê-la ao Ano Novo por ser mais forte.

Sexo e espírito

Atualmente, o modo por que vem sendo encarada a sexualidade se reflete no desequilíbrio social. A vida humana, algo elevada, não pode reduzir-se à satisfação dos instintos, não pode ter como testemunho álcool, fumo e excesso de divertimentos. Voluntariamente vigiado, o instinto sexual perde violência.

Sexo é criação, que tem por finalidade o entrelaçamento de dois mundos: material e espiritual. A prova disso são os distúrbios causados pela sexualidade que não se prenda a sentimentos elevados.

É falsa toda filosofia que não revela no casamento um único objetivo: união de corpo e alma.

A vida sexual subordinada à consciência esclarecida é que distingue o ser humano da fera. A procura dos baixos prazeres sexuais perturba a existência.

Somente perdura a união conjugal, quando, no amor, se enquadram as características do sexo: o homem, assumindo a responsabilidade de poder, energia e segurança; a mulher, recebendo a necessária proteção para expandir-se na maternidade.

Tão íntima é a relação entre corpo e espírito, que quando o sexo não se define há desvios psíquicos que afastam o indivíduo da vida normal.

A liberdade excessiva que masculiniza a mulher, que a conduz à vida primitiva, reflete-se na sociedade, é o ponto de neurose contemporânea.

Sucumbiu a Grécia antiga, quando as jovens se confundiram com os rapazes, havendo, portanto, uma espécie de intersexualidade.

É doloroso assistir ao triste espetáculo das moças namorando durante altas horas da noite, pelas ruas ou dentro dos automóveis, numa ostentação de impudor e desamparo.

Embora a lei, muitas vezes, não possa agir preventivamente em crimes dessa natureza, está sempre à espera para intervir na consumação do fato. Mas é difícil resolver tal problema social, porque existe na sociedade a classe de criminosos seguros de impunidade — certos pais.

Atualmente o mal se agrava: o homem explora as paixões sexuais, excitando as fraquezas da mulher, que se perverte voluntariamente sem consciência da queda.

Urge que a mulher não se afaste da realidade da vida, respirando uma atmosfera artificial de luxo e divertimentos, de vaidades e vícios; que esteja sempre vigilante às tentações malsãs deste mundo para não se deixar levar pelas insuficiências.

O destino do mundo depende do conceito da vida que a mulher lhe confere.

Esposa ou mãe, tornando-se leviana e fútil, desagregará forçosamente a sociedade. Os filhos serão o que foram suas mães.

É necessário que a família atualize os princípios testemunhos da vida (amor, trabalho, responsabilidade) e encerre a matrícula na Escola da Rua que tanto a prejudica.

Uma aptidão, um temperamento são transmitidos: os filhos recebem dos ascendentes herança material, moral e fisiológica.

A hereditariedade é capaz de transmitir ao filho, sem distinção de sexo, taras e privilégios com os quais o herdeiro se prejudica ou se beneficia. Para isso possui livre arbítrio e vontade.

A inclusão de características femininas no homem, e vice-versa, depende da hereditariedade, dos erros de educação, da influência do meio social e profissional.

A educação que se firma em mimos exagerados e excessivos cuidados distorce os atributos do sexo: o homem perde as funções naturais de iniciativa, luta moral e intelectual; a mulher não se adapta ao casamento, por tornar-se intransigente ou flor de estufa.

Uma filha, ao herdar a energia do pai, pode masculinizar-se ou utilizá-la na boa direção da família, unindo-a ao grande poder intuitivo que lhe é inato.

Importa, desde cedo, estabelecer relações normais entre meninos e meninas, pois separar rigidamente os sexos é tão prejudicial quanto lhes dar educações idênticas numa completa promiscuidade.

As relações entre os sexos têm que conservar o equilíbrio de sempre. Embora a vida humana encerre uma série de transformações, há muita coisa que deve ser perene. Pretender masculinizar a mulher e afeminar o homem é visar seres assexuados.

O que se impõe é agir no sentido de valorizar as qualidades de cada sexo, corrigir as insuficiências e desvios num salutar convívio que compense e equilibre.

O homem e a mulher, sendo dois elementos opostos, se completam numa unidade.

Numa civilização mecânica

Somente com uma vida equilibrada é que esta geração encontrará meios de lutar contra um dos maiores defeitos da época — o nervosismo.

Os defeitos, por revelarem má adaptação ao mundo exterior, podem ser removidos.

O homem criou, com o desenvolvimento acelerado da ciência e da técnica, dificuldades à própria existência.

Está preso aos encargos materiais dos quais conseguirá libertar-se à medida que compreender as necessidades do espírito.

De nada valerão férias e horas de descanso numa vida agitada, cujo ritmo é a velocidade.

A sociedade moderna devora de tal modo que deixa a criatura privada da vida interior. As horas de folga são horas de afastamento do lar. Fazem desaparecer os indispensáveis momentos de intimidade familiar. O turbilhão fascina.

Não é de se esperar uma juventude estudiosa e comportada num clima de tensão nervosa, em que se encontram família e sociedade.

Em compensação, há muitas pessoas esclarecidas cientes da necessidade de preparar a nova geração.

Já se ensina a relaxar os músculos com grande proveito para repousar, e, nos domínios da alma, a acomodar-se a natureza humana às condições da vida. Mas tudo isso requer muito tempo, persistência e vontade.

Outrora, as relações entre pais e filhos eram fáceis: mundo mais sereno e estável, maior segurança individual. Qualquer processo educativo era válido.

Hoje, porém, sabe-se o abismo que se abre entre uma palmada calma e uma palmada nervosa: se aquela representa sanção justa, esta expressa revoltante injustiça.

São poucos os pais que educam serenamente, atendendo à voz do amor; mas são inúmeros os que, ao estado nervoso em que se encontram, reúnem os defeitos que trazem da infância.

Urge que o ser humano aprenda a preservar-se das conseqüências da agitação e do barulho desta civilização mecânica.

Controle de nervosismo é condição indispensável ao exercício da função educativa. Exige grande esforço porque a falta de jeito para educar é reflexo de quem encontrou no curso da evolução dificuldades acima das próprias forças e, depois, com o cônjuge.

Educar nos tempos que correm é tarefa tão importante quanto difícil. Exige serenidade e reflexão raramente conquistadas pelos pais no estado de nervos em que freqüentemente se encontram.

Embora o nervosismo da época decorra desta civilização, há meios de atenuá-lo sem dispêndio cansativo de esforço.

Importa que se reserve do tempo destinado ao trabalho e às distrações o que se deve às crianças. A presença dos pais é condição essencial para que se processe o desenvolvimento harmonioso dos filhos.

No exagero é que está o prejuízo: nem menosprezar a prole em proveito de futilidades, nem deixar de permitir-se o mínimo de desencanto tão útil a todos; nem dominar-se pelas emoções de raiva ou amargura, nem controlar-se a tal ponto de perder espontaneidade e prestígio.

Artificialmente calmos são os pais que, guardando dentro de si um vulcão em atividade, vivem angustiados e mudos, gastando energia inútil e excessivamente. Esquecem-se de que os filhos são antenas de intuição e, contagiados da amargura paterna, reagem de um modo incompreensível para os adultos não esclarecidos. Ficam instáveis, mal-humorados, indóceis, ansiosos pela explosão.

Educação é trabalho espiritual. Para realizá-lo com eficiência é preciso refletir sobre o modo de executá-lo: sabendo interromper-se quando houver cansaço a fim de conseguir novas forças e munir-se de bom-humor.

Pais impulsivos e coléricos são prejudiciais, a si e aos que os cercam. Formam, inconscientemente, um ambiente de insegurança porque são temidos pelos filhos e pelo cônjuge. Paira sempre uma tensão nervosa, reveladora de tempestade capaz de esmagar as crianças, tornando-as gagas ou tímidas por não poderem exprimir todo o drama que lhes vai na alma. Podem também optar por um sentimento de revolta — o que enfraquece os laços de amor indispensáveis à compreensão entre dois seres racionais.

O “Eu” – Essa incapacidade moral

Os agrupamentos humanos (nação e família) com dirigentes, subordinados e leis têm, como primeira condição, desprendimento do próprio interesse. Há, porém, a deturpá-los agentes destruidores que se chamam inveja, vaidade e orgulho, capazes de arrastá-los ao ódio e à luta.

Dirigentes e subordinados, movidos de baixos sentimentos, não chegam a entender-se. Ninguém cede, mas exige que o outro ceda; ninguém quer sacrificar o interesse próprio pelo interesse geral ou do companheiro. À tão lamentável situação reúnem-se amor-próprio, cólera e ignorância.

Dois cônjuges discutem por ninharias e chegam ao extremo das injúrias e brutalidades; uma palavra ou situação imprudente será capaz de desunir amigos ou irmãos.

Nas relações humanas, há necessidade de esquecer um pouco os próprios gostos e opiniões para suportar, embora por pouco, os gostos e opiniões dos outros. Será mais vantajoso ceder uma polegada que seja ao orgulho e à vaidade, que alimentar ressentimentos e cólera.

— Por que estar continuamente pronto para ofender quem não sabe suportar, sem irritação, qualquer ofensa?

O “eu” não está no coração que pulsa e nos pulmões que respiram, mas na força que domina a debilidade do corpo, no ser que raciocina, ri e sofre, mas tem como qualidade fundamental a vontade.

Embora agitado por sensações, emoções e lembranças, possui, para torná-lo vitorioso, vontade a dirigir-lhe os atos. Pode, por isso, ser soberano.

As paixões nada farão sem que ele decida.

A cólera resultante de uma ofensa ou palavra provocadora pouco depende da vontade, assemelha-se ao tremor do cão ao ver o dono apanhar o chicote, mas não desencadeará se houver oposição da força inteligente.

Desgraçadamente, há grande número de indivíduos que não possuem nenhum controle pessoal, que são privados do poder de inibição: o jogador diante do baralho, o ébrio, da garrafa, o sensual diante do sexo diferente. Aturdidos por forças diversas ou pelo álcool, comprometem a responsabilidade, cometem desatinos.

Não conseguir frear as paixões, não defender-se contra as excitações do momento, não dar atenção aos ensinamentos de experiências adquiridas e aos apelos da meditação é ser incapaz!

O homem se movimenta num mundo moral muito limitado! Falta-lhe o espírito crítico e analítico que permita distinguir o falso do verdadeiro.

A credice (incapacidade intelectual) da atualidade não é menor que a do passado.

Desconhecem-se ainda, com base científica, as forças que envolvem os seres, as quais não são percebidas pelos sentidos.

O homem é o universo em miniatura, a imagem deste mundo e de outros, mas todos envolvidos por variadas forças. Não deve, portanto, permanecer parado, mas procurar sempre pesquisar, começando por aquilo mais abordável e urgente: felicidade em lugar de desespero, força alegre em lugar de fraqueza lamentada.

Existe uma cadeia tão cerrada unindo os seres da mesma espécie, que um elo representa todos. É claro que o conhecimento dos recônditos de uma alma humana será suficiente para conhecer todos.

A vida, essa seqüência de irreparáveis adeuses, não deve ser aceita com lamentações. O contentamento resultante de uma atividade útil é recurso para sufocar a saudade.

O melhor da existência não será comparar-se aos grandes e nobres homens, mas olhar os que trabalham no asfalto de sol a sol.

Aceitar o que lhe for concedido não é desprezível.

Lamentavelmente, a capacidade humana se revela na degradação: satisfação no uso de drogas entorpecentes, no abuso do álcool e da orgia, na submissão à preguiça (instrumento ativo da miséria).

Que lastimável situação a do “eu” que, para encobrir vícios e alimentar paixões, imagina admiráveis argumentos. Ao invés do esperado, revela apenas a mente dominada por forças adversas.

Pobre “eu”! Tendo a seu serviço palavra, corpo, mãos e pés, não tem coragem de dirigi-los.

— Leitor desconhecido, por pequeno que seja teu “eu”, poderás elevá-lo voluntariamente, impondo silêncio à voz da animalidade e da inveja, das ambições e vaidades!

Palavras às mães

A vocês, Mães, que em maio recebem delicadas manifestações de afeto, são dirigidas estas palavras. Não representam conselhos, mas uma dádiva de tudo que estudei, observei e procurei compreender.

Maternidade é tarefa difícil que exige calma, otimismo e dinamismo.

Perturbação afetiva do pai e da mãe tem muita influência no comportamento dos filhos.

Por mais bem intencionados que sejam os pais, é sempre possível um engano que deturpe para sempre aquilo que eles têm a louvável intenção de formar.

A intranquilidade da época não só abusa como devora nossas energias, impedindo escutar a nós mesmas. Mas, se a intranquilidade nos rodeia, por que não reconhecer com honestidade que também está em torno de nossos filhos, quer sejam crianças ou adolescentes?

São estafados os educadores, principalmente os pais, e a estafa nervosa é altamente prejudicial.

A vida requer equilíbrio. Num lar tranqüilo, onde um dos filhos mereça grave sanção, o prejuízo não terá tanta importância. Mas, se a atmosfera familiar for carregada com freqüentes cenas, a mesma sanção poderá criar uma agressividade crônica, irremediável, nem mesmo com sinceras reconciliações.

Vivência em comum requer, mais do que domínio próprio, ambiente afetivamente harmonioso, benevolência recíproca que proporcione compreensão da personalidade do outro, visando mais qualidades que defeitos.

A causa de um filho difícil pode estar na infância, na própria adolescência ou em origens remotas (hereditariedade e atavismo), mas a influência do traumatismo afetivo dos pais é decisiva.

Urge que a mãe reconheça no bebê, pequenino e frágil, um ser em evolução que, aos dois ou três anos, ainda com personalidade nascente, procura firmar-se, opondo-se às ordens maternas.

Importa que ela se esclareça para não enfrentá-lo num combate desigual: de um lado, a força dominada por perturbação afetiva, do outro, a fraqueza. Bater com raiva ou sem razão poderá torná-lo desobediente e indisciplinado, movido por um sentimento de revolta contra o método autoritário. De acordo com o temperamento, poderá tornar-se indiferente, rancoroso ou hipócrita.

A criança esperneia, zanga-se, sapateia, quando o adulto a ela se opõe brutalmente ou sem paciência. É maneira confusa de sentir as coisas, de exigir do educador absoluto domínio próprio.

Adolescência é etapa que não se mostra inteiramente por si mesma. Quando se torna difícil, revela uma infância na mesma condição.

A história pessoal não tem o ponto zero no nascimento: temperamento é função de hereditariedade e atavismo. Se não houver correção na infância, a adolescência se tornará mais difícil do que o é, e a maturidade, mal adaptada às condições sociais.

Muito cuidado deve ter a mãe ao completar o filho sete anos, idade do raciocínio e da razão. Embora não estejam ainda firmadas as linhas mestras do caráter, a criança já possui fisionomia própria. Poderá ser castigada, desde que compreenda a razão do castigo.

A inabilidade dos pais resulta, quase sempre, da falta de controle pessoal.

Ao invés de a mãe deixar-se dominar pelos nervos por estar exausta, será muito produtivo munir-se de bom senso para sentir que o filho também pode conservar-se no mesmo estado.

Atitudes irritadas, violência, impaciência, raiva revoltam, humilham, criam antipatia.

Aos doze anos a criança revela uma espécie de parada fisiológica à espera da puberdade. Reúne e mobiliza força, reveste-se de certa docilidade à educação. Mas agindo mal, o educador só poderá corrigi-la com tato, comedimento e paciência.

Pais nervosos formam crianças nervosas. A falta de equilíbrio os impede de se aprofundarem para verificar que eles mesmos provocam o comportamento defeituoso nos filhos.

Educar-se é a mais produtiva das experiências.

Os adolescentes são difíceis porque aos dois ou três anos assim os deixaram ficar e, mais tarde, não souberam respeitar-lhes a latência dos doze anos.

É comum a crise juvenil: consiste num fenômeno de integração e desintegração: Diante de uma espécie de vazio, o adolescente procura e inventa outras razões de vida de que resultarão confusão e desequilíbrio se não for educado.

Mudança de civilização

Nova atitude mental, industrialização e democracia, três profundas tendências da vida moderna, exigem uma educação adequada.

O homem, compreendendo que possui o poder de pensar e provar pela experiência que o pensamento está certo, ganha mais confiança em si e nos próprios recursos.

Até mesmo as mentalidades mediócras aceitam as mudanças das instituições por serem feitas pelo homem e para o homem, visando ao progresso.

Evidencia-se o declínio do autoritarismo no problema educacional.

Mas importa que não se confunda autoritarismo com autoridade: aquele representa imposição de submissão e esta, conduta individual, aceita como necessária.

Autoridade é força que parte das qualidades do espírito, enquanto autoritarismo é superficial.

O abandono dessas duas forças pela confusão estabelecida redundou no caos em que se encontra o mundo.

Somente sob a direção de chefes sensatos, o futuro apresentará uma vida social-moral mais feliz, de costumes mais puros.

Se a vida moderna acarreta tantas exigências, em compensação oferece múltiplos apelos aos quais não tem havido resposta satisfatória.

Diante de um progresso cultural tão desigual, há necessidade de um impulso moral-social eficazmente compreendido: de uma vida com vários interesses para enriquecer e proporcionar satisfações íntimas.

Interesse único limita e asfixia.

A mentalidade moral do homem não parece estar à altura da situação.

Uma coerente visão de conjunto reguladora da moda e comportamento estacionou.

A vida familiar não se adaptou satisfatoriamente às condições do meio ambiente. Se alguns fatores, como melhoria de iluminação, meios de transporte e serviço de esgoto são favoráveis, o sistema de apartamento das cidades concorre para maus efeitos no lar.

O velho sistema da divisão da humanidade alimentada de ambições e ódio não interessa à geração que nasce, diante de um mundo em processo de integração.

Da industrialização resultou a integração social.

Outrora, a família era o agente industrial completado nas cidades. O aparecimento da máquina operou mudanças fundamentais.

Hoje, a matéria-prima vinda de longe ou de perto, a divisão do trabalho tornando o homem mais dependente concorrem para crescente interdependência mundial.

Junte-se a isto o aspecto intelectual resultante dos meios de comunicação (rádio e televisão, notadamente) favorecendo a disseminação de idéias.

Reúnem-se e cruzam-se pensamentos, formando poderosas forças despertadoras de consciências.

Expandem-se as cidades, multiplicam-se as fábricas, as multidões abandonam os campos e o homem percebe que, valendo menos cada dia, precisa alertar-se para poder viver.

Operários, empregados domésticos, chefes de família, depois do trabalho, analfabetos ou semi-analfabetos, com as mãos calejadas acorrem às escolas, pois não são indiferentes às responsabilidades sempre crescentes da vida. Estudantes, depois das aulas, dirigem-se aos diferentes cursos de especialização.

A crescente industrialização torna-se tão complexa que exige rigorosa especialização funcional do indivíduo, agregação individual e integração dos grupos para resolver problemas de mútuo interesse.

Democracia não se refere apenas à forma de governo, mas à sociedade e à família. Tem amplo sentido: esforço para uma vida moral, dando a cada um oportunidade de desenvolvimento e liberdade de atitude até o ponto que for possível.

O problema educacional, diante de tantas mudanças, começa a encontrar solução: aumenta-se o número de escolas, surge a obrigatoriedade de ensino, atende-se a indivíduos de qualquer idade, raça ou condição em diferentes cursos, mas o declínio educacional da família é notório. O lar reduziu-se a um lugar onde os seres de idade e sexo diferentes regressam para dormir e comer.

Se a escola não tomar a iniciativa da educação, a sociedade sucumbirá moralmente. Para assumir tanta responsabilidade, precisa de melhores processos de aprendizagem com uma mudança completa de compêndios, administração e objetivos.

A educação moral e cívica não será aprendida por meio de preleções e uso de compêndios, mas sentida pelo contágio de amor, justiça e trabalho em todas as atividades.

Atualmente, não se admite qualquer atividade sem aplicação da inteligência e do estudo. Mas se tal aplicação tem concorrido para o crescimento de bens materiais, estão esquecidos os altos valores do espírito que dão origem à fraternidade entre os homens.

Educação – Atividade contínua

Educação é atividade que não pode parar durante toda vida.

Os fatores que concorrerão na educação da criança se acham fixados no casamento dos pais que, conscientemente, procuram educar-se.

É decisiva no comportamento dos filhos a influência dos pais com pensamentos repletos de necessidades altruístas ou egoístas, aspirações grandiosas ou mesquinhas de acordo com o que sentem ou aprenderam de verdadeiro ou falso.

Embora a ciência considere saúde e hereditariedade condições dos procriadores, o lado psicológico merece apurado estudo.

Quantos espíritos torturados, caracteres deformados neste mundo são reflexos de pais, aparentemente cuidadosos, mas portadores de vícios e sofrimentos indelévels!

Se muitas vezes são os pais que educam mal, não raro acontece que o filho os eduque.

O estado psicológico e moral do pai, mas principalmente o da mãe, no período de gestação, repercutirá na vida daquele que se prepara para fazer neste mundo um estágio de aperfeiçoamento.

Filho bem nascido é gerado com amor e confiança recíprocos dos pais. Todo preparo individual que fizerem em relação ao caráter e estrutura moral será atividade influente na vida do futuro filho.

É dever de cada um preparar-se para a função do sexo: o homem, conseguindo resolver os problemas econômicos e sociais, a mulher, desprezando os sentimentos de inferioridade que a conduzem a diminuir-lhe o valor e o de tudo que lhe toca de perto.

O preparo do homem, marido e pai — mulher, esposa e mãe se relacionam intimamente às condições sexuais. Renunciar aos atributos do sexo ou tê-los como incentivo à animalidade é ir de encontro às leis naturais.

Harmonia entre os impulsos físicos, sentimentais, intelectuais e espirituais são fatores de estabilidade do lar, embora às vezes, sem essa harmonia, poderem as qualidades de um dos cônjuges germinar no outro.

O que vale no casamento não é festa nem lua-de-mel, mas o êxito conquistado através dos anos com todos os dias de tristeza, com todas as horas de sofrimento numa luta progressiva de estabilidade.

Não confunda a mulher o amor conjugal, tomando atitudes maternas, mas tenha cuidado com o aspecto pessoal sem prejuízo das condições econômicas da família. Desmazelo individual ou da casa alimenta decepção, mau humor e hostilidade.

O novo lar deve firmar-se na autonomia em relação às famílias de cada cônjuge, desde que não se transforme em egoísmo a dois.

O verdadeiro educador não pede à criança aquilo que não faz. Ela sente a discordância entre o que diz e faz o adulto, a quem deve obedecer.

Escolher a carreira do filho é destruir-lhe a iniciativa, é apagar um triunfo que não foi desejado.

Educação não se realiza com palavras ásperas, pancadas e castigos exagerados que pouco adiantam. Força física prejudica o desenvolvimento normal, aniquila a personalidade. Obediência cega redonda em escravidão, mas consciente é que cria indivíduos livres. As palavras produzem vibrações quando partem de sentimentos elevados: desejo e interesse de ajudar.

Educador é o que sabe estimular e entusiasmar simpatia e amor.

Urge, porém, que seja firme e hábil para não atingir o ridículo da bondade exagerada.

Educação tem único objetivo: fazer da criança um ser independente, capaz de querer aquilo que pode e poder aquilo que quer (pura educação da vontade).

Mas isso não significa que se deixe a criança fazer o que bem entende em casa, na rua ou escola. Educar é ensinar alguém a submeter-se à autoridade e integrar-se à comunidade, sem coação.

Por ignorarem que as dificuldades encontradas para educar os filhos dependem deles é que os pais lhes atribuem todos os defeitos.

Fazer um pai compreender que é agressivo com os filhos por ter sido outrora humilhado e castigado injustamente é tarefa tão difícil quanto útil.

Lição de alto valor

Querida:

Acabo de receber, pelo correio, sua carta.

Ao lê-la, notei que, intranquila como está, não consegue a paz interior tão necessária ao espírito, a qual tem que partir de Você mesma.

O espírito precisa de tranqüilidade para satisfazer as inúmeras atribuições que lhe são conferidas; dignidade pessoal, constituição de família, subsistência do corpo.

A vida, minha amiga, é a melhor mestra, de cujas lições, sempre proveitosas, a de mais alto valor se refere à importância do pensamento.

Viver é envolver-se num encadeamento de fatos determinados por leis naturais. Somente por meio do pensamento é que se consegue desvencilhar-se deles.

A pessoa é o que pensa e recebe o que merece.

O que atrapalha, porém, o ser humano, por vaidade ou ignorância, é fazer um julgamento errado de si mesmo.

Não tenha a menor dúvida a respeito do que passo a revelar-lhe:

Se Você pensar em coisas que causam medo e doenças, será medrosa e não gozará saúde. Se for dominada por sentimento de autopiedade, dificilmente conquistará simpatias.

É feliz quem tem pensamentos felizes.

Poderio e riqueza, se dão alegria, acarretam também sérios problemas. A vida de Napoleão é um exemplo: rico, poderoso e coberto de vitórias, num momento de desafogo, em Santa Helena, confessou não ter tido em toda a sua vida seis dias de felicidade.

Atitude mental exerce poderosa influência sobre o corpo e o espírito.

Os ditos “milagres” que surgem de quando em quando são conseqüências de uma decidida vontade impulsionada pela força do pensamento.

Não são as situações exteriores que causam sofrimento, mas o que se pensa a respeito delas.

— Não se deixe dominar pelas emoções. Procure raciocinar para que a razão não se torne insensível. Todo erro resulta da falta de equilíbrio mental. Higienize tanto o corpo como a alma. Desânimo enfraquece o espírito de cuja energia depende a vitalidade do corpo.

Problemas, minha querida, são próprios da vida. Não há quem não os possua. Tente resolvê-los com calma, raciocinando, mas sem queixumes impregnados de amargura. Tenha a coragem de não esperar que as situações se acomodem aos seus desejos. Você é que se deve adaptar a elas com resoluções acertadas: não esperando gratidão, mas procurando praticá-las; não guardando ninharias num **montão** de aborrecimentos, mas buscando ocupações que lhe sejam agradáveis.

Amor não se pede, dá-se.

— Você me disse na carta que está passando bem, mas sinto nessas palavras uma expressão de tristeza, um olhar embaciado pelo sofrimento.

Experimente agir como se tudo estivesse correndo normalmente.

Bem sei que o começo será muito difícil, mas se Você for compreendendo que tristeza e desânimo contagiam os que lhe são caros, sentirá realmente necessidade de não desanimar. E tudo se acomodará certamente.

Tão predominante é a ação do pensamento, que o próprio doente é capaz de melhorar as condições do corpo.

Felicidade é bem-estar, é coisa que vem de dentro. Baseia-se na estabilidade emocional para suportar os embates de cada dia; no esquecimento das amarguras passadas; na valentia de não temer o que possa acontecer no futuro.

Cuidar do corpo não o desperdiçando, mas alimentando-o racionalmente é condição indispensável a uma longa vida saudável.

Ser franco nos julgamentos e não dar importância à crítica destrutiva são meios de encontrar tranquilidade.

Esta carta contém o melhor que possuo para oferecer-lhe: **a lição de mais alto valor que me deu a vida.**

Uma integração benéfica

São tantas as transformações da época em que se vive, que sugerem a esperança de um mundo melhor, onde se respire bem-estar e paz social.

Mas a civilização industrial, esquecendo a grandeza da generosidade humana, atingiu a família, distanciou as gerações.

A vida das pessoas que passam dos quarenta anos tornou-se tão diferente quanto a dos jovens que facilmente se adaptaram à do grupo. Subtraindo-se a convivência familiar, a sociedade tomou um aspecto sombrio porque os jovens ficaram insubmissos.

O lar mudou-se da casa particular com jardim, quintal e luz para o apartamento cujos edifícios são verdadeiras colmeias.

Surgiu o grupo, clã, e com tanta influência, que conseguiu apagar ou enfraquecer a individualidade. Hoje, é ele que impõe preferências, hábitos e moda, aproveitando-se da propaganda.

Completamente dominados, os jovens tornam-se incapazes de manifestar abertamente os sentimentos. São como diamantes brutos, sem lapidação.

Tal situação não permanece somente no ambiente familiar: espalha-se, aumenta, atingindo a vida funcional.

Sente-se nas palavras e nos gestos da mocidade o desejo sem lógica de impor aos mais idosos um silêncio que lhe proporcione toda liberdade ou ceda-lhe o lugar.

O dinheiro é o agente deformador que afasta os que passam dos trinta e cinco anos aproximadamente das empresas e serviços públicos. Longevidade, atualmente, é fator de desempregos.

O afastamento dos membros do lar onde cada um passa o menor número de horas, ocupando-se com seus problemas, é índice de falta de personalidade.

Os mais velhos só têm um dilema: concordar com a situação ou ficar abandonados a si mesmos.

Renunciando em benefício das crianças e dos adolescentes, induzem-nos a fazer tudo por conta própria, o que é um perigo.

A solidariedade das gerações tem que permanecer porque uma completa a outra. Os jovens precisam da maturidade e experiência dos mais idosos para se orientarem. Embora com vivências diferentes, as gerações não devem ser contraditórias.

O lar, apesar de ter deixado de ser o lugar repousante, cedendo parte de suas funções ao clã, a família continuará espiritualizada e moderada desde que compreenda que as gerações têm o compromisso de se integrarem.

Filhos não vêm ao mundo para hostilizar os pais, nem os netos, os avós, mas para se amarem, entenderem-se, vivendo e trabalhando juntos e felizes.

Só entram em conflito, quando não compreendem que o envelhecimento como uma fase da vida não deve ser menosprezado.

Sentimentos não dependem de idade, mas do grau de espiritualidade.

Por ser partícula de Deus, o Grande Foco, o indivíduo possui espírito, que é luz a guiá-lo no processo de esclarecimento, poder e aperfeiçoamento.

Quem envelhece, merece a mesma atenção dispensada a todos, ao menos como gesto de valorização da pessoa humana.

A idade não retira do homem a alegria de viver nem a força do espírito.

Envelhecimento nem sempre é sinal de senilidade e decrepitude. Não são raras as criaturas que aos setenta anos ainda dão provas de capacidade e eficiência.

Aprendendo a pensar

Aprender a pensar nos dias que correm é necessidade imperiosa.

A vida oferece múltiplas oportunidades que são aproveitadas quando se faz da mente um depósito de fatos. Compreendê-las e aproveitá-las é progredir espiritual e materialmente.

O valor pessoal não está na linhagem, raça, medidas do corpo ou nos diplomas escolares, mas na grandeza dos pensamentos.

A humanidade anda esquecida de que o ser humano, superior aos irracionais, tem faculdades mentais a serem desenvolvidas. Foge-lhe o equilíbrio mental, a consciência de si mesmo, o poder do raciocínio, a capacidade de percepção. São atributos espirituais, sem os quais não há vida bem vivida.

Paira uma indignidade moral, fruto da indignidade mental. A ética é tão grosseira, que se mata a sangue frio, por prazer; que não se compreende que somente o trabalho honesto dá o direito de viver; que se apaga o sentimento de solidariedade.

Tranquilidade e paz interior têm preço: deveres consigo mesmo, com a família e sociedade.

Não basta reconhecer-se para extinguir os vícios e atenuar as fraquezas; urge também vislumbrar valores para utilizá-los.

Cada pensamento retrata um quadro, uma imagem através da palavra. Quem fala ou escreve, projeta nos outros uma imagem.

Maledicência é projeção desagradável que deturpa o caráter.

Queixar-se continuamente da vida é criar quadros que, fixados no subconsciente, são portadores de situações infelizes.

A pessoa que convive com a criança, visando-lhe somente os defeitos, prejudica-a. Imaginar, porém, tudo de bom que o futuro poderá oferecer-lhe, educando-a, é tomar-lhe a mão e juntas trilharem o caminho do progresso.

Pensamentos construtivos animam, despertam confiança e alegria. Alegria é comunicativa, mantém saúde; a tristeza é concentrada, encurta a vida.

Os fatos devem ser encarados como devem acontecer, mas não como estão acontecendo; as coisas não são como estão, mas como poderão ficar.

O que importa é não perder tempo.

Para resolver problemas que merecem preocupação, nada melhor que meditação nos momentos de calma, seguida de diligência ininterrupta com interesse e atenção.

O valor da vida não está no que se tem, mas no que se planeja para obter.

Só permanece à beira da estrada quem nunca iniciou coisa alguma.

Manter o corpo e a mente em atividade é despertar qualidades adormecidas; ficar parado é atrofiá-las.

A aposentadoria aos sessenta anos coloca o indivíduo na triste situação de não trabalhar física e mentalmente.

Saúde e gosto pelo trabalho dão ao indivíduo ação produtiva aos setenta anos ou um pouco mais.

Trabalho não é castigo, mas prêmio.

Trabalho e serenidade despertam confiança recíproca, dão equilíbrio na balança dos afetos familiares.

Só pode mandar quem aprendeu a obedecer.

A única maneira de ter um amigo é ser amigo.

Tratamento inamistoso é projeção desvantajosa.

Convém não esquecer nunca que se recebe em troca o reflexo do que se projeta mentalmente.

O único meio de conquistar o outro é pensar nele, visando-lhe as qualidades.

Quem faz algo por alguém, fã-lo por si mesmo.

A lei da reciprocidade, como natural, é imutável, quaisquer que sejam as circunstâncias e situações.

Mensagem de amor

Amor, esse dom de si e consciência dos outros, deve ser a mola mestra da vida, mas no comportamento da esposa e mãe torna-se um imperativo.

Observando-o é que se compreende a fidelidade e segurança que a mulher exige do marido.

Se tais condições são necessárias ao homem para sua expansão, é indispensável ao desenvolvimento dos filhos.

Tanta importância tem o amor no casamento, que a mulher só pode ser totalmente mãe, se for uma esposa feliz.

Aprendendo a grandeza do amor da esposa, compreendendo a responsabilidade que lhe cabe, o homem verá, além das satisfações individuais, condições necessárias a uma união indestrutível.

Casamento não pode ser encarado como formalidade social, mas como necessidade de amar.

Desorganiza-se a vida, os casamentos diminuem ou tornam-se instáveis, para uma forte propaganda de amor livre. E as crianças, mais numerosas e abandonadas, sofrem desesperadamente. Propaga-se o amor livre. O título é contraditório porque amor significa união, dependência entre dois seres. Seria melhor trocá-lo por desejo livre. A ideia contida é uma possibilidade de retomar a liberdade depois de unir-se a alguém, de abandonar o outro sem medir as consequências desse abandono. É dar uma prova de egoísmo, preferindo-se contra o cônjuge e os filhos.

Escravidão não se encontra no que representa amor, mas em tudo que for imposto pelas paixões.

O egoísta, incapaz de sair de si, não tem liberdade.

Sair de si para o outro, unir-se, amá-lo, criando trocas e juntos frutificarem não é aprisionar.

Ao homem egoísta, fechado, falta-lhe generosidade, capacidade de amar.

O amor, a princípio repleto de poesia e ilusões, depois... impregnado de moral, menos brilhante, porém, mais profundo e duradouro é o que exigem as relações matrimoniais.

A mulher ensina o homem a submeter o mais possível, à vida sexual, as exigências do amor. Estabilidade no casamento é consequência de freio na sexualidade.

Educar para o amor é necessidade vital: esforço para colocar-se no lugar do próximo e compreendê-lo, adestramento à confiança e expressão de si mesmo.

O homem só pode elevar-se ao plano da consciência se conseguir arrancar os grilhões do individualismo. O que vive solitário, que não entendeu o sentido do amor feminino, resseca-se.

A mulher possui extraordinária possibilidade de desabrochamento se transfigurar sensibilidade. Diante do amor, não pode admiti-lo, pela própria estrutura, como um passatempo;

mas é capaz de expandir-se quando sente que a oferta de si mesma é recebida como um dom definitivo.

Fidelidade recíproca e definitiva, tão importante na vida matrimonial, reflete-se no meio ambiente de carinho, repouso, calma e intimidade.

Para a mulher, a dádiva do corpo é mais uma consequência e garantia de estabilidade.

Obscuro se torna o casamento sem que os cônjuges tenham atingido o grau adulto do amor. Cada um caminha tateando, exposto a desvios e numerosos erros.

Os conflitos familiares refletem carência de amor.

Maternidade desperta na mulher sentimentos de interdependência dos seres, expressão de amor, quebra o estreito quadro do individualismo.

Ao tornar-se mãe, a mulher adquire maturidade, vive a dois, pensa por dois, vive para o outro. E o homem aprende a amar, quando lhe observa a atitude diante desse amor.

Vida conjugal bem sucedida distribui benefícios: a esposa aprende com o marido o senso da autonomia, o domínio da sensibilidade, a submissão da vida à constante reflexão; o homem, ao contato da mulher, desabrocha a sensibilidade, o sentido do outro, aprende a amar.

Delicadeza mantém o amor

Se é justo censurar criança ou adolescente difíceis pela ausência de esforço e falta de domínio próprio, será honesto dividir as responsabilidades embora sem dizer que não encontraram alguém que soubesse cativá-los, compreendê-los e orientá-los.

Educar, mais do que função, é dever. A criança traz uma finalidade insubstituível e precisa de ajuda para conquistá-la e desenvolvê-la.

A educação é tarefa árdua, principalmente nos tempos que correm, em que industrialização e urbanização, pondo a mãe fora de casa, são fatores desintegradores do lar.

O que vale na vida não é só cultura, mas progresso espiritual revelado através das qualidades, sentimentos, atitudes e hábitos.

Tudo que se adquire neste mundo vem por intuição. Mas as boas intuições dependem de um ambiente (pessoas e coisas) onde haja acordo, compreensão mútua, ordem e tranquilidade: Pais que se compreendem mutuamente, o bastante para se apreciarem e estimarem, proporcionam aos filhos livre desenvolvimento.

A criança e o adolescente têm necessidade de ambiente que lhe favoreça a satisfação de seus interesses e valorizações.

Embora os pais sintam pelos filhos amor, nem sempre existe simpatia e delicadeza recíprocas, pois fatores psicológicos fazem parte de vivência em comum. No apelo a tais fatores está a solução deste problema tão difícil: fazer da criança ou do adolescente um ser **verdadeiramente humano**.

Amor se alimenta com delicadeza e carinho. Se há filhos que podem dispensá-los sem prejuízo excessivo por serem mais evoluídos, nem por isso se deve esquecer que o apelo à sensibilidade é a única forma de educar.

Mas utilizar a sensibilidade não significa abandono de autoridade.

Observando bem, encontra-se sempre no filho difícil uma perturbação afetiva. Recíproca atitude agressiva dos pais (violência, raiva, vingança, teimosia) provoca criança reincidente no erro.

Tornar-se afetivo para compreender os filhos não é demonstração de fraqueza, mas conquista de ascendência e estima. Quanto menos agressiva e depressiva for a maneira de agir dos pais e parentes, menor também o será da criança ou do adolescente.

É bom que os pais compreendam que seus desentendimentos recíprocos perturbam o desenvolvimento dos filhos que, mais tarde, talvez, não cheguem a compreender a razão de suas fraquezas e defeitos tão prejudiciais ao progresso material e moral.

Nada mais contraditório que ver na deformação individual o efeito sem pesquisar a causa. Julgar os filhos responsáveis por todas as falhas é um erro.

O que a criança tem de inato relaciona-se com o que fizerem dela as influências exteriores.

Por mais equilibrado que seja o filho, não poderá crescer, progredir e transformar-se harmoniosamente num meio onde não haja harmonia.

A agressividade da criança pode estar nas necessidades psicológicas, nas reações do caráter ou na autêntica personalidade, mas a educação não tem outra finalidade que não seja prevenir e curar o erro.

O princípio preventivo consiste em evitar que a criança ou o adolescente fique difícil ou mais difícil do que é, proporcionando-lhe mútuo entendimento, apelando à sensibilidade para ela sentir que é estimada.

Se os resultados não forem muito satisfatórios, o único meio é distender o meio ambiente para torná-lo mais acessível e tonificante.

Meio tonificante não significa conforto material nem satisfação de todas as vontades: as provas duras enrijam o caráter, afinam a sensibilidade. Clima tonificante é o que proporciona experiências que despertem aceitação de ordem e disciplina para uma vida mais fácil, que incute a noção de direitos e deveres, do esforço como agente de utilidade.

Não faltam na família oportunidades para educar pela responsabilidade na obtenção da autonomia; para combater a agressividade pelo cultivo da delicadeza para a conservação do amor.

Abasteça-se para escolher

O andamento da vida moderna se modifica com tal rapidez, que o indivíduo tem que preparar-se para enfrentá-lo, aprendendo a viver.

Não será esta época de confusão e temores um aviso ao homem de que ele pode conquistar o mundo, mas não deve perder a alma?

Hoje, viver é criar forças para suportar o volume de angústias que envolve o mundo, é enfrentar corajosamente a dominante brutalidade de sentimentos.

A humanidade anda aflita por não encontrar segurança. Desaparecem os padrões de comportamento, aos quais está sujeito cada grupo social. Os membros da família agem a seu bel-prazer, não atendendo ao que a sociedade deles espera. Tradição e opinião pública, agentes de controle, estão sumindo.

O homem, embora moderno, não pode fugir à sua perfeição original, deve, portanto, ser ensinado e conduzido. Real valor terá toda contribuição individual para ensiná-lo e conduzi-lo, embora seja uma migalha, diante da grandiosidade do universo.

Amparado ou não pela religião, filosofia e psicologia, tem que aprender que a vida não consiste apenas em comer, dormir e procurar divertimentos.

O desenvolvimento crescente da técnica nos últimos tempos vem sendo tal, que ainda não encontrou entrosamento nos grupos sociais.

A sociedade não está preparada para recebê-lo, e daí surgem as crises. Desenvolvimento técnico deve gerar progresso social, mas não crises.

A vida humana tem valor inestimável.

Quem deseja aproveitá-la, tem que aprender a verdade: lutar consigo mesmo para ajudar a força criadora que o acompanha a realizar o que deve fazer.

Para tanto, impõe-se abandono de sentimentos limitados que induzem a imaginar que alguma coisa é impossível, que arrastam submissão aos erros cometidos.

O espírito, essa força criadora que nos ilumina, perturba-se num ambiente de ódio, vingança e libertinagem.

O bem atrai o bem, como o mal atrai o mal. Essa é a lei natural.

Tudo que for levado para o consciente, aí ficará retido, se não houver um ato de reconhecimento, resolução e boa vontade para modificar o quadro mental.

— Surgiu um aborrecimento causado por alguém que disse ou fez? Importa não guardar tal lembrança cujo efeito será prejudicial porque refletirá em doença, distúrbio físico ou infeliz experiência.

— Será tão difícil empregar todo o esforço para apagar fatos desagradáveis do presente que atrairão similares no futuro?

A vida humana é uma só e tem que firmar-se neste princípio imutável e perfeito: caminhos entre dois marcos: o berço e o túmulo.

Os caminhos são diferentes e livres, mas todos repletos de sofrimento, oferecem obstáculos. Do abastecimento espiritual depende a escolha do que risca certo.

As menores atitudes na vida são válidas e muito mais do que dizem as aparências.

O que vale mesmo é a prática do bem para sentir a satisfação de uma vida sadia: trabalhar sempre sem identificar o trabalho com cansaço e idade; reunir pensamentos que animem; não permitir que no fim do dia as horas se tornem imprestáveis com cansaço e irritação.

— Por que prender-se ao espaço de tempo que já passou, julgando que nada mais pode aprender? A ociosidade amolece o espírito.

— Que adianta praticar o mal, se mais tarde, sofrido de remorsos, se certificará de que não valeu a pena?

A você, estudante

Nesta época do ano em que se pesam valores estudantis e se realizam exames vestibulares, não é demais dirigir-lhe estas palavras.

Você tem muito que estudar na aurora da vida. Mas o estudo se refere não só à atividade mental, mas também à física e moral. Você tem que estudar o próprio corpo que cresce, desenvolve e se transforma; a sensibilidade que se agita diante de sonhos e anseios; os conflitos íntimos do presente e do passado que se avivam... E acrescente-se certo ressentimento por não ser compreendido e respeitado como merece.

Felicito-o por prosseguir, apesar de tudo, na descoberta e pesquisa do maior tesouro que se

tem na vida: a sabedoria.

Além do cumprimento, mais estes lembretes:

Procure compreender a necessidade de assimilar à individualidade o que não aprendeu nos livros didáticos: caráter e ideal.

Sua alma anseia por servir a causas nobres e problemas universais. Mesmo sem desejar ser o primeiro da turma, não se descuide dos deveres de estudante. Evite cair no abismo do mau aluno para não tornar-se humilhado, ironizado pelos mestres, desvalorizado pelos colegas. O progresso nos estudos só lhe trará vantagens. Pior do que o aluno inferior, revoltado com a nota baixa, a protestar contra suposta injustiça da banca, é a máscara do conformismo a encobrir a amargura da insegurança.

Insucesso repetido gera deformação mental, desintegração de caráter por desenvolver insensibilidade no cumprimento dos deveres. Suas idéias amadurecerão pelo sofrimento e exercício do viver em grupos bem relacionados na disciplina mental e corporal.

Procure ser o animador do grupo em que estuda, despertando as boas formas de comportamento e atitude de acordo com seu crescimento mental... mas também moral. Comunique-se aos colegas com tal entusiasmo que atinja o subconsciente, influenciando nas suas reações.

Procure descobrir em si para despertar nos colegas qualidades humanas.

Não dê ouvidos aos infelizes que mofam ao vê-lo corrigir-se de vícios e fraquezas.

Reúna forças que dêem alimento sadio à imaginação, planejando um trabalho de arte ou utilidade.

Não desperdice a riqueza de energia que possui na gravidade de uma vida medíocre com satisfação exclusiva de prazeres, vaidades e festas.

Nas relações sociais, muito cuidado com as técnicas de sedução, degradação do amor e implicação de vícios.

Estude bem suas amizades: calam profundamente no seu ânimo jovem tão receptivo. Talvez você nem desconfie que tudo que lhe vem por meio delas tem probabilidade de entrar profundamente, embora não o sinta. Mas algumas, meu caro Estudante, semelhantes aos cogumelos, são tão venenosas quanto tentadoras. Observe-lhes os traços dos quais o mais vivo se chama egoísmo. As gozadoras exploram prazeres excitantes; as frívolas voam como mariposas sem pensar nos sofrimentos que provocam.

Muitas vezes, você tem um sentimento instintivo de desconfiança, quando fala com os mais velhos. Observe-os antes de criticá-los, pois são portadores de experiências.

Sempre houve uma brecha entre gerações diferentes, a qual se torna maior à proporção que o mundo se desenvolve num turbilhão.

Importa, porém, que a mocidade, consciente da responsabilidade que lhe conferem pais e educadores, encare os perigos a que se expõe e reconsidere seus próprios problemas, para não se deixar arrastar no automatismo da vida atual.